

PRÁTICAS ESTRANHAS AO ESPIRITISMO

UMA ABORDAGEM FRATERNA



Jarbas Leone Varanda
Lenice Varanda
Leonel Varanda
Roberto Salgado G. Filho

PRÁTICAS
ESTRANHAS AO
ESPIRITISMO
UMA ABORDAGEM FRATERNA

Uberlândia, MG
2024





INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÚVIA

Departamento de Comunicação Difusão Doutrinária

2ª Revisão – Agosto/2024

Autores Intelectuais

Jarbas Leone Varanda

Lenice S. Varanda

Leonel S. Varanda

Roberto Salgado G. Filho

Capa e Revisão

Guilherme Leone A. Pereira

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para o Instituto Espírita da Caridade Luz de Lúvia. Proibida a reprodução total ou parcial da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da editora nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P925

1.ed. Práticas estranhas ao espiritismo: uma abordagem fraterna / Jarbas Leone Varanda; Lenice Varanda; Leonel Varanda; Roberto Salgado G. Filho.

Ilustração de capa e revisão: Guilherme Leone A. Pereira. - 1.ed. -

Uberlândia, MG: Regência e Arte Editora, 2024.

148 p.; il.; 15 x 21 cm.

ISBN 978-65-86906-54-7

1. Espiritismo - Doutrinas. 2. Espiritismo - Estudo e ensino. 3. Mediunidade. 4. Psicografia. I. Varanda, Jarbas Leone. II. Varanda, Lenice. III. Varanda, Leonel. IV. G. Filho, Roberto Salgado.

Índice para catálogo sistemático:

1. Doutrina espírita: Espiritismo 133.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	5
APRESENTAÇÃO.....	7
Jarbas Leone Varanda : Uma Justa Homenagem.....	9
Práticas Estranhas ao Espiritismo: Uma Abordagem Fraternal.....	17
Músicas Diferentes para um Livro Diferente.....	20
CAPÍTULO I: O Caráter da Revelação Espírita	24
CAPÍTULO II: Os Pequenos Grupos Espíritas.....	35
CAPÍTULO III: Os Contornos do Elitismo e as Práticas Estranhas....	41
CAPÍTULO IV: Profissionalismo Religioso na Dimensão Espírita...49	49
CAPÍTULO V: Práticas Estranhas ao Espiritismo.....	65
A. Eventos Espíritas Pagos.....	69
B. O Elitismo e o Personalismo na Dimensão Espírita.....	79
C. Instituições Espíritas Classistas.....	89
D. As Terapêuticas Espíritas e os Modismos Mediúnicos.....	91
E. Modismos mediúnicos: Desobsessão por Corrente Magnética..	64
CAPÍTULO VI: Opúsculo - Jesus, Kardec e o Elitismo (Jarbas Leone Varanda).....	109
CAPÍTULO VII: Pinga-Fogo - Dúvidas E Perguntas Frequentes em Relação à Doutrina dos Espíritos.....	127
CAPÍTULO VIII: Considerações Finais.....	141



PREFÁCIO



Chico Xavier e Jarbas Varanda

Fonte: Acervo da família Jarbas Varanda

Os Livretos Doutrinários que aqui se descortinam são uma expressão nítida e real dos passos incansáveis ao Mestre, nosso bem maior. Desnecessário falar deste irmão em Cristo, que traz na humildade e na serenidade do coração as mais belas conjunturas espirituais abraçadas pelo Espiritismo Consolador. Tivera o prazer do convívio familiar com este nobre espírito, não me deixando dúvidas de sua inquietude no desvendar da Doutrina Espírita. Desvendar sim! A cada Livreto um convite ao conhecimento da Luz que brilha no firmamento. Leonel Varanda, quem sabe, inspirado pelo alto, carrega no intelecto as vibrações de nosso Mentor Espiritual Eurípedes Barsanulfo, baluarte da Terceira Revelação no Triângulo Mineiro.

Justo dizer que pouco contribuí para este luminoso trabalho que se inicia com a objetividade e clareza de um coração puro e emergente para o Plano Maior. Sua dedicação ao Espiritismo, explode, hoje, em mananciais de Luz, norteando o conhecimento da Doutrina. No resgate do Cristianismo redivivo, os Livretos Doutrinários chegam com esta missão: que possamos compreender a Luz do Evangelho de Cristo, segundo o Espiritismo, o verdadeiro sentido de nossa vida encarnatória e plural.

Não estamos mais na condição de fazedores do destino, mas no cumprimento dos desígnios de Deus. Me despeço num largo sorriso, na



certeza de que tudo caminha para a execução dos Planos Divinos, com a retomada da humildade e perseverança do bem crescer, em consonância com a máxima de Jesus na prática da caridade e amor ao próximo. Abençoada seja esta nova empreitada de nosso Instituto da Caridade Luz de Livia, que, particularmente, me sinto envolto para as lides da nossa Doutrina Espírita.

Jarbas Leone Varanda

Mensagem recebida no Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia, no dia 14/07/2017,
pela médium Lenice Sivieri Varanda



APRESENTAÇÃO

O Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia nos apresenta a oportunidade do esclarecimento, através da publicação de importantes chamadas da espiritualidade, na forma de livretos básicos doutrinários, cujo conteúdo deverá refletir o pensamento contido nas obras da Codificação, para o serviço de difusão da ideia espírita. Nada de novo que pudesse chamar a atenção para outros aspectos da Doutrina Espírita, mas, simplesmente, numa ordem diferente, baseado no pressuposto de que a ideia espírita é um manancial riquíssimo de valores e ensinamentos.

Uma forma simples e prática para o entendimento de uma Doutrina que pertence aos Espíritos, e cuja direção superior nos conclama para a fidelidade aos postulados Espíritos, pois que representam, na atualidade, a maior fonte de informações para a compreensão de nossa posição de Espíritos eternos, conscientes e responsáveis perante a vida.

Nesses livretos, encontraremos a Doutrina Espírita, livre e dinâmica, que espelha o propósito de concretizar a tarefa de consolador prometido, direcionando os esforços dos Espíritos para a finalidade básica do Espiritismo, que se encontra na revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus.

E, nesse sentido, vamos verificar a luminosa coerência entre o edifício da Codificação, base que se sustenta na lógica e na simplicidade de Kardec, com a obra extraordinária do médium Francisco Cândido Xavier que nos remete à vivência Cristã, em sua pureza original.

Chico Xavier, ao dar sentido à obra de Kardec, em sua aplicação prática, vivendo e sofrendo os princípios espíritas em toda a sua plenitude, desde a compreensão e aceitação absoluta dos desígnios de Deus, até às esperanças e consolações, quando materializou a coletânea de mensagens de entes queridos, que subiram aos céus em forma de reconhecimento e amor, deixa, a toda humanidade, a expressão máxima do Espiritismo, a sua finalidade principal, na feição do Consolador.



Portanto, a tarefa reservada ao Instituto Luz de Livia, com a publicação dos livretos doutrinários, é dar visibilidade simples e prática à Doutrina Espírita, apoiada, principalmente, na lógica de Kardec e na luz de Chico Xavier. Um ajuste perfeito, unindo teoria e prática, que busca a substância do Espiritismo, e que se acha personificada na mensagem permanente do Evangelho, expressão fiel da mensagem do Salvador, o Cristo de Deus.

Lenice Sivieri Varanda
Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia
Uberlândia, primavera de 2017



PERFIL BIOGRÁFICO



Jarbas Leone Varanda

Uma Justa Homenagem

As anotações biográficas, aqui registradas, nasceram de nossa gratidão e profundo respeito a um Espírito que se notabilizou pela sua cultura, simplicidade e um discernimento extraordinário, no tocante às questões doutrinárias do Espiritismo, e Religiosas em geral. Além disso, Jarbas foi o primeiro e único Espírita a realizar um tratado e, porque não dizer, um estudo aprofundado sobre o Elitismo, concluído em 1984, e intitulado **Jesus, Kardec e o Elitismo**. Após este perfil biográfico, apresentaremos o estudo completo, sobre o Elitismo, escrito por uma das mentes mais brilhantes, a serviço do Cristo, em terras do Triângulo Mineiro. Estas páginas, portanto, representam um tributo de gratidão e de admiração ao Jarbas Leone Varanda que ficou conhecido nas lides judiciárias como um brilhante advogado, mas, também, na seara espírita, como escritor, jornalista e orador de reconhecidos méritos pela cultura e simplicidade de sua palavra sempre oportuna.

Uma manhã fria de outono e uma casa simples da periferia da Cidade do Prata aguardam a chegada de uma nova criança. Estamos no dia 18 de abril de 1929, data do renascimento de um dos mais lúcidos Espíritos que tivemos a oportunidade de conviver. Filho de Maria do Carmo Varanda, dedicada e amorosa professora, e de Pelópidas Fonseca, distinto advogado



com militância judiciária na Cidade de Uberaba. Até aos 13 anos de idade foi educado, apenas, por sua Mãe, ao lado de suas irmãs, Eleusa Varanda e Lídia Varanda, tendo passado sua infância e primeira mocidade na Cidade do Prata. Digno de nota é a influência de sua Mãe na consolidação de seus valores morais. D. Maria os educara de uma forma austera, mas sensivelmente carinhosa, valorizando atributos como o amor ao estudo, dedicação ao trabalho, respeito ao próximo, honestidade e simplicidade nas manifestações. Sua mãe tinha verdadeira fascinação pelos filhos, tendo acompanhado a vida do Jarbas de muito perto, e estando presente em todos os eventos em que o filho se apresentava ou conquistava o reconhecimento da sociedade. Quem conheceu D. Maria Varanda pode sentir a beleza de seu coração, sua infinita ternura e sua dedicação aos filhos.

Na Cidade do Prata, juntamente com suas irmãs, Eleusa e Lídia, recebeu as primeiras instruções relativas ao ensino fundamental, através da dedicação materna. Dona Maria Varanda foi professora e, principalmente, orientadora dos filhos até a conclusão da escola primária e ginásial. Vivia uma vida simples, rodeada de dificuldades financeiras, mas contando com a amizade de famílias ilustres da Cidade, como a família Novais, em cujo seio encontrou não somente amizade, mas também amparo e proteção. Paulo de Castro Novais, Sócrates Novais, Geraldo Novais, e tantos outros que se transformaram em sua família pelos laços espirituais e que sempre estiveram presentes em seu coração, associados a belíssimos sentimentos de gratidão e respeito. O jovem Jarbas se caracterizava por um acendrado amor pelos estudos, sendo reconhecida sua inteligência e vivacidade. Ainda menino, trabalhou a serviço do Cinema local pregando cartazes de filmes e, depois de algum tempo, passou a ser lanterninha durante as sessões de Cinema. Ele, juntamente com seu inseparável amigo Geraldo Novais, adorava a 7ª arte. Colecionavam revistas, trechos de filmes e começaram a apreciar e conhecer diretores, produtores e artistas. Esta paixão ele conservou até seus últimos dias, possuindo em Uberaba um acervo cinematográfico de rara beleza.

Em 1942, quando os filhos já haviam concluído o Ginásio, Dona Maria se vê cercada por inúmeras dificuldades e resolve, então, enviar uma carta ao advogado Pelópidas Fonseca, que residia em Uberaba. Na carta, ela solicitava ajuda para que os filhos pudessem ser amparados materialmente e prosseguir os estudos. Uma carta escrita entre lágrimas e esperanças.



Amparado pelo Pai, passa a residir em Ribeirão Preto, no período de 1944 a 1946, fazendo o curso clássico, como preparatório para seu ingresso na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Em Ribeirão Preto, toma contato com **“O Livro dos Espíritos”**, obra básica e clássica da Doutrina Espírita, um enorme compêndio filosófico, que tratava as grandes questões metafísicas, como a existência de Deus e a imortalidade da Alma, levando-o a tornar-se espírita convicto desde a mocidade. Costumava afirmar que na metade da leitura de **“O Livro dos Espíritos”** ele já se considerava Espírita, pois os ensinamentos e a lógica da Doutrina já estavam impregnados em sua subconsciência.

Em 1947 inicia o Curso de Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. Durante 05 (cinco) anos permanece em Belo Horizonte. Nesse período o Pai faleceu. As dificuldades o levaram a trabalhar para se manter no Curso de Direito. Amante dos estudos, Jarbas, paralelamente aos estudos acadêmicos, participava das aulas de filosofia ao lado do amigo Pratense, Geraldo Novais.

A partir de 1953, quando conclui o curso de Direito, se transfere definitivamente para Uberaba para o exercício de sua profissão. O casamento com Heloísa aconteceu no dia 08 de dezembro de 1955. A cerimônia é realizada na residência dos pais de Heloísa, situada à Rua Capitão Domingos, 128. Com o passar dos anos chegam os filhos: Lívia, que mais tarde se formaria em jornalismo; Luciano que se dedicaria à medicina; Leonel, à engenharia; Lília, advogada e economista; Lenice, jornalista, e Leonardo, que abraçaria a mesma profissão do Pai, advogado.

Em 1953, Jarbas inicia seus trabalhos profissionais e, a partir de 1956, instala seu escritório de Advocacia na residência dos Pais de Heloísa. Tem início uma carreira profissional brilhante. Jarbas dedicou grande parte de sua laboriosa existência ao exercício profissional no campo do Direito. Tornou-se conhecido pelos seus trabalhos jurídicos e sua contribuição à OAB - Ordem dos Advogados do Brasil, tendo sido, inclusive, Presidente da instituição por dois mandatos. Durante vinte anos contribuiu, com competência e desinteresse pessoal, para a consolidação da OAB em Uberaba e no Estado de Minas Gerais.

Em 1º de Maio de 1956 ingressou na Sociedade de Educação do Triângulo Mineiro, como professor na Faculdade de Direito de Uberaba, exercendo esta atividade até o dia 1º de fevereiro de 1986. Notabilizou-se como professor na área de Direito Civil. Muito querido e estimado pelos



alunos em função de sua cultura, dedicação ao exercício da magistratura e sua capacidade de contagiar as mentes e os corações através de sua oratória brilhante e influente.

Neste ensaio biográfico seria impossível falar do Jarbas Varanda sem mencionar seu idealismo pela ideia espírita e sua contribuição à difusão dos princípios doutrinários e ao movimento de unificação. Jarbas foi sempre um Espírita convicto. Seu devotamento à causa espírita tornou-se um belo exemplo de união entre a cultura da inteligência e a humildade de coração, já que era dotado de títulos acadêmicos, uma cultura geral, uma inteligência rara, um discernimento extraordinário e que, apesar disso, não se distanciava das práticas simples preconizadas pela Doutrina Espírita. Quem conheceu o Jarbas na intimidade, seja na tenda de trabalho humilde de Antuza, nas peregrinações a famílias carentes, no culto de assistência fraterna (campanha do quilo), ou mesmo portas adentro do serviço de unificação, teve a oportunidade de sentir a beleza da militância espírita modelada pelo ambiente de pura simplicidade, que somente o Espiritismo, na atualidade, é capaz de favorecer. E essa integração somente foi possível porque o Jarbas conseguia unir sua inteligência e cultura aos valores do coração, além de valorizar os ambientes humildes e os simples de coração.

A presença de Chico Xavier em Uberaba, a partir de 1959, favorece, ainda mais, seu entusiasmo pela ideia espírita e, na prática, torna-se responsável, junto a denodados companheiros do Triângulo Mineiro, pela unificação dos Espíritas em torno da Codificação Espírita. No campo da administração espírita, setor que se afeiçoou com muito interesse e competência, deixou uma folha de serviços prestados através de um intenso trabalho no campo da unificação junto à AME de Uberaba e do Conselho Regional Espírita do Triângulo Mineiro.

Merece destaque sua contribuição na criação das Alianças Municipais Espíritas do Triângulo Mineiro, na elaboração de estatutos para os Centros Espíritas e orientações concernentes a seu registro, com o objetivo de dar personalidade jurídica às entidades nascentes, e idealizado de uma forma simples e prática. Além disso, colaborou ativamente, junto a denodados companheiros do Triângulo Mineiro, na concretização de um dos mais admiráveis movimentos de confraternização do país: a COMMETRIM - Confraternização de Mocidades e Madurezas Espíritas do Triângulo Mineiro. Sua experiência e idealismo, no campo da unificação, produziu frutos importantes para o movimento no Triângulo Mineiro, já que os



Centros Espíritas passaram a estudar de forma sistemática a Doutrina, e houve uma dinamização geral para a troca de experiências doutrinárias. Desde sua criação, em 1964, manteve-se fiel às origens do movimento em cujas bases encontramos sua organização e funcionamento, sustentadas por duas reuniões prévias e divididas em departamentos de trabalho. A especialização de tarefas constituía-se num dos objetivos fundamentais, além da troca de experiências e a dinamização do movimento.

Tendo sido o idealizador da maioria das Alianças Municipais Espíritas da Região do Triângulo Mineiro, e no ideal de contribuir pela eficácia da Administração das Instituições Espíritas, apresentou-se como um ativo colaborador no serviço de unificação, tendo sido eleito, durante vários anos, Presidente da AME de Uberaba. Dotado de um caráter ilibado e de firmes convicções, sua palavra, sempre oportuna, representava um ponto de esclarecimento e de referência em função de sua autoridade moral, sua cultura geral e um discernimento extraordinário, peculiar dos espíritos mais esclarecidos. Sua capacidade de síntese contribuiu para o aproveitamento do tempo e das oportunidades que a seara espírita oferece. Esta particularidade, Jarbas utilizou de forma brilhante através da elaboração e realização de palestras doutrinárias no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e em várias Cidades do País. Possuidor do dom da oratória, sabia conduzir seu raciocínio de forma lógica e empolgante, envolvendo a todos que o ouviam na atmosfera dos princípios Espíritas, e abordando temas filosóficos, científicos ou religiosos com muita simplicidade e objetividade.

No setor da administração espírita colaborou de forma intensa para o entendimento do modo de ser da Doutrina Espírita, quanto à sua origem, natureza e finalidade. E, nesse particular, recordava-nos o Jarbas que se a finalidade da Doutrina Espírita é a revivescência do Cristianismo Primitivo, os Centros Espíritas deveriam realizar, na prática, este objetivo, colaborando, de forma concreta, para a consolidação desta finalidade e, para isso, deveriam manter, apenas, as práticas simples, como o passe, a prece, a água fluidificada, as chamadas sessões de desobsessão, as sessões de curas espirituais, associadas a médiuns especializados de efeitos físicos e psicofonia, materializações com fins terapêuticos, receituário homeopático, a sopa fraterna, vibrações à distância e outras modalidades que guardem fidelidade a Jesus e a Kardec. Além disso, manter um ambiente de pura fraternidade entre seus membros.



A partir deste entendimento lançou um opúsculo denominado **“Jesus, Kardec e o Elitismo”** onde procura esclarecer as diversas formas de manifestação do elitismo, sua possibilidade de estar presente na prática espírita e as formas terapêuticas de combate às atitudes elitistas. Recordava, com frequência, a advertência inserida no livro **“O Evangelho Segundo o Espiritismo”** de que **“todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana...”** e, também, a afirmativa do filósofo espiritualista Leon Denis de que **“o espiritismo seria o que dele os homens fizessem”**.

Combateu com vigor todas as práticas estranhas ao Espiritismo visando assegurar a simplicidade na militância espírita. Condenava como prática totalmente estranha à Doutrina Espírita, o **PROFISSIONALISMO RELIGIOSO**, através do pagamento, sob qualquer forma, pelos serviços prestados ao movimento, como por exemplo, inscrições e taxas em encontros e conferências; despesas com oradores ou médiuns, ainda que a título beneficente, lembrando o que Chico Xavier disse: **“jamais seria capaz de participar de um evento em que as pessoas precisassem pagar para me ver! Daria o que tivesse no bolso para ir embora!...”**.

Em 1988 é lançado pela UEM-União Espírita Mineira seu primeiro Livro, **Bases do Espiritismo**, e em 1992, dando prosseguimento a seus estudos, é editado a segunda parte de **Bases do Espiritismo**. Merecem destaque suas afirmativas: **“Em nosso livro “BASES DO ESPIRITISMO”, tivemos oportunidade de ressaltar no “Modo de Ser da Religião Espírita”, que dela estão ausentes as “MANIFESTAÇÕES EXTERIORES”, próprias das religiões formalistas ou ritualísticas, inexistindo, dessa forma, em seu seio, rituais, práticas elitistas, contrárias ao Espiritismo, bem como profissionalismo religioso, inerentes ao sacerdócio organizado com chefia humana, práticas exteriores nos Centros ou Casas Espíritas. Assim, quaisquer atos que lembrem as cerimônias de casamento, batizado, como por exemplo uma prece, uma palestra – que, na verdade, não passam de “disfarces”, que denotam a nossa profunda ligação com as religiões tradicionais, são verdadeiros exemplos de práticas estranhas ao Espiritismo.**

Também é prática estranha à Doutrina Espírita o uso de vestimentas especiais ou crachás para distinção das pessoas, a título de propaganda de qualquer atividade que se faça. O Espiritismo, tal como o Cristianismo, é a negação da existência de altares, oratórios, velas, incensos, mirra, fumo, água benta, novenas, talismãs, amuletos, orações miraculosas,



“bentinhos”, concessão de indulgências, cartomancia, quiromancia, “tarôs”, promessas e despachos, “pontos e cruzeiros”, termos exóticos ou heteróclitos para designação de seres e coisas, por não se coadunarem com a pureza e a simplicidade, apanágios do Cristianismo primitivo que o Espiritismo revive”. (Bases do Espiritismo)

Também constituem práticas estranhas à Doutrina codificada por Kardec, a introdução de atividades vinculadas à liturgia católica, a exemplo do que acontece com a Páscoa e outras que vão penetrando sutilmente em nosso movimento. Nesse sentido, encontramos evangelizadores que comemoram a Páscoa, nas aulas de evangelização da criança e jovens, distribuindo “ovos de chocolate” e outros símbolos. Assim, não há que comemorar a chamada “Semana Santa”, “Sábado de Aleluia”, “Corpus Christi”. Tais datas não fazem parte do calendário espírita, visto que são revestidas de fundo ritualístico, fugindo à simplicidade de nossa Doutrina, uma vez que ela não possui práticas exteriores, símbolos, fórmulas e convenções. Também constitui prática estranha ao Espiritismo os “modismos mediúnicos”, tais como “**chromoterapia**”, “**crystalterapia**”, “**projeclologia**”, “**práticas yogas**” e “**parapsicológicas**”, “**regressão de memória**”, prática esta última considerada por Chico Xavier (“Lições de Sabedoria”) mais indicada ao campo da Ciência, devendo ser restrita ao campo da psicanálise, mas nunca no Centro Espírita. (Bases do Espiritismo)

Durante mais de 50 anos colaborou na difusão do Espiritismo através de artigos e palestras. Seus estudos e experiências, em termos de aprendizado ao longo dos anos, estão presentes nos periódicos “A Flama Espírita”, “O Triângulo Espírita”, “O Reformador”, “Vida Espírita”, “Anuário Espírita”, entre os nacionais, e “Constância” de Buenos Aires. Devemos registrar que o periódico “O Triângulo Espírita” foi editado, publicado e distribuído durante 35 anos, a partir de setembro de 1966, sob sua responsabilidade e com recursos próprios, evidenciando seu idealismo pela ideia espírita. E uma particularidade interessante é que nas páginas do “Triângulo Espírita”, encontramos o registro dos principais fatos que



marcaram a presença de Chico Xavier em Uberaba. Historicamente é uma obra de valor inestimável e que foi preservada, existindo uma cópia encadernada na sede da Secretaria da AME de Uberaba.

Procurou utilizar a imprensa espírita não somente para a difusão de princípios espíritas, mas, também, como fonte de documentação histórica a respeito da vida, da obra e das atividades do médium Chico Xavier, por quem sempre teve profundo respeito e admiração. Tudo o que se referia ao médium era divulgado com o objetivo de registro histórico, esclarecimento e consolo. Com sua lucidez e discernimento doutrinário sempre se colocou ao lado de Chico Xavier colaborando para que a figura do médium não sofresse qualquer tipo de ataque e que ele fosse preservado de crítica inadequada. Talvez, ainda hoje, muitos espíritas não tenham noção da grandeza de Chico Xavier e da importância de sua obra mediúnica no desdobramento da Codificação. Trata-se, sem dúvida alguma, de uma fonte cristalina e pura colocada a serviço de Jesus no trabalho de implantação, na Terra do Cruzeiro, de seu Evangelho redentor e redivivo, com absoluta fidelidade aos princípios fundamentais da Doutrina Espírita.

Contribuiu, durante anos, na Rádio Sociedade de Uberaba, antiga PRE-5, com o programa semanal “Ondas de Luz”, utilizado pela CEC – Comunhão Espírita Cristã, para a difusão da ideia espírita. Através desse programa realizou diversas entrevistas com o médium Chico Xavier, inclusive quando do retorno do médium de suas viagens aos Estados Unidos e Europa, acompanhado dos amigos Jorge Rizzini e Waldo Vieira.

Seu entusiasmo pela profissão e militância espírita sempre encontraram repercussão na mente e no coração dos companheiros de ideal. Até o final de sua existência manteve-se fiel aos compromissos assumidos, inclusive próximo dos familiares, como pai amoroso, esposo dedicado e conselheiro lúcido e amigo. Jarbas, após um processo lento de desarmonia orgânica, entrega o corpo à natureza no dia 15 de outubro de 2003. Sua desencarnação foi sentida em toda Uberaba, em cujo seio havia conquistado o respeito e a admiração. Deixa uma folha admirável de serviços prestados à Sociedade, seja através do exercício de sua profissão, na organização do lar, na educação dos filhos, na prática da caridade ou na difusão da ideia espírita, pela qual estava convicto de sua importância na renovação mental e moral dos homens e, como consequência, da renovação do cenário social.

Leonel Sivieri Varanda

Uberlândia, primavera de 2018



PRÁTICAS ESTRANHAS AO ESPIRITISMO UMA ABORDAGEM FRATERNA



Allan Kardec

Quando do estudo e análise das práticas estranhas ao Espiritismo, o nosso propósito foi o de estabelecer, de forma clara e racional, um ponto de contato entre o pensamento revelador do Codificador e as diversas manifestações práticas do movimento espírita, tendo como ponto de partida as características da Revelação Espírita, expressas no Capítulo I do livro “A Gênese”.

O estudo da Doutrina Espírita passa pela análise e conhecimento desse capítulo, tendo em vista estarem relacionados os aspectos principais que fundamentam o corpo doutrinário do Espiritismo. Nesse capítulo, Kardec estrutura a Doutrina no sentido de análise, pesquisa e comprovação da realidade espiritual. Mas, destaca que a Revelação é divina e da iniciativa dos Espíritos, portanto a Revelação Espírita deve chegar até nós, os encarnados, por via mediúmica, obedecendo à Lei do Controle Universal dos Ensinamentos dos Espíritos. É justamente no momento em que Kardec nos revela o Espiritismo na condição do Consolador Prometido por Jesus, estudo esse já fundamentado no Cap. VI do livro **“O Evangelho Segundo o Espiritismo”**, que a revelação se ilumina, em sentido espiritual, dando coerência ao objetivo finalista da Doutrina Espírita. O Cristo está no leme de todo o processo religioso, que vem ganhando, cada vez mais, contornos de uma religião dinâmica, espiritual e centralizada no processo evolutivo civilizatório.



Portanto, a partir da revelação de seu caráter histórico de Consolador Prometido, tendo como finalidade básica a revivescência das tradições simples do Cristianismo Primitivo, o Espiritismo somente poderia incorporar práticas que estivessem saturadas de apelos espirituais, despidas de aparatos exteriores, e que falassem à Alma, “a grande esquecida em todos os tempos da humanidade”, conforme nos afirma o Educador Emmanuel, no livro O Consolador.

O ser humano precisa compreender sua condição de ser eterno e responsável perante a lei de Deus, desligando-se dos aparatos místicos, exteriores, e sem significado para a alma imortal. Nesse sentido é que encontramos os estudiosos da Doutrina Espírita trabalhando pela conscientização e aplicação prática do modo de ser da Religião Espírita, totalmente desprovida de manifestações exteriores, próprias das religiões formalistas ou ritualísticas, pois sem significado para os destinos da Alma Imortal.

Por esse motivo, apesar de o Espiritismo respeitar as outras religiões e a crença de cada um, não se apresenta como uma Religião Ecumênica ou ritualística, mas com um corpo doutrinário próprio, e, por isso mesmo, não admitindo em suas práticas altares, oratórios, velas, incensos, água benta, novenas, talismãs, amuletos, fórmulas cabalísticas, orações miraculosas, práticas de cristalterapia, cromoterapia, cartomancia e despachos, por não se harmonizarem com a pureza e a simplicidade do Cristianismo primitivo. Apesar da insistência de muitos adeptos pela incorporação de práticas humanas, temos necessidade de organizar uma consciência espírita, na base da filosofia simples do Evangelho, conforme nos afirma Emmanuel, no livro “Deus Conosco”.

É importante ressaltar, tendo em vista a finalidade básica da terceira revelação, que nas manifestações de Nosso Senhor Jesus, no Cristianismo nascente, não foi admitido qualquer tipo de aparato físico, de fundo ritualístico, que pudesse empanar o brilho das manifestações da Alma imortal. O diálogo de Jesus com a Samaritana (João 4,1-26), de uma beleza inigualável, deveria ser estudado com mais profundidade por todos aqueles que prezam a transcendência espiritual, pois que no encontro, Jesus reporta-se aos valores espirituais em detrimentos dos materiais, em nossa comunhão com o Criador.

Portanto, com essa visão espiritual, transcendente, dinâmica e desprovida de qualquer pensamento místico, é que nos libertamos na



direção de princípios espirituais, base fundamental para promover nosso entendimento a respeito das práticas verdadeiramente espíritas.

Finalizando, deixamos o pensamento de que na base da Doutrina Espírita encontramos os postulados fundamentais da Religião do Cristo, fonte primária de nossas descobertas e pedra angular de todo o edifício da Religião Espírita, e que, por isso mesmo, deve estar isenta de qualquer prática que seja estranha ao processo de iluminação da Alma, pois que Jesus sempre estabeleceu uma relação espiritual com Deus e o próximo, sem qualquer apelo aos sentidos materiais.



MÚSICAS DIFERENTES PARA UM LIVRO DIFERENTE

ENVIAR LUZ À PROFUNDEZA DO CORAÇÃO HUMANO
É DEVER DO ARTISTA

(Robert Shumann)

A vida é som.

Continuamente estamos cercados de sons e ruídos oriundos da natureza e de várias formas de vida que ele produz.

Borbulhavam as águas, ribombavam os trovões, sussurravam as folhas ao vento e o homem falava e cantava há incalculáveis milhares de anos.

Grande foi sempre a influência da música sobre a mente humana.

O trovão, amedrontador, tornou-se símbolo dos poderes celestiais. No ulular dos ventos percebia o homem a voz dos demônios. Habitantes do litoral conheciam o bom ou mau humor dos deuses pelo bramir das águas. Os ecos eram oráculos e as vozes dos animais, revelações.

Religião e música mantiveram-se inseparavelmente ligadas nos antigos tempos da humanidade.

Música é parte da vida para exprimir sentimentos, desde a canção do berço até a canção da morte, desde a dança ritual até a cura dos doentes pela melodia e pelo ritmo.

Mas os efeitos da música, no decorrer dos milênios deu espaço a variedades ilimitadas.

Hoje devemos distinguir duas coisas diferentes, a música de apreciação artística e a música popular e do povo.



No presente livro, fizemos uma abordagem da música popular e do povo, embora com apreciação artística, pela importância de suas letras que definem com clareza, cada uma delas, os fundamentos de uma Religião que cresce aos olhos racionais de uma fé inabalável: a Doutrina dos Espíritos. Vamos mais além e identificamos Práticas Estranhas à Doutrina dos Espíritos apresentando nas músicas direcionamentos precisos de conduta e lealdade a seus Princípios Doutrinários.

Um pequeno álbum de músicas Espíritas que foram inspiradas pelo alto com o objetivo de popularizar as Bases do Espiritismo, nos convidando a uma nova perspectiva de música religiosa.

Para isso, basta entrar no link do *QR Code* abaixo, acessar o álbum e apreciar as canções.

A vida é som.

Som é movimento.

Movimento é vida!

Vida é música diferente para um livro diferente!



Capítulo I

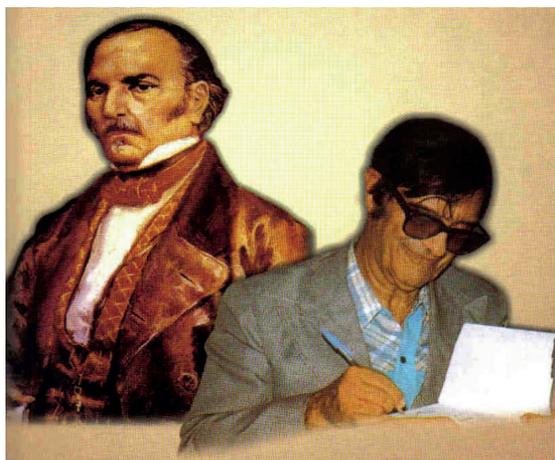
O CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

SUA FINALIDADE BÁSICA





O CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA SUA FINALIDADE BÁSICA



Allan Kardec e Chico Xavier, continuidade perfeita no esclarecimento da 3ª Revelação.

O movimento espírita encontra-se, na atualidade, na confluência de diversas tendências humanas, abrindo-se precedentes para a incorporação de práticas estranhas ao corpo doutrinário. A busca da verdade, através da incorporação de práticas místicas ou ritualísticas, tem sido a tônica fundamental nesse caminho percorrido pelo ser humano. Nos parece que o Espírito humano não se contenta com a simplicidade espiritual da vida, com a simplicidade da Doutrina, negando-se a viver, simplesmente, pelos caminhos do Espírito. E na origem dessas manifestações encontra-se a busca incessante pela novidade, práticas novidadeiras que procuram substituir a necessidade do esforço pessoal na tarefa de renovação íntima.

Evidente, portanto, a necessidade de buscar a fonte divina das orientações, preservando, entretanto, o direito do ser humano ao raciocínio lógico, à razão, que representa a sua participação na construção da consciência espírita. Apesar desse direito inalienável, devemos considerar que a Doutrina Espírita é revelação divina, cuja característica principal deve ser a verdade, sendo necessária, portanto, uma atitude centralizada na humildade, no estudo metódico e constante das obras básicas, para que não venhamos a fazer do Espiritismo mais uma Doutrina de características falíveis e adaptada às características humanas.



Segundo Allan Kardec, a Doutrina Espírita é fruto da iniciativa dos Espíritos, sob a égide do Espírito da Verdade, portanto, o Espiritismo se apresenta como nosso legítimo orientador, ou seja, no movimento Espírita o nosso maior órgão orientador é a própria Doutrina, com seus postulados fundamentais. Esse caráter impessoal da Doutrina tem o sentido de evitar o que fizeram os homens com o Cristianismo, a partir do momento em que introduziram interpretações humanas totalmente distanciadas do pensamento original do Cristo. Assim como a Religião do Cristo passou pelo processo de humanização, com a incorporação de dogmas e rituais que a revestiram de características humanas, o Espiritismo, também, está sujeito à incorporação de práticas estranhas ao corpo doutrinário. Nesse sentido, é oportuno recordar o pensamento do Codificador.

“No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram” (*Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. VI*).

Os Espíritos Superiores apresentaram a Doutrina Espírita com o selo da universalidade e, sobretudo, com o caráter impessoal, ou seja, trata-se de uma Doutrina que se encontra sob a responsabilidade do Espírito da Verdade, representando, portanto, o pensamento do Cristo. Por isso mesmo, podemos reafirmar que a Doutrina Espírita, com seus princípios fundamentais, deve ser caracterizada como nosso maior órgão orientador, em todas as dúvidas doutrinárias, sendo esse, o principal antídoto contra as interferências humanas.

Este sentido da Doutrina Espírita, de origem divina e de caráter impessoal, caracteriza-se como uma barreira a todos os que pretendem introduzir modificações ou corporificar em seu movimento práticas contrárias à sua natureza e finalidade, principalmente aquelas que nascem da necessidade de materializar o sentimento religioso ou produto de puro personalismo.

Tendo em vista que nosso objetivo é relacionar e estudar, à luz do raciocínio lógico e dos ensinamentos dos Espíritos superiores, que nos chegaram através do pensamento inspirado de Allan Kardec, às tendências atuais na aplicação prática da Doutrina, teremos que considerar, em primeiro lugar, as orientações presentes no Cap. I do Livro A Gênese, intitulado “O Caráter da Revelação Espírita”.

O estudo desse capítulo pode ser considerado como uma das principais portas de acesso ao entendimento do Espiritismo, e, por isso



mesmo, deve merecer de todo estudante da Doutrina, um estudo sério, pois que nos abre espaço para a compreensão de suas principais características.

Em primeiro lugar, Allan Kardec, nos mostra o caráter transcendente e divino do Espiritismo, e que a Doutrina Espírita sendo uma revelação, na acepção da palavra, está assentada na verdade, pois toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação deixa de ter o sentido divino e, por isso mesmo, não pode emanar de Deus.

Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado de um desígnio premeditado do homem; participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum; por não serem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.

Como primeira observação, devemos compreender que a Revelação Espírita é Divina, e tem como iniciativa o ensino dos Espíritos, ou seja, de forma natural e espontânea, deve ser o canal mediúnico a fonte dos esclarecimentos espirituais, devendo o adepto racionalizar, observar e pesquisar, através do raciocínio e do livre-arbítrio, fazendo parte de uma compreensão racional, a fé raciocinada.

Observa-se, portanto, que as revelações (e inclusive as atualizações da obra dos Espíritos), devem vir por vias mediúnicas, passando pelo critério estabelecido pelo discernimento do Codificador, que é o **“Controle Universal do Ensino dos Espíritos”**. Esse critério está disponível na Introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. “Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade.”, afirma Allan Kardec.



Agora, o que os Espíritas não podem fazer é inverter o processo revelatório, tomando a si a responsabilidade da iniciativa, ou seja, a revelação deve ter características divinas, ou seja, ser da iniciativa dos Espíritos, pelas vias mediúnicas. Devido a relevância do tema para o movimento Espírita, o assunto foi analisado por Kardec, na introdução do Evangelho Segundo o Espiritismo, sendo que a Espiritualidade considerou necessária, quando da apresentação de qualquer novo princípio doutrinário oriundo da mediunidade, receber a sanção do “Controle Universal do Ensino dos Espíritos”, ou da universalidade do ensino espírita, ou seja, a informação deve ser recebida por vários médiuns, e em vários lugares, e isso para reforçar a ideia de que a Doutrina é dos Espíritos, e, portanto, deve estar totalmente livre de toda e qualquer conceituação humana.

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares. Quando um princípio novo tem de ser enunciado, isso se dá espontaneamente em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo. (Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo).

Passemos, agora, ao entendimento de uma das questões mais significativas para o movimento Espírita, ou seja, o estudo da natureza da Religião Espírita e suas práticas que, verdadeiramente, representam o espírito do Cristianismo primitivo.

Nesse sentido, iremos recordar que o momento mais significativo da Revelação Espírita, o momento em que o Espiritismo aparece na plenitude de sua realidade prática, é aquele em que o Espiritismo é identificado como o Consolador Prometido por Jesus. Esse é o ponto central da Terceira Revelação de Deus aos homens, momento único na história religiosa da humanidade, em que a realidade espiritual encontra-se face a face com as grandes inquietações da Alma humana, trazendo uma proposta emancipadora para o Espírito humano, a partir da lei de evolução em bases reencarnacionistas.

O Espírito é o construtor do próprio destino, tendo por base o trabalho de renovação íntima, através do amor a Deus e ao próximo, excursão essa



que se realiza pelas vias das vidas sucessivas. E a beleza desse encontro espiritual entre as duas esferas de vida, reside no fato do ser humano ter participado ativamente do entendimento, elaboração e pesquisa, de forma racional e livre, no processo de codificação da Doutrina Espírita.

No item 26 do Cap. I do Livro “A Gênese”, Allan Kardec vincula, definitivamente, o Espiritismo ao Cristianismo Primitivo, com apoio nas palavras do apóstolo João:

Entretanto, o Cristo acrescenta: «Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas» (João, caps. XIV, XVI; S. Mat., cap. XVII).

E para não deixar qualquer poeira de dúvida na identificação dessa nova Doutrina, o próprio Codificador assinala as principais características que identificam o Espiritismo como o Consolador prometido por Jesus:

Demais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as conseqüências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever; a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, até à última hora da vida, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado. Ora, como é o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro Consolador (Allan Kardec, Item 42 do Cap. I de A Gênese).



No sentido de restabelecer os ensinamentos de Jesus, em sua verdadeira pureza, poderíamos parafrasear o Codificador, dizendo que o Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, deve ser, em todas as situações, consequência direta da sua doutrina.

A partir desse ponto, com a identificação do Espiritismo na feição do Consolador, o presente estudo ganha contornos de vivência prática, pois, com essa interpretação, a Espiritualidade superior define, para os adeptos dessa Doutrina consoladora, e de características espirituais, o critério para a incorporação de práticas, tendo por base a sua finalidade principal, ou seja, a revivescência das tradições simples do Cristianismo Primitivo, na tarefa de evangelização do Espírito.

E, nunca será demasiado lembrar que, a vida no Cristianismo nascente era animada pelo espírito de Jesus. O sopro do Cristo, da caridade e da fraternidade universal era, de fato, o motor desse vasto organismo, e suas práticas estavam sustentadas pela iluminação do Espírito e na ideia da imortalidade da Alma. Entretanto, com a incorporação de práticas humanas, dogmas e rituais, o pensamento profundo de espiritualidade desapareceu. Só ficaram os símbolos materiais. Sufocando o profetismo, impôs silêncio a todos os que, invisíveis ou humanos, pretendiam espiritualizar o Cristianismo.

Entretanto, com o Consolador, o reinado da letra acaba, mas o do espírito recomeça. A revelação espírita é inaugurada no mundo pela virtude do invisível, na tarefa de restauração das práticas simples e espirituais do Cristianismo. As formas materiais e transitórias da religião passaram, mas, com o advento do Consolador, o sentimento de religiosidade, a crença pura, despida de aparatos exteriores, permaneceram na revivescência do Cristianismo, na mente e no coração das criaturas humanas, como formas imponderáveis de adoração, em espírito e verdade.

O que a Doutrina Cristã quer, agora revivida pelo Espiritismo, é um culto simples e puro, todo de sentimento, consistindo na relação direta, sem intermediário, da consciência humana com Deus.

“É chegado o tempo em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade. Deus é espírito, e em espírito e verdade é que devem adorar os que o adoram” – Jesus (João 4,1-26)

A Doutrina Espírita encontra no Evangelho do Cristo sua fundamentação teórica e prática, tendo em vista, encontrar no Cristianismo nascente a incorporação da ideia de que a iluminação do Espírito deve estar



em primeiro lugar, sendo o Espírito a fonte primária de todo o arcabouço da Religião Cristã. Diante dessa consideração de caráter eminentemente espiritual, podemos afirmar que as práticas revestidas de fundo ritualístico, com adoção de sinais exteriores, símbolos, fórmulas e convenções, não encontram sustentação doutrinária no Espiritismo, por não refletirem o sentido espiritual das lições do Cristo, vividas, evidentemente, nos primórdios do Cristianismo nascente.



Chico Xavier, legítimo e incansável emissário do Cristo cujas manifestações sempre foram pautadas por práticas simples e isentas de qualquer fundo ritualístico.

Finalmente, um último ponto a ser analisado e que ressalta das próprias condições em que a Doutrina Espírita foi codificada, se refere ao critério da participação consciente dos escritores e médiuns encarnados, no processo de difusão da ideia espírita.

A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa - tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. Os Espíritos não ensinam senão justamente o que



é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão (Allan Kardec, Item 50 do Cap. I de A Gênese).

Os homens foram chamados pela espiritualidade superior para discutir, verificar e submeter tudo à razão, as novas luzes do Consolador, mas, é preciso sempre destacar, que a procedência da revelação tem como origem o mundo espiritual, observado com rigor o critério do “Controle Universal do Ensino Espírita”, conforme recomenda o Codificador na Introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. É justamente nessa universalidade do ensino dos Espíritos que reside o controle e a força do Espiritismo.

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade... Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas (Allan Kardec, Introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo).

A advertência de Kardec, conforme descrito acima, deveria ser aceita pelos médiuns e escritores espíritas na capa da humildade, com a consciência das limitações próprias da individualidade humana, para que o encarnado não seja veículo de confusão doutrinária. Pois, enquanto as publicações circularem em torno do ensino exclusivamente moral, o conteúdo da mensagem falará de sua procedência e poderá ser aceito como de caráter universal, mas, fora desse contexto, as informações devem ser consideradas opiniões pessoais.

Baseado nessas considerações, ou seja, na identificação da feição religiosa do Espiritismo, com o seu caráter de Consolador Prometido por Jesus, com destaque para sua finalidade básica que é a revivescência do Cristianismo Primitivo, e o entendimento claro do “Controle Universal



do Ensino dos Espíritos”, deveríamos supor, do ponto de vista teórico, a possibilidade remota do aparecimento das chamadas práticas estranhas ao Espiritismo. Mas, na prática doutrinária ou no movimento espírita, encontramos um cenário totalmente diferente, ou seja, adeptos do Espiritismo não aceitando sua simplicidade, adotando práticas ritualísticas, adulterando a obra espírita, elitizando o movimento espírita, cobrando pela cultura espírita com a prática de seminários realizados fora do ambiente do Centro Espírita e de forma suntuosa, o que poderia caracterizar o início de práticas com apelos para o profissionalismo religioso, incentivando o personalismo, idolatrando médiuns, revestindo de símbolos o cenário espírita, utilizando terapêuticas humanas, como o uso de energia para afastar obsessores, sem a necessária transformação moral, introduzindo a cromoterapia, os cristais, o Reiki como terapia holística através da energização, adotando uma aura mística em torno do passe, enfim, colorindo as práticas espíritas com as cores de entendimentos pessoais, místicos, de fundo ritualísticos, e distanciando as práticas espíritas da simplicidade e de seu caráter essencialmente espiritual.

Nas páginas do livro *Coletânea do Além*, psicografado pelo médium Chico Xavier, Emmanuel ratifica a natureza religiosa do Espiritismo, destacando sua vinculação definitiva ao Cristianismo Primitivo, e ressaltando sua adesão às práticas simples e espirituais, desse movimento único na história da humanidade, cujo fundamento é a renovação da Alma.

“Espiritismo religioso? Sim. Nossa missão é essencialmente religiosa, na restauração da fé viva e na revivescência das tradições simples dos tempos apostólicos.” (Emmanuel, Coletâneas do Além)

Capítulo II

OS PEQUENOS GRUPOS ESPÍRITAS

SUA INFLUÊNCIA NO MOVIMENTO ESPÍRITA





OS PEQUENOS GRUPOS ESPÍRITAS SUA INFLUÊNCIA NO MOVIMENTO ESPÍRITA



Allan Kardec, Codificador da Doutrina dos Espíritos.

O eminente educador e codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, tendo consciência das dificuldades que os Espíritos deveriam enfrentar no campo das ideias, por estarem trabalhando na difusão de uma Doutrina racional, livre e dinâmica, afirmaria, no item 334 de “O Livro dos Médiuns”, no Capítulo destinado às Reuniões Espíritas, que, a benefício da causa da Doutrina, os espíritos deveriam se multiplicar em pequenos grupos. Vejamos o esclarecimento do Codificador:

*A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de **elementos homogêneos** deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por*



um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã (Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, item 334).

O posicionamento de Allan Kardec, inspirado pela Espiritualidade Superior, relativamente aos grupos espíritas é claro, e ressalta a beleza, a importância e a influência dos pequenos grupos no processo de organização e funcionamento do movimento espírita.

Pois, considerando o Centro Espírita a célula básica do movimento, e tendo os companheiros de ideal Espírita um posicionamento seguro, com base em estudos sistemáticos das obras básicas, reuniões públicas, utilização da terapêutica espírita, baseado na prece, no passe, na água fluidificada e reuniões de desobsessão, além de atividades assistenciais semanais, então não haveria espaço para a utilização de modismos ou práticas estranhas ao Espiritismo.

Esta referência do Mestre Lionês é profunda e deve merecer da parte de todos os Espíritas uma atenção especial, porque com a ampliação dos adeptos, a dificuldade para constituir um meio homogêneo e a inexistência de chefia humana, cresceria, ainda mais, a necessidade de pretensas comissões locais, regionais ou federais para solucionar problemas relacionados à prática da doutrina, quando, na hipótese da existência de pequenos grupos, as dificuldades doutrinárias seriam analisadas à luz das orientações contidas na própria Doutrina, além de serem resolvidos no “templo da união fraternal”, conforme assevera Emmanuel em mensagem recebida no dia 31 de agosto de 1953, pelo médium Francisco Cândido Xavier, e publicada em “O Espírita Mineiro”.

Mas, os assuntos somente serão resolvidos se os companheiros de ideal tiverem a consciência de que as orientações já estão presentes na própria Doutrina, em seu corpo doutrinário, que deve ser considerado como o maior órgão orientador. Tendo no corpo doutrinário as orientações, o espírita pode vivenciar seus postulados em qualquer local, sem necessidade de comissões, conselhos ou órgãos que viriam a ditar normas ou decisões. É evidente que este posicionamento não invalida o serviço de unificação assentado em bases de liberdade, fraternidade e com afastamento de qualquer ideia elitista.

Portanto, o Espiritismo se apresenta como nosso legítimo orientador, ou seja, no movimento Espírita o nosso maior órgão orientador é a própria Doutrina, com seus postulados fundamentais. Esse caráter pessoal



da Doutrina tem o sentido de evitar o que fizeram os homens com o Cristianismo, a partir do momento em que introduziram interpretações humanas totalmente distanciadas do pensamento original do Cristo. Como afirma Kardec, na Revista Espírita, edição de novembro de 1865, “a doutrina se justifica por si mesma”, ou seja, o corpo doutrinário apresenta, mesmo que em síntese, todos os elementos necessários para justificá-la como expressão da verdade, porque de origem divina e assentada nas próprias leis da Natureza.

Esse sentido da Doutrina, de origem divina e de caráter impessoal, caracteriza-se como uma barreira a todos os que pretendem introduzir modificações ou corporificar em seu movimento práticas contrárias à sua natureza e finalidade, principalmente aquelas que nascem de puro personalismo.

Pode parecer redundância essa afirmativa, mas como muitos espíritas encontram-se influenciados por práticas ritualísticas, nunca é demais repetir para aprender que a finalidade do Espiritismo é a iluminação do Espírito, com base nas tradições simples do Cristianismo Primitivo. À medida que o tempo passa mais nos convencemos de que a beleza do Espiritismo está em suas manifestações de simplicidade, solidariedade e fraternidade, em ambientes que tocam a alma, tudo nos rememorando as tradições humildes vividas nas práticas simples dos primeiros cristãos, e que nos permite expressar o sentimento de amor ao Mestre Jesus.

Para que a referência de Kardec possa estar viva em nossos corações, lembraríamos que Jesus em seu apostolado Divino, preferiu a convivência mais direta de doze companheiros formando um grupo reduzido para viver a grande mensagem do Cristianismo. Entretanto, na intimidade do pequeno grupo foi possível viver grandes lições, pacificar os corações mais intransigentes, esclarecer pontos doutrinários, e isto à distância das grandes aglomerações que poderiam trazer obstáculos ao seu trabalho de difusão da mensagem Cristã. Assim, Jesus pode deixar lições sublimes a Pedro, na edificação de sua fé; sedimentar o amor no coração de João, cujo Espírito já bebia de suas lições inesquecíveis, e, até mesmo, levar o auxílio a outros companheiros como Joana de Cusa, Madalena ou Zaqueu. A existência de pequenos grupos favorece a troca de ideias e experiências no clima da fraternidade, favorece o incentivo aos companheiros de ideal, a manutenção da alegria constante ao contato com corações queridos, além de manter acesa a chama da fé, que renova as forças da alma.



E, finalmente, devemos considerar que a criação dos pequenos grupos é ideal para que o Centro Espírita possa administrar apenas os interesses evangélicos, já que, com as despesas materiais pequenas, os companheiros de ideal poderão direcionar seus esforços para o trabalho em favor do próximo, além de facilitar a criação dos grupos de estudo das obras de Kardec, afastar o fantasma do personalismo e, principalmente, as práticas elitistas. Nesse cenário, todos se conhecem na vivência Cristã, todos vivem no clima da solidariedade, a dor de um é a dor do outro, enfim, os pequenos grupos vivendo a intensidade da mensagem do Cristo, esquecem discussões estéreis e se dedicam ao trabalho de renovação íntima, com alegria, na euforia pelo trabalho cristão.

Capítulo III

OS CONTORNOS DO ELITISMO E AS
PRÁTICAS ESTRANHAS





OS CONTORNOS DO ELITISMO E AS PRÁTICAS ESTRANHAS

Considerada uma prática totalmente estranha e afastada da finalidade básica do Espiritismo que é a revivescência do Cristianismo Primitivo, o elitismo encontra-se contornando o movimento espírita, em diversas manifestações, e podemos observar que, na base dos problemas relacionados à elitização, encontra-se a questão do personalismo ou a dificuldade de alguns confrades em aceitarem a simplicidade do Espiritismo.

Uma questão que tem merecido a atenção de diversos espíritas, já que esse problema avança na seara espírita, diluindo-se em suas aplicações práticas, e sendo poucos os espíritas que as identificam e se manifestam de forma contrária. Entendemos que a Doutrina é dos espíritos e que o movimento vai se renovando com a reencarnação de espíritos de escol, que apresentam em sua alma ligações profundas ao Cristianismo Primitivo, como foi o caso de Chico Xavier, mas estas práticas avançam contra a finalidade do Espiritismo, o com o tempo podem nos afastar das práticas simples daquele Cristianismo que tanto nos encanta.

Podemos identificar o elitismo, como sendo o “modo de ser” que consubstancia ideia, ações ou atitudes daqueles que no Grupo social atingiram um nível mais refinado de cultura, de conhecimento, e que se colocam, consciente ou inconscientemente, como chefes e ditadores de padrões de comportamento, com base numa certa liderança exercida. Daí, poderemos caracterizar o Elitismo no meio Espírita como sendo aquela tendência para as “práticas formalistas”, para a institucionalização de comandos, de verdadeiras castas intelectuais, hierárquicas e burocráticas, ditando normas rígidas e padrões exteriores de comportamento aos Espíritas e suas práticas, distanciando-se do povo, e esquecendo os ensinamentos e as práticas de Jesus.

Feitas essas considerações, cabe-nos indagar: depois de tantos séculos de domínio das Religiões formalistas ou “organizadas”, em que o Elitismo foi a sua tônica, estaria o Espiritismo sujeito aos mesmos enganos lamentáveis, ele que pretende ser o Cristianismo Redivivo em suas feições teóricas e práticas? É claro que, como ideal nunca, mas como a concretização desse ideal está sujeito à ação de seus adeptos, claro se torna possível a sua manifestação.



Então, como evitar que o Espiritismo seja deturpado, como foi o Cristianismo primitivo, pelos “sacerdotes políticos” de todos os tempos? Parece-nos que uma solução satisfatória seria o estudo detalhado desses perigos e a aplicação de antídotos de esclarecimento fraterno e corajoso, da educação em todos os níveis e, sobretudo da atitude de amor e tolerância no combate às hipocrisias e violências doutrinárias, exemplificando o trabalho e a fidelidade à Doutrina Espírita. Mas, ao lado desses antídotos é necessária uma atitude firme dos dirigentes e colaboradores das Casas Espíritas para afastar qualquer tentativa de elitização e adoção de práticas formalistas.

Dessa forma, é necessário precisar as formas ou instrumentos de que se vale a prática Elitista para combatê-la em seus redutos, ainda como meras possibilidades. Assim, podemos verificar sua influência ou existência, em diversas vivências, portas adentro do movimento espírita.

Assim, pode surgir a possibilidade da existência de representantes de entidades espíritas com características de comando religioso, companheiros nossos se transformando em 'chefes', mantendo-se na direção das organizações individuais ou coletivas a qualquer custo e por qualquer preço, como se fossem 'eleitos' ou 'escolhidos' pelos Espíritos para exercer uma falsa liderança, assumindo, assim, a condição de 'missionários'.

Existe a possibilidade de formação do “espírito de cúpula” nas Organizações Federativas, avocando a infalibilidade em torno de suas decisões, seja através das chamadas normas básicas ou Resoluções, impostas de cima para baixo, sem ouvir as bases que são os Centros Espíritas.

Surge a possibilidade do aparecimento de discriminações por parte de entidades Espíritas, no sentido de estabelecer distinções, com base em pretensa pureza doutrinária, relativamente às formas de administração ou realização prática da Doutrina.

A possibilidade da adoção de Cursos, como condição básica para o trabalho e a prática doutrinária (seja no campo da divulgação ou no campo mediúnic), estabelecendo graus de aprendizado, esquecendo-se de que todos somos aprendizes na Escola Evangélica dos ensinamentos de Jesus, à luz do Espiritismo.

Sem dúvida alguma, a atitude autoritária, em matéria de religião, é uma das formas de que se pode revestir o Elitismo no meio Espírita, a



exemplo do que aconteceu nas religiões tradicionais, pois leva o homem a abdicar de sua razão, de sua liberdade e amor para ser guiado pelo “Chefe”, em nome de uma falsa liderança. Essa atitude autoritária pode ocorrer em nossa seara quando os dirigentes, com tendências inatas pelo desejo de poder, com exagerada supervalorização de si mesmos (orgulho) e de suas realizações, se tornem incapazes de dialogar com o povo. Daí o rigorismo e a imposição de ideias, por parte desses dirigentes, esquecendo-se de os verdadeiros missionários, a exemplo de nosso querido Chico Xavier, não se arvoram em chefes, ficando apenas no terreno das orientações espirituais, das sugestões de trabalho ou estímulo aos confrades que o procuram, impondo-se exclusivamente pela sua condição moral, espiritual.

Na verdade, é a substituição da crença no valor do estudo, do diálogo e das decisões em assembleias fraternas, em que a participação democrática deve ser a tônica, a partir das bases, pela decisão dos representantes sem conhecimento e vivência dos problemas, esquecendo-se de como trabalhavam os apóstolos nas assembleias e comunidades cristãs dos primeiros tempos do Cristianismo.

Nesse sentido, é sempre válida a lembrança de que, a benefício do movimento espírita, e para evitar deturpações de seu conteúdo doutrinário ou de estar sujeita ao personalismo, devemos considerar a Doutrina Espírita como nosso único Órgão Orientador, e sempre buscar a orientação primeira nas obras da codificação, ou nas obras que guardam fidelidade aos princípios fundamentais do Espiritismo.

Se o Cristianismo primitivo trazia ao homem a grande mensagem do Cristo, isto é, Liberdade e Amor, Educação, Paz e Fraternidade, a ação do Espiritismo está no seu poder moralizador, não podendo assumir nenhuma forma autocrática, porque então faria o que condena. Sua influência será preponderante pelas modificações que trará às ideias, às opiniões, aos caracteres, aos costumes e às relações sociais, conforme nos diz Kardec, em A Gênese.

Que o Espiritismo veio para as massas e com ela dialogar, a exemplo de Jesus, cuja maior paixão era o Povo, “convivendo com ele, sentindo-lhe as dores e servindo-o sem interesses secundários, conforme o amai-vos uns aos outros, a senda maior de nossa emancipação” (O Espírito da Verdade, obra psicografada por Chico Xavier e Waldo Vieira).



*Que devemos levar a Doutrina Espírita junto à toda comunidade, através do respeito a todas as criaturas, apreço às autoridades, devotamento ao bem comum e instrução do povo, em todas as direções sobre as verdades do Espírito, imutáveis, eternas. Que devemos amar a todos os companheiros, principalmente os mais humildes social e intelectualmente, falando com eles e deles nos aproximando com real espírito de Compreensão e Fraternidade, sem nos colocarmos em pretensas posições de superioridade, privilégios e personalismos deprimentes. Que os mais sábios sejam apoio e amparo aos menos esclarecidos ou em dificuldades materiais ou espirituais, sem exigências de elevação e crescimento (**Bezerra de Menezes, em Unificação - Serviço Urgente mas não apressado**).*

Emmanuel, pela psicografia de Chico Xavier, repele toda tentativa de oficialização do movimento espírita, a exemplo do que fizeram as autoridades eclesiásticas:

*As autoridades eclesiásticas compreendem que é preciso fanatizar o povo, impondo-lhes suas ideias e concepções e, longe de educar a alma das massas, na sublime lição do Nazareno, entram em acordo com a preferência pelas solenidades exteriores, pelo culto fácil do mundo externo, tão a gosto dos antigos romanos pouco inclinados às indagações transcendentais (**Emmanuel, A Caminho da Luz**)*

Que não temos o direito de deturpar a mensagem dos Espíritos como aconteceu com o Cristianismo, criando uma “classe de privilegiados”, pretensos representantes de Deus na Terra, pois a Doutrina Espírita não é obra de encarnados, mas dos Espíritos, com o objetivo de restaurar os ensinamentos de Jesus.

Que a Religião Espírita não pode admitir em seu seio qualquer tentativa de Igrejismo, de subordinação a quem quer que seja, ou alguma coisa que lembre Castas, Chefias, Privilégios e Formalismos, próprios de Religiões organizadas, e onde o Elitismo passa a ser a tônica, buscando, isto sim, os Espíritos Cristãos a corporificar em seu movimento a aspirada “Assembleia do Cristo” enunciada por Paulo de Tarso.



É por isso que encontramos nos agrupamentos espiritistas, ombreado lado a lado, os que alcançaram até os mais altos graus de conhecimentos humanos, com aqueles outros, verdadeiros caboclos, homens simples do povo, falando a “língua dos anjos”, isto é, fazendo as mais lindas exposições evangélicas sem qualquer conhecimento de gramática e que aqueles que possuem maior soma de conhecimento têm a obrigação de ajudar aos mais ignorantes, aos marginalizados da Cultura Acadêmica.

Com os argumentos relacionados anteriormente, podemos afirmar que as principais novidades ou práticas estranhas ao Espiritismo tem raízes nos contornos do Elitismo, quando implica no afastamento às práticas simples e humildes, mas, também, na velha cultura das práticas ritualísticas e adoração aos santos, vivenciadas nas religiões afrodescendentes, como a Umbanda e o Candomblé, além da dependência aos templos de pedra, aos sacerdotes, às suntuosidades, vivenciadas no ambiente do catolicismo. Vivências essas repetidas inúmeras vezes ao longo de várias existências, o que pode implicar na necessidade de muitos espíritas, na atual existência, de repetir análogas experiências, através de práticas místicas, como o uso de roupas brancas, a utilização da cromoterapia, dos cristais, ou outras práticas que impliquem no uso desnecessário de aparatos materiais na aplicação de terapias eminentemente espirituais.

Não existe maior antídoto para evitar qualquer tentativa elitista, em nosso movimento religioso, do que recordar o Mestre Jesus, pois a Liberdade e o Amor são a essência de seus ensinamentos. Na verdade, o que Cristo, a todo custo tenta despertar, reviver e garantir é a liberdade do coração humano, contra as ameaças e a falsa doutrina dos seus pretensos líderes religiosos. E por isso mesmo, Jesus denuncia os fariseus, os sacerdotes políticos quanto às suas hipocrisias, seu orgulho, sua autossuficiência, sua falsidade, tanto nas relações com Deus como no tratamento do próximo.

Jesus coloca no centro de sua mensagem o Amor como condição da evolução da criatura humana, não expressando qualquer significado para a Alma imortal as práticas exteriores: “Este é o meu mandamento, que vos amei uns aos outros como eu vos tenho amado. Nisto conhecereis que sois meus discípulos” (João: 15.12). E assenta a Lei Áurea no princípio da paternidade Universal que proclama o Deus único, transcendente e imanente, e todas as criaturas como seus filhos e, conseqüentemente, como sendo todos irmãos.



Em síntese, os ensinamentos de Jesus não evidenciam a sua vinculação a práticas exteriores, a nenhuma prática ritualística, a nenhuma organização autocrática, enfim, a qualquer forma de violência em termos de imposição de ideias, de atitudes ou condenação, pelo contrário, o Mestre, somente pregou a liberdade do coração humano, para adorar a Deus e expressar o sentimento de religiosidade, o amor e o perdão.

Herculano Pires, com sua refinada filosofia poética, assim retrata, em “O Espírito e o Tempo”, o cenário e as condições em que aconteciam os encontros de Jesus com o Povo. Uma proclamação clara de que não existe espaço no movimento espírita, o cristianismo restaurado, para as práticas elitistas ou absorvidas pelos aparatos ritualísticos.

Sua palavra mansa e generosa reunia todos os infortunados e todos os pecadores. Escolheu os ambientes mais pobres para viver a intensidade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário feito dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza. Suas pregações nas praças públicas verificam-se a propósito dos seres mais desprotegidos e desclassificados, como a demonstrar que a sua palavra vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade e na mesma estrada luminosa do Amor. Combateu pacificamente todas as violências oficiais do Judaísmo, renovando a Lei Antiga, com a Doutrina do Esclarecimento, da tolerância e do perdão (Herculano Pires, O Espírito e o Tempo).

Em síntese, além de ensinar e garantir a liberdade ao coração humano contra toda e qualquer violência espiritual e nenhuma vinculação a práticas de fundo ritualísticas, temos a garantia da lei Áurea do Amor como condição de evolução, que proclama ao verdadeiro cristão: “Os meus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem” Jesus.

Capítulo IV

**PROFISSIONALISMO RELIGIOSO NA
DIMENSÃO ESPÍRITA**





PROFISSIONALISMO RELIGIOSO NA DIMENSÃO ESPÍRITA



“É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos”
(Bezerra de Menezes, mensagem Unificação, psicografada por Chico Xavier em 20.04.1963)

O tema a ser desenvolvido guarda sua origem nas manifestações do Elitismo no meio Espírita, caracterizado como sendo aquela tendência para a institucionalização de verdadeiras castas intelectuais, ditando normas rígidas e padrões exteriores de comportamento aos Espíritas e suas práticas, distanciando-se do povo, e esquecendo os ensinamentos e as práticas do Cristianismo nascente. Uma dessas práticas, a realização de eventos espíritas pagos, em contradição com as tradições do Cristianismo Primitivo e, em consequência, das manifestações religiosas do Consolador Prometido por Nosso Senhor Jesus, tem sido o elemento de fomento de uma nova discussão no movimento espírita: o profissionalismo religioso.

O Cristão redivivo da atualidade, corporificado nas vestes do Espírita, possui conhecimento bastante, e uma vasta bibliografia, para compreender os perigos de se viver às custas da religião ou fazer comércio com o conhecimento espiritual. Esses perigos avançam no movimento espírita à sombra do profissionalismo Religioso, tornando-



se de fundamental importância a questão, buscando o entendimento do que realmente essa prática estranha seja, e suas aplicações no campo doutrinário do Espiritismo.

O Espiritismo se consolida como uma doutrina avessa ao profissionalismo religioso, a partir do momento em que, por revelação divina, se apresenta como o Consolador Prometido por Jesus, apresentando suas consequências morais, na face de uma religião de caráter filosófico, e no resgate às tradições simples do Cristianismo nascente. É importante recordar que nas vestes do sentimento de total desprendimento, os primeiros cristãos realizavam o bem pelo bem, se caracterizando por práticas que defendiam o desprendimento dos bens terrenos, conforme lições de Nosso Senhor Jesus.

Feitas essas considerações, podemos identificar o profissional da Religião Espírita como aquele confrade que, afastado de sua profissão, faz da Religião uma forma de sustento material, utilizando-se, por exemplo, de suas faculdades mediúnicas ou intelectuais (adquiridas no estudo dos princípios espíritas que são oferecidos gratuitamente) como fonte de renda para atendimento de suas necessidades de sobrevivência. Portanto, o profissionalismo religioso surge quando o Espírita vive, parcial ou exclusivamente, da difusão do Ensino Espírita, seja através de palestras, canais de vídeos online, venda de livros espíritas, ou do comércio da mediunidade, afastado de suas responsabilidades perante sua profissão. Vejamos a mensagem intitulada “**Espiritismo e Nós**”:

“A Doutrina Espírita, revivendo o Cristianismo puro, é a religião da assistência gratuita. No entanto, se nós, os espíritas encarnados e, desencarnados, fugirmos de agir; viver e aprender à custa do esforço próprio, incentivando tarefeiros pagos e cooperações financiadas, cairemos, sem perceber, nas sombras do profissionalismo religioso” (Emmanuel, Livro da Esperança, psicografia de Francisco Cândido Xavier).

Esse ponto merece uma atenção especial, tendo em vista que esse assunto envolve um sentimento sagrado: o da religiosidade divina. Não nos será lícito fugir de “aprender à sombra do esforço próprio, incentivando tarefeiro pagos e cooperações financiadas”, sem nos envolvermos nas



teias de uma situação constrangedora para o verdadeiro espírita cristão, que já vivenciou outras experiências no campo da religião, através de múltiplas existências, vivendo às custas da religião. Devemos preservar nossa consciência e trabalhar na seara espírita de forma totalmente desinteressada, isenta do sentimento de que estamos tirando proveito pessoal, de qualquer atividade que envolve o conhecimento espírita. Isso se deve ao fato de que sabemos, conforme Jesus ensinou, que sempre devemos “dar de graça o que de graça recebestes”. Logicamente que isso vale para todo conhecimento espírita recebido e para todas as aplicações que envolvem esse conhecimento.

Esta afirmativa de Emmanuel encontra sustentação em mensagem da Revista Espírita, edição de dezembro de 1864, publicada nos seguintes termos:

“Que aquele que não pode levar nossas palavras a seus irmãos senão em detrimento do próprio salário, fique em casa e peça à sua ferramenta ou à sua agulha que continue lhe dando o pão quotidiano. Mas identificar-se com quem dá espetáculos é patinar no domínio da exploração ou do charlatanismo. Quem aquele que é pobre e sente coragem para tornar-se apóstolo de nossa doutrina se escude na sua fé e na sua coragem, pois a Providência virá na hora dar-lhe o pão que lhe falta; mas não estenda a mão pelos serviços que prestar, porque seremos os primeiros a gritar: Retira-te daqui, mendigo, e deixa o lugar aos que podem fazer o trabalho. Sempre encontramos bastantes homens de boa vontade para desempenhar a tarefa que lhes pedimos” (Revista Espírita, edição de dezembro de 1864).

Definido o significado de Profissionalismo Religioso podemos enumerar situações diversas onde ele se aplica. Seja em situações momentâneas ou permanentes, o certo é que, devido ao conhecimento e sentimento cristão por nós abraçados, **é inconteste que toda atividade profissional, geradora de lucros, não deve ser sustentada pela divulgação de aspectos doutrinários mesmo que a pretexto de disseminação da Doutrina.** Allan Kardec afirma, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (Cap. XXVI, item 5), que “Jesus expulsou



os vendilhões do templo e assim condenou o tráfico de coisas santas, sob qualquer forma que seja”, deixando bem claro que isto se aplica a qualquer modalidade de tarefa espírita que implique em “profissionalismo religioso”.

No sentido de caracterizar o profissionalismo religioso na dimensão espírita, podemos descrever, mesmo que sucintamente, práticas estranhas à finalidade do Espiritismo, e que consubstanciam uma tendência ao sentido real do profissionalismo religioso.

1 - Afastado do serviço profissional, o Espírita convicto aceita viver às custas de atividades doutrinárias.

Este fato está muito bem ilustrado na mensagem “História de um Médium”, psicografada por Chico Xavier em 29.04.39, que consta do livro *Novas Mensagens*. A passagem ilustra, também, o Cap. XXI – *Da Influência do Meio*, em “O Livro dos Médiuns”.

História de um médium

As observações interessantes sobre a doutrina dos Espíritos sucediam-se umas às outras, quando um amigo nosso, velho lidador do Espiritismo, no Rio de Janeiro, acentuou, gravemente: “Em Espiritismo, uma das questões mais sérias é o problema do médium...”

Sob qual prisma? **Quanto à necessidade de sua própria edificação para vencer o meio.**

“Para esclarecer a minha observação, contarei a história de um companheiro dedicado, que desencarnou, há poucos anos, sob os efeitos de uma obsessão terrível e dolorosa.”

Todo o grupo, lembrando os hábitos antigos, como se ainda estacionássemos num ambiente terrestre, aguçou os ouvidos, colocando-se à escuta:

Azarias Pacheco era um operário despreocupado e humilde do meu bairro, quando as forças do Alto chamaram o seu coração ao sacerdócio mediúnico. Moço e inteligente, trabalhava na administração dos serviços de uma oficina de consertos, ganhando, honradamente, a remuneração mensal de quatrocentos mil réis. Em vista do seu espírito de compreensão geral da vida, o Espiritismo e a mediunidade lhe abriram um novo campo



de estudos, a cujas atividades se entregou sob uma fascinação crescente e singular. Azarias dedicou-se amorosamente à sua tarefa, e, nas horas de folga, atendia aos seus deveres mediúnicos com irrepreensível dedicação. Elevados mentores do Alto forneciam lições proveitosas, através de suas mãos. Médicos desencarnados atendiam, por ele, a volumoso receituário.

E não tardou que o seu nome fosse objeto de geral admiração. Algumas notas de imprensa evidenciaram ainda mais os seus valores medianímicos e, em pouco tempo, a sua residência humilde povoava-se de caçadores de anotações e de mensagens. Muitos deles diziam-se espíritas confessos, outros eram crentes de meia-convicção ou curiosos do campo doutrinário. O rapaz, que guardava sob a sua responsabilidade pessoal numerosas obrigações de família, começou a sacrificar primeiramente os seus deveres de ordem sentimental, subtraindo à esposa e aos filhinhos as horas que habitualmente lhes consagrava, na intimidade doméstica. Quase sempre cercado de companheiros, restavam-lhe apenas as horas dedicadas à conquista de seu pão cotidiano, com vistas aos que o seguiam carinhosamente pelos caminhos da vida. Havia muito tempo perdurava semelhante situação, em face de sua preciosa resistência espiritual, no cumprimento de seus deveres dentro de sua relativa educação medianímica.

Azarias encontrava facilidade para identificar a palavra de seu guia sábio e incansável, sempre a lhe advertir quanto à necessidade de oração e de vigilância. Acontece, porém, que cada triunfo multiplicava as suas preocupações e os seus trabalhos. Os seus admiradores não queriam saber das circunstâncias especiais de sua vida. Grande parte exigia as suas vigílias pela noite adentro, em longas narrativas, experimentando uma sensação de angustiante abandono, por parte dos seus mentores dos planos elevados. Azarias tornou-se um revoltado. Essa circunstância foi a última porta para o livre ingresso das entidades perversas que se assenhorearam de sua vida. O narrador estava visivelmente emocionado, rememorando as suas antigas lembranças. “Então, quer dizer, que a perseguição da polícia ou o Padre, não são os maiores inimigos da mediunidade”... De modo algum, **o maior inimigo dos médiuns está dentro de nossos próprios muros!...**”

(Mensagem recebida pelo médium Chico Xavier, em 29 de abril de 1939).



2 - Pagamento, sob qualquer forma, pelos serviços prestados ao movimento, como, por exemplo, inscrições e taxas em encontros, seminários e conferências.

Eventos espíritas pagos não encontram respaldo nas tradições simples do Cristianismo Primitivo, e, notadamente, as práticas doutrinárias do Consolador Prometido que revive Jesus na atualidade.

A mensagem, intitulada “**Cultura de Graça**”, de autoria do Espírito Scheilla, psicografada por Chico Xavier, ilustra muito bem essa questão, pois quando iniciou-se uma resistência consciente, contra essa ação das trevas, que atingia, de frente, o trabalho realizado por grandes missionários, como Eurípedes Barsanulfo e Chico Xavier, enviados pelo Cristo, surge esse movimento contrário às práticas estranhas.

CULTURA DE GRAÇA.

Espírito: SCHEILLA.

Além da cultura primária da inteligência, o homem paga na Terra todos os dotes do conhecimento mais elevado. Pelo currículo de várias disciplinas, cobram-se-lhe matrículas, taxas, honorários e emolumentos diversos, nas casas de ensino superior. Se quiser explicadores dessa ou daquela matéria em que se veja atrasado, é constrangido ao dispêndio de extraordinários recursos.

Entretanto, para as nossas aquisições sublimes, permite o Senhor que a Doutrina Espírita abra atualmente na Terra preciosos cursos de elevação, em que a cultura da alma nada pede à bolsa dos aprendizes.

Cada templo do Espiritismo é uma escola aberta às nossas mais altas aspirações e, cada reunião doutrinária são uma aula, suscetível de habilitar-nos às mais amplas conquistas para o caminho terrestre e para a Vida Maior. Pela administração desses valores eternos não há preço amodado. Cada aluno da organização redentora pode comparecer de mãos vazias, trazendo, simplesmente o sinal do respeito e o vaso da atenção de Jesus, o Mestre dos Mestres, passou entre os homens sem nada cobrar por Seus Divinos Ensinamentos.

E o Espiritismo, que lhe revive agora as bênçãos de amor, pode ser comparado a instituto mundial de educação gratuita, conduzindo-nos a todos, sem exigência e sem paga, do vale obscuro da ignorância para os montes da luz.

(Scheilla, Ideal Espírita, psicografia de Francisco Cândido Xavier)





A realização de grandes congressos tem motivado os confrades espíritas a se utilizarem do expediente da cobrança de taxas, tendo em vista as despesas decorrentes de tais eventos. Anotamos aqui a existência do pensamento elitista, de exclusão dos mais simples e pobres, prática sutil em suas manobras e inadequadas para o movimento espírita, pois o problema não é a necessidade de recursos, mas a forma de obtê-los. Com a cobrança de taxas, exigência para participar do evento, fica evidente a institucionalização do pagamento por benefícios, o que não encontra respaldo no corpo doutrinário.

Vale uma ressalva a respeito de atividades que envolvam profissionais de diversas áreas: a arte espírita, por exemplo. O ideal é o seu incentivo, mas sem qualquer ideia de lucro, pois, afinal, é do interesse dos verdadeiros Espíritas, apenas, administrar interesses evangélicos. Evidentemente que apesar da execução de peças teatrais, de temática espírita, com atores profissionais (ver pergunta 8 do Pinga-Fogo que consta no final deste livro) não significar profissionalismo religioso, esses eventos deveriam ser realizados em espaços culturais adequados à exibição profissional, não sendo pertinente sua realização em recintos das Casas Espíritas. A não ser que os atores façam essas apresentações gratuitamente, nesse caso, poderia haver a sua exibição em espaços espíritas, o que permitiria a participação de todos, sem distinção de classes sociais, evitando a elitização no movimento espírita.

3 - Despesas com oradores ou médiuns, ainda que a título beneficente.

*“Várias pessoas, sobretudo na província, tinham pensado que as despesas dessa viagem eram suportadas pela Sociedade de Paris. As **despesas de viagem, como todas aquelas que necessitam de nossas relações para o Espiritismo, são tiradas de nossos recursos pessoais e nossas economias, acrescidos do produto de nossas obras**, [é importante essa lembrança do codificador, de que ele se utilizava, apenas, do produto de suas obras, ou seja, as obras publicadas antes de assumir o pseudônimo de Allan Kardec] sem o qual nos seria impossível subvencionar a todas as cargas que são para nós a consequência da obra que empreendemos.” (Allan Kardec, Revista Espírita, Novembro de 1862, comentários nossos entre colchetes).*



4 - Pagamento aos chamados “profissionais da oratória”.

Verifica-se, na atualidade, uma tendência pela especialização da tarefa de exposição doutrinária, nas lides espíritas, com o objetivo de evidência e benefício pessoal, e no sentido de influenciar multidões. Caracteriza-se tal prática como um estímulo aos eventos espíritas pagos e ao profissionalismo religioso, tendo em vista que tal confrade que se “especializou” na tarefa de exposição doutrinária, elevado, agora, à condição de um “grande orador”, se acha no direito de cobrar por um talento, que, em última análise, guarda origem na assistência dos espíritos, e cujos conhecimentos foram adquiridos no estudo dos princípios espíritas que são oferecidos gratuitamente pelo alto. Além disso, a presença de oradores pagos contribui para afastar a simpatia dos espíritos elevados, perdendo a beleza de eventos, inspirados pela espiritualidade superior, sempre ao lado dos mais humildes e dos sinais de simplicidade e gratuidade. Chico Xavier já nos alertava, em 1977, com muita sabedoria:

“É preciso fugir da tendência à “elitização” no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto às massas, que amemos a todos os companheiros, mas, sobretudo, aos espíritas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade. Se não nos precavermos, daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais, e confrades de posição social mais elevada” (Entrevista concedida ao Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no livro intitulado Encontro no Tempo).

5 - Extrair benefícios pessoais com a venda de livros espíritas.

A difusão doutrinária através do serviço do livro espírita é uma das tarefas prioritárias e de elevada importância para o movimento, entretanto, para o Espírita convicto, essa tarefa não deveria ser fonte de renda para



seu sustento pessoal. Ou seja, o retorno das vendas dos livros deveria ser utilizado somente para as atividades de difusão, como as despesas de manutenção e compra de novos livros.

6 - Profissionalismo na Assistência Espírita.

A assistência espírita, caracterizada por assistência fraterna, não se confunde com assistência social, e isso, porque tais associações ou entidades objetivam a reabilitação ou promoção social dos assistidos na tentativa de resolver ou minimizar as “questões sociais”, enquanto que a praticada pelos espíritas não tem por objetivo resolver tais problemas, pois coloca na transformação moral dos indivíduos a solução dos problemas existenciais, preocupando-se, assim, através da caridade, com a reabilitação espírita. Além disso, a assistência social tem uma metodologia e sistemática, na sua prática, que implica, inclusive, na utilização de uma equipe especializada de “assistentes sociais” remunerados, coisa inexistente na assistência fraterna espiritista.

Com a assistência fraterna, o Espiritismo objetiva mostrar que o espírita deve dar o exemplo de amor, supervalorizando uma ideia de fundo que é a da solidariedade, da fraternidade, não pretendendo resolver os problemas sociais. A caridade é praticada no espiritista como forma de recordação do ensino de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.” A assistência espírita é obra do coração, do desejo de servir desinteressadamente, sem qualquer remuneração, com amor e respeito à liberdade de consciência. **Entretanto, para que não venhamos cair nas malhas do profissionalismo religioso é oportuna a reflexão de como criar e manter as obras assistenciais espíritas. Sem pretender esgotar o assunto, poderíamos recordar, como sugestão de trabalho, que a assistência espírita poderia estar amparada nas seguintes ideias: recursos próprios e pequenas obras.**

A experiência nos tem mostrado que o ideal seria que a obra fosse criada e mantida pelo próprio grupo, isto é, com os recursos do grupo, criador e mantenedor, sendo, nesse sentido, recomendável as pequenas obras. Com isso, evitaríamos o petição, sobrecarregando a comunidade, bem como a problemática decorrente das grandes, das faraônicas obras assistenciais.



Da gratuidade e do voluntariado

É recomendável que tais obras de assistência fraterna, promovidas pelos centros espíritas, prescindam da prestação de serviços remunerados. Dessa forma, é conveniente que seja promovida a cooperação de companheiros, através do voluntariado, recordando a beleza da “Casa do Caminho” dos primitivos cristãos. É o gigantismo das obras a causa primeira dos angustiantes problemas na assistência fraterna.

• Das campanhas e da realização de eventos espíritas doutrinários pagos

Pode acontecer, todavia, que o grupo esteja com uma programação idealística, no campo das grandes obras, ou mesmo na área das pequenas tarefas, necessitando fazer campanhas de arrecadação de fundos. Nesse sentido, nada há que impeça, até pelo contrário, elas se justificam porque constituem uma oportunidade que os integrantes do grupo espírita têm para ajudar ou demonstrar o seu espírito de solidariedade. O que deve ser evitado é vincular o benefício ao pagamento de taxas que não tem qualquer relação com a assistência fraterna. Ou seja, não seria uma prática espírita, modelada por sua identificação com o Cristianismo primitivo, qualquer campanha, com objetivo de manutenção das instituições espíritas, realizada através de eventos espíritas, como seminários ou confraternizações, de caráter doutrinário, em que sejam cobradas taxas de inscrições, e que sejam pagos pelos participantes.

• Como lidar com todos esses problemas na Seara Espírita

Mas, como toda crítica construtiva não pode existir sem uma solução preventiva e terapêutica satisfatórias, temos que responder à questão: como evitar que o Espiritismo seja deturpado, pelas vias do profissionalismo religioso, como o foi o Cristianismo primitivo, pelos sacerdotes políticos de todos os tempos? Com base nessa assertiva, poderíamos apenas recordar alguns aspectos para a meditação e o estudo daqueles que se preocupam com a matéria. Dessa forma, lembraríamos:

➤ Parece-nos que uma das soluções satisfatórias seria o estudo detalhado desses perigos e a aplicação de antídotos de esclarecimento fraterno e corajoso, da educação em todos os níveis e, sobretudo da atitude de amor e tolerância no combate às violências doutrinárias, guardando fidelidade à Doutrina Espírita, e considerando-a como o único órgão orientador;



- Corporificação dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus nas práticas espíritas, quando os seus adeptos procuram revivê-los na sua pureza, simplicidade e liberdade, nos Centros Espíritas, na ausência de profissionalismo religioso;
- Excluindo a cobrança de pagamento por serviços prestados em quaisquer de suas modalidades, buscando observar o preceito “Dai de graça o que de graça recebestes”, colocando, assim, os interesses espirituais acima dos interesses materiais.

Entre tantos exemplos, ressaltamos, aqui, a figura de ANTUZA FERREIRA MARTINS, que foi, sem dúvida alguma, um dos maiores médiuns curadores, com atividades na Cidade de Uberaba, e sobre a qual Chico Xavier teceu expressivas considerações, afirmando, entre outras coisas, que ela trazia o remédio nas mãos. Essa abnegada servidora do Cristo foi um dos grandes médiuns em matéria de curas e operações espirituais, aplicando, através de suas inúmeras faculdades mediúnicas, a terapêutica da prece, da água fluidificada, das práticas desobsessivas, dos desdobramentos conscientes, vidência e, principalmente, dos passes – sua especialização mediúnica, operando “prodigiosas maravilhas”, sem necessidade de competir com as ciências do sempre a gratuidade e a pureza doutrinária, apesar de suas limitações físicas, pois ela era surda e muda. Enquanto foi portadora de saúde física, trabalhou confeccionando tapetes, na simplicidade de sua tenda de trabalho, como o próprio Paulo de Tarso, aliás, um de seus mentores espirituais. Antuza foi dotada de um senso de disciplina e uma severidade para com as questões doutrinárias, assentadas na Deus e na assistência dos bons espíritos, que o trabalho era realizado em sua tenda de trabalho humilde, na certeza da assistência divina.

O Espiritismo, revivescendo o Evangelho de Jesus, mostra claramente que não devemos comercializar e nem colocar preço nas coisas santas. Basta lembrarmos do “*Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido.*” (MATEUS, 10:8). Isso significa que, tudo com que trabalhamos, vindo de Deus, deve ser doado gratuitamente. O exemplo do apóstolo Paulo é claro: “*Procurava encontrar no dia o colaborador valioso que não lhe subtraía as oportunidades. [...] A noite era a benção do espírito.*” (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. IV, p. 313, 14ª edição).



Muitos confrades Espíritas misturam o trabalho profissional com a utilização da mediunidade. Consciente ou inconscientemente, acabam por utilizar a própria Doutrina como um trampolim, ou como uma ferramenta de trabalho. Eis alguns exemplos: médicos que utilizam a mediunidade curativa ou sua mediunidade aflorada em meio às suas consultas, acabando por cobrar “o serviço” junto ao preço final. Donos de editoras que abusam da popularidade dos livros espíritas para aferir lucros. Pessoas que montam livrarias espíritas para viver somente com o ganho da venda dos livros espíritas. Outros irmãos, possuindo campo de atuação numa área específica, ao beber das fontes de conhecimento espírita, se tornam palestrantes de profissão ou lançam livros de autoajuda. Outros ainda utilizam de obras de caridade para construir um verdadeiro império financeiro. Todos assim acabam por poluir a fonte límpida do Evangelho. Somos livres para plantar, mas seremos responsáveis pela colheita. O Espiritismo “prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou; [...]” (Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. XXVI – Dom de Curar).

No livro “Estante da Vida”, Humberto de Campos demonstra claramente que o médium não deve, jamais, mercadejar com as coisas do alto:

– O Senhor pede misericórdia, não sacrifício. O interessado resgatará os próprios débitos, em vida normal, com as tarefas naturais de um lar humano e de uma família, em cujo seio encontrará os contratempos justos e educativos para qualquer criatura com necessidades de reequilíbrio e aprimoramento, mas, por mercê do Senhor, será médium espírita, com a obrigação de dar, pelo menos, oito horas de serviço gratuito por semana, em favor dos irmãos necessitados da Terra, consolando-os e instruindo-os, na condição de instrumento dos Bons Espíritos que operam a transformação do mundo, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Desse modo, assumirá compromisso aos trinta anos de idade, na existência próxima, e praticará a mediunidade com o Evangelho de Jesus, até os sessenta, quando se lhe encerrarão as oportunidades de trabalho e elevação, resgatando, assim, em atividade de amor, os débitos que teria fatalmente de pagar através do sofrimento. Louvado seja o Senhor!... (Estante da Vida – Irmão X / Chico Xavier. Lição nº 15. Página 73)



Para que não tenhamos dúvidas, o apóstolo dos gentios, com muita sabedoria, nos ensina o caminho: “Ganho a misericórdia de Deus [...], vivo do meu trabalho de tecelagem e não seria lícito mercadejar com o que pertence ao Pai que está nos céus.” (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. IV, p. 344, 14ª edição).

Quem determina o trabalho mediúnico são os Espíritos, com relação ao desenvolvimento mediúnico seria ilusório acharmos que possuímos o “controle”. Esse é um dos motivos pelo qual temos um anjo guardião que nos guia no caminho mediúnico. O caminho ideal é aquele em que buscamos a evolução moral pela caridade e desenvolvemos a mediunidade, naturalmente, estudando e participando das reuniões mediúnicas na casa espírita.

Outro aspecto importante é quando se tem a oportunidade de se testemunhar a fidelidade a Jesus no trabalho, oferecendo as capacidades profissionais gratuitamente nos assuntos relacionados à Doutrina. Suponha o exemplo hipotético a seguir: Um profissional da área de computação, que é espírita, recebe um convite para elaborar um site para um centro espírita. Qual seria a atitude ideal? A atitude ideal seria, já que envolve uma tarefa para a Causa Espírita, assumir o compromisso oferecendo os serviços gratuitamente. O mesmo vale para as atividades de divulgação espírita que envolvem o campo de atuação profissional. Qualquer atividade de difusão doutrinária, deveria ser realizada de forma gratuita e desinteressada.

Por fim, gostaríamos de salientar a necessidade de separarmos o ganho material, proveniente de nosso trabalho profissional, com a vivência e o serviço espiritual. Basta lembrarmos, como maior exemplo, que Jesus trabalhou profissionalmente até os 30 anos de idade, e somente após iniciou seu ministério espiritual de trazer as leis de Deus. O segundo grande exemplo é o de Chico Xavier, em que ele trabalhou 40 anos na profissão e 50 anos de mediunidade praticamente à noite, pois as sessões eram feitas quando ele estava FORA DO HORÁRIO DA ATIVIDADE PROFISSIONAL (Encontros no Tempo – Chico Xavier / Autores Diversos – cap. 10 – questão 30). Ou seja, é possível e crucial a separação da atividade profissional da atividade espiritual, para que o serviço a Jesus seja realizado com desinteresse pessoal. Para aprofundarmos um pouco mais, inserimos um diálogo interessante entre Paulo e Lucas, em que Paulo faz uma sugestão ao médico amigo:



— Ora, Lucas, se te encontras sem compromissos imediatos, por que não te dedicas inteiramente aos trabalhos do Mestre Divino?

A pergunta produziu certa emoção no médico, como se valesse por uma revelação. Passada a surpresa, Lucas acrescentou, um tanto indeciso:

— Sim, mas há que considerar os deveres da profissão...

— Mas, quem foi Jesus senão o Divino Médico do mundo inteiro? Até agora tens curado corpos, que, de qualquer modo, cedo ou tarde hão de perecer. Tratar do espírito não seria um esforço mais justo? Com isso não quero dizer que se deva desprezar a medicina propriamente do mundo; no entanto, essa tarefa ficaria para aqueles que ainda não possuem os valores espirituais que trazes contigo. Sempre acreditei que a medicina do corpo é um conjunto de experiências sagradas, de que o homem não poderá prescindir, até que se resolva a fazer a experiência divina e imutável, da cura espiritual. (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. VI, p. 406 e 407, 14ª edição).

Capítulo V

PRÁTICAS ESTRANHAS AO
ESPIRITISMO





PRÁTICAS ESTRANHAS AO ESPIRITISMO

*“Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana”
(O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. VI, Item 5)*

No sentido de promover o estudo a respeito das práticas estranhas ao Espiritismo, é de fundamental importância o entendimento do “Modo de Ser da Religião Espírita”, que reflete a concordância com a finalidade básica do Espiritismo, expressa na revivescência do Cristianismo Primitivo.

Dentre os assuntos que iremos abordar, encontram-se:

- A. Eventos Espíritas Pagos
- B. O Elitismo e o Personalismo na Dimensão Espírita
- C. Instituições Espíritas Classistas
- D. Terapêuticas espírita e os modismos mediúnicos
- E. Modismos mediúnicos: desobsessão por corrente magnética

Os assuntos que serão tratados, guardam relação com as manifestações do Elitismo, do desejo de pretensos intelectuais Espíritas de desvalorizar o aspecto religioso do Espiritismo ou o de incluir modismos mediúnicos, com a introdução de práticas ritualísticas. Estas práticas são completamente estranhas ao corpo doutrinário do Espiritismo, e que devem ser combatidas, com a força de uma indignação justa, a mesma força que levou Jesus a expulsar os que faziam comércio no templo, e que, ainda, sobrevivem até os dias de hoje, como, por exemplo, com os chamados “Eventos Espíritas Pagos”.

Devemos registrar, inicialmente, que o aspecto religioso do Espiritismo não está relacionado ao conceito tradicional de Religião, no contexto do conceito social, inseparável da ideia de culto, hierarquia sacerdotal, dogmas, aparatos exteriores ou práticas de fundo ritualísticos. Para espiritualizar o sentido religioso, os Espíritos resgataram o verdadeiro sentido de Religião que encontramos nos fundamentos doutrinários do Cristianismo nascente. O sentido filosófico de Religião, entendida como expressão do sentimento, é extraído da filosofia do Cristianismo, quando Jesus nos afirma que o Reino de Deus não vem com aparências exteriores,



e nos apresenta Deus na condição de Espírito, como na passagem da Samaritana em que Jesus afirma que Deus é Espírito e somente em Espírito deve ser adorado, no templo dos corações.

O entendimento de que Religião é sentimento revela-nos um conceito transcendente, espiritual, que nos abriga à luz de uma Religião natural, desprovida de aparatos exteriores, de complicações na forma, reduzindo a relação da criatura com o Criador em acontecimento natural e importante, pois pode ser concretizado na simplicidade de uma prece, na vivência da caridade ou em gestos de amor ao próximo.

O Espiritismo não é enquadrado como religião social, porque dela estão ausentes as manifestações exteriores, próprias das religiões formalistas ou ritualísticas, inexistindo, dessa forma, em seu seio, rituais, práticas elitistas, bem como profissionalismo religioso, inerentes ao sacerdócio organizado com chefia humana.

Espiritismo religioso? Sim. Somente o Cristianismo restaurado pode salvar o mundo que se perde. Essa, ainda, a nossa função, regressando aos ambientes de estudos evangélicos, dos caminhos que a morte nos revelou aos corações. Nossa missão é essencialmente religiosa, na restauração da fé viva e na revivescência das tradições simples dos tempos apostólicos (Emmanuel, Coletânea do Além, mensagem Cristianismo Restaurado).

O sentido religioso do Espiritismo deve ser entendido como sendo a religião da Criatura ao Criador pelo próprio indivíduo no seu processo de autoaperfeiçoamento moral, espiritual, pelos caminhos do culto interior, independente de “fórmulas”, de práticas ritualísticas, de sacerdócio organizado, de chefia humana, manifestando-se tal Religião através da prática da caridade, do amor ao próximo.

O Espiritismo, tal como o Cristianismo, é a negação da existência de altares, oratórios, velas, incensos, mirra, fumo, água benta, novenas, talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhos, concessão de indulgências, cartomancia, quiromancia, tarôs, promessas e despachos, “pontos e cruzeiros”, termos exóticos para designação de seres e coisas, por não se coadunarem com a pureza e a simplicidade, apanágios do Cristianismo primitivo que o Espiritismo revive. “Excessiva exterioridade, afastamento da simplicidade cristã” (André Luiz, Conduta Espírita).



É tarefa de todo Espírita, seja dirigente de Casas Espíritas ou trabalhadores no setor de difusão da ideia espírita, reconhecer, esclarecer e afastar do movimento Espírita o que constitui acessório, daquilo que, verdadeiramente, interessa à Alma. Toda prática que revelar características humanas, de fundo ritualístico, fizer uso de vestimentas especiais ou aparatos exteriores, promover o personalismo ou exigir contribuição financeira, não deve ser considerada uma prática espírita e, por isso mesmo, não deve ser aceita em nossas Casas Espíritas. Que os defensores dessas práticas, se desejarem realizar um trabalho independente, tenham seus próprios locais de trabalho, mas sem a designação de Espírita.

As práticas consideradas estranhas ao Espiritismo contornam o movimento espírita, apoiando-se na fragilidade doutrinária de muitos companheiros de ideal que não enxergam a atuação sutil das forças espirituais infelizes que pretendem, novamente, envolver o Cristianismo, agora revivido pelo Espiritismo, no envoltório das convenções humanas.

O propósito dessas entidades infelizes é retirar o brilho intenso das lições de Jesus, ou, em última análise, retirar Jesus do Espiritismo, pois que representa a suprema necessidade do Espírito humano, já que, conforme afirmou: “Ninguém vai ao Pai, senão por mim”, ou seja, ninguém alcança libertação e compreensão espiritual sem viver, com intensidade, as lições de Nosso Senhor Jesus. Retirar Jesus do Espiritismo é empanar o brilho de suas lições inesquecíveis.

Para combater tal ideia, o Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, faz, na Introdução do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, um esclarecimento sobre os objetivos da obra, ressaltando a necessidade de extrair do Evangelho “o espírito da letra”, abolindo todo misticismo que muitas expressões de Jesus, estudadas isoladamente ou de forma superficial, poderiam sugerir ou apresentar, além de ressaltar a força do Espírito em suas manifestações imortais. Com esse trabalho, Allan Kardec preservou o sentido real das lições do Cristo, afastou o sentido místico das lições evangélicas, presentes nas práticas ritualísticas, e vinculou, definitivamente, o Espiritismo ao Cristianismo nascente:

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém,



conservou-se constantemente inatacável.

*Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, **na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.***

Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as consequências. É certo que tratados já se têm escrito de moral evangélica; mas, o arranjo em moderno estilo literário lhe tira a primitiva simplicidade que, ao mesmo tempo, lhe constitui o encanto e a autenticidade (Allan Kardec, ESE).

Podemos afirmar, então, que o essencial da Doutrina Espírita é de caráter espiritual, consubstanciados na vivência das lições evangélicas, e não seria admissível que os rótulos humanos, de características ritualísticas, promovam o afastamento do Espírita, o Cristão redivivo, de seu principal objetivo que é a iluminação do Espírito. Mas o perigo existe, pois muitos Espíritas ainda se agarram mais à parte mística do que à parte moral, daí o fato de práticas estranhas estarem contornando o Espiritismo, muito mais por adesão de inúmeros Espíritas, ainda familiarizados e encantados com práticas ritualísticas, que apelam mais para o sentido material, do que pela força da ideia espírita, que encontra em seus fundamentos doutrinários as orientações seguras. Considerando os esclarecimentos anteriores, passemos, então, a examinar, à luz das orientações doutrinárias espíritas, **notadamente com Jesus, Kardec e Chico Xavier**, as principais práticas que podemos considerar como estranhas ao corpo doutrinário da Revelação Espírita.



A. EVENTOS ESPÍRITAS PAGOS



Jesus expulsa os vendilhões do templo

“[...] Precatai-vos dos escribas que se exibem a passear com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos festins...”
(LUCAS, 20:45 a 47; MARCOS, 12:38 a 40; MATEUS, 23:14)

O presente trabalho foi elaborado na feição de uma abordagem fraterna, tendo em vista a necessidade de analisar determinados temas que afetam a indignação do legítimo Cristão, assim como narrado no Evangelho, quando **Jesus, possuído de uma indignação justa, expulsa os vendilhões do templo.**

“A indignação contra os prejuízos da alma deve caracterizar os sinceros discípulos do Evangelho. Jesus indignou-se contra a hipocrisia de sua época, contra a insegurança dos companheiros, contra os mercadores do Templo” (Emmanuel, Luz no Caminho).

Reforçamos, o nosso entendimento a respeito de um dos maiores absurdos doutrinários, que chega ao movimento Espírita, a reboque de uma das maiores pragas na seara Espírita, que devemos identificar como sendo as manifestações do Elitismo.



Desde muito jovem, aprendi a colher os benefícios da cultura espírita através de cursos sempre gratuitos que a Aliança Municipal Espírita de Uberaba realizava, e ainda realiza, com espírito de desprendimento e de amor à causa da Terceira Revelação. Partilhava da pacífica compreensão de que entre os companheiros de ideal espírita não havia espaço para cobranças de qualquer natureza. E, nesse ambiente, o clima de fraternidade e alegria cristã tomava conta de todos os corações, numa demonstração inesquecível e inapagável de que a Doutrina Cristã, ou o Cristianismo Restaurado na feição do Espiritismo, representa uma doação permanente e gratuita de bênçãos espirituais.

E, nunca é demais registrar que Bezerra de Menezes foi enfático ao afirmar a importância de manter o Espiritismo em sua feição original, isento de práticas elitistas, conforme mensagem recebida por Chico Xavier na Comunhão Espírita Cristã, com sede em Uberaba MG.

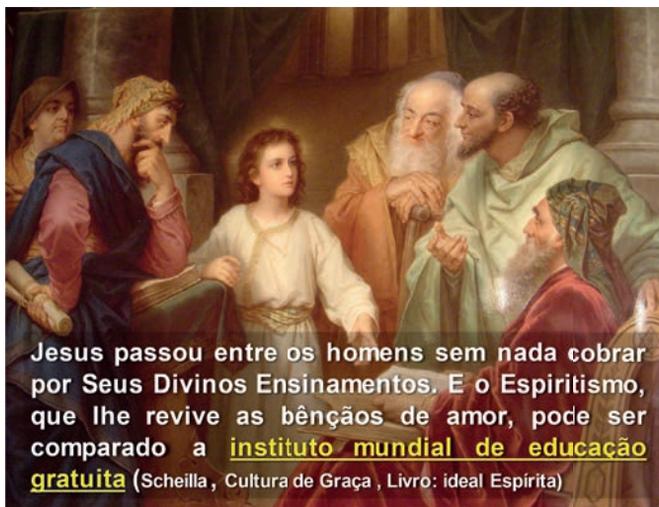
*É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a *poderes terrestres transitórios* (Bezerra de Menezes, Mensagem Unificação, psicografada por Chico Xavier em 20.04.1963, na Cidade de Uberaba MG).*

No sentido de esclarecer ainda mais a questão, o Espírito de Scheilla, através da psicografia de Chico Xavier, nos apresenta a mensagem intitulada “Cultura de Graça”, inserida no livro Ideal Espírita, na qual afirma, de forma clara, que o Espiritismo pode ser comparado a instituto mundial de educação gratuita.

Para as nossas aquisições sublimes, permite o Senhor que a Doutrina Espírita abra atualmente na Terra preciosos cursos de elevação, em que a cultura da alma nada pede à bolsa dos aprendizes. Pela administração desses valores eternos não há preço amoedado. Cada aluno da organização redentora pode comparecer de mãos vazias, trazendo simplesmente o sinal do respeito e o vaso da atenção. Jesus, o Mestre dos Mestres, passou



entre os homens sem nada cobrar por seus divinos ensinamentos. E o Espiritismo, que lhe revive agora as bênçãos de amor, pode ser comparado a instituto mundial de educação gratuita, conduzindo-nos a todos, sem exigência e sem paga, do vale obscuro da ignorância para os montes da luz (Scheilla, Cultura de Graça, psicografia de Chico Xavier).



Portanto, constitui prática estranha ao Espiritismo, o pagamento, sob qualquer forma, pelos serviços prestados ao movimento, como por exemplo, inscrições e taxas em encontros, seminários e conferências; despesas com oradores ou médiuns, ainda que a título beneficente. De forma sutil, essa prática pode caracterizar uma tendência ao profissionalismo religioso, além de constituir uma atitude elitista e contrária à finalidade do Espiritismo, cujas raízes absorvem a seiva da caridade e do ensino gratuito que sempre constitui uma característica dos valorosos apóstolos da fé Cristã, seja nos tempos apostólicos do Cristianismo nascente, seja no Cristianismo redivivo, através dos exemplos admiráveis de Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo e, notadamente, de Chico Xavier.



Deve ser registrado, também, que a reboque desse absurdo doutrinário, vem a semente do personalismo, que planta no coração e na mente de oradores e médiuns espíritas uma suposta condição de superioridade, ou relevância, que não existe na Doutrina Espírita, hoje convocada a restaurar os ensinamentos de Jesus no clima da humildade, da simplicidade e da solidariedade.

A realização de grandes congressos tem motivado os confrades espíritas a se utilizarem do expediente da cobrança de taxas, tendo em vista as despesas decorrentes de tais eventos. Anotamos aqui a existência do pensamento elitista, de exclusão dos mais simples e pobres, prática sutil em suas manobras e inadequada para o movimento espírita, pois o problema não é a necessidade de recursos, mas a forma de obtê-los. Com a cobrança de taxas, exigência para participar do evento, fica evidente a institucionalização do pagamento por benefícios, o que não encontra respaldo no corpo doutrinário.

A tese apresentada por confrades elitistas, nos parece, antes, um sofisma, ou seja, um pensamento verdadeiro, baseado na necessidade da troca de experiências através de encontros, simpósios, sob uma base falsa, ou seja, a forma de obtenção de recursos. Em vista disso, seria desaconselhável a cobrança de taxas, sejam quais forem, para que o evento seja aberto a todos, sem distinção de classes sociais. O ideal é que a obtenção de recursos financeiros pudesse ser feita através da colaboração



espontânea de confrades que, por ideal, arcariam com os custos do evento, mas, nesse caso, seria necessária a realização de eventos nos recintos dos Centros Espíritas, na feição de pequenos eventos, e que os oradores não cobrassem por suas palestras.

Não foi sem motivo que Kardec, profeticamente, falou sobre a multiplicação dos pequenos grupos (Livro dos Médiuns item 334), evitando-se as grandes aglomerações, para que a materialização desses eventos seja realizada em condições compatíveis com a estrutura da Casa Espírita, ou seja, em simples e pequenos eventos, para que as despesas sejam reduzidas e não pesem nos ombros dos companheiros de ideal. Essa deliberação poderia, inclusive, contribuir para cercear as manifestações do personalismo e da vaidade que são consequências naturais dos grandes eventos. **Ou seja, a melhor ideia seria simplificar a organização, com a realização de eventos menores e com a participação dos confrades da região, mesmos os mais simples que falarão com a mesma inspiração dos “grandes oradores”.**

Mas essa proposta representa uma mudança de comportamento por parte de alguns grupos espíritas que preferem a quantidade em detrimento da confraternização fraterna, que dispensa qualquer mensagem de “César” e faz apologia ao sentimento de simplicidade e fraternidade. *O apostolado de Allan Kardec é a restauração do Cristianismo simples e claro, em que Jesus procura o povo e o povo encontra Jesus (Emmanuel, Estude e Viva, Lição 12).*

Para diminuir a influência do personalismo, o ideal é que as palestras espíritas sejam realizadas nos ambientes dos Centros Espíritas, preservando-se a ideia dos pequenos grupos, conforme defende Allan Kardec no item 334 de O Livro dos Médiuns.

O ideal seria a realização de pequenos encontros na simplicidade dos ambientes Espíritas, através do trabalho voluntário e sem a preocupação com o proselitismo, pois esta ação permite uma aproximação fraterna entre os companheiros de ideal, afastamento do fantasma do personalismo, participação de confrades de todos os níveis sociais e a redução substancial das despesas, que deveriam ser suportadas pelo Grupo Espírita. *“Quem sabe suportar as próprias responsabilidades, dá testemunho de fé” (André Luiz, Conduta Espírita).*

Um fato significativo e contrário à finalidade do Espiritismo, e que vem avançando no movimento Espírita, é o aparecimento, ainda



sutil, dos “profissionais” da oratória, tendo em vista a exposição cada vez maior nas redes sociais. E com essa exposição cresce a possibilidade da concretização do profissionalismo religioso ou, então, acontecer o que Chico Xavier afirmou, em entrevista, que com o crescimento do elitismo e, conseqüentemente, do personalismo, existe a possibilidade de palestras espíritas serem feitas, apenas, por pessoas laureadas por títulos acadêmicos.

É preciso fugir da tendência à «elitização» no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto às massas, que amemos a todos os companheiros, mas, sobretudo, aos espíritas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade. Se não nos precavermos daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada. (Entrevista de Chico Xavier concedida ao Jarbas Leone Varanda na Obra Encontros No Tempo)

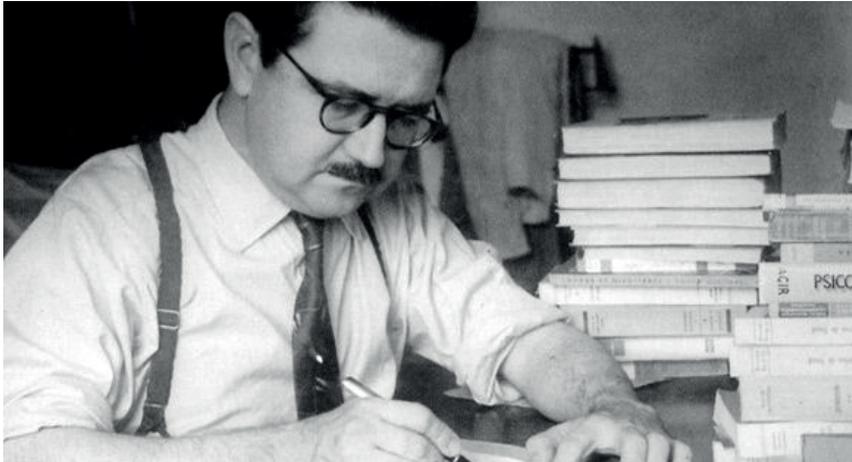
Ainda, teríamos que acrescentar, no sentido de um alerta fraterno aos companheiros de ideal espírita, que os que estão trabalhando, consciente ou inconscientemente, pela elitização do movimento espírita estão, na verdade, trabalhando contra a tarefa do Cristo, cujo Evangelho apresenta o Cristo sempre transitando, de forma simples e humilde, entre os mais necessitados, de qualquer condição social.

A presença de Jesus, nos moldes da humildade, simplicidade e fraternidade, encontra-se fartamente documentadas na obra mediúnica de Chico Xavier, mandato mediúnico em trabalho pela finalidade do Espiritismo, cuja característica principal é a revivescência das práticas simples do Cristianismo nascente.

Para reforçar tal entendimento, encontramos, também, com Herculano Pires, em “O Espírito e o Tempo”, a definição poética e



verdadeira da presença de Jesus entre nós, vivendo suas lições na simplicidade do ambiente da Palestina.



Herculano Pires

*Sua palavra mansa e generosa reunia todos os infortunados e todos os pecadores. Escolheu os ambientes mais pobres para viver a intensidade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário feito dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza. Suas pregações nas praças públicas verificam-se a propósito dos seres mais desprotegidos e desclassificados, como a demonstrar que a sua palavra vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade e na mesma estrada luminosa do Amor. (Herculano Pires, **O Espírito e o Tempo**)*

Atualmente, no meio Espírita, é muito comum a existência de CONGRESSOS e EVENTOS PAGOS. Contudo, estaria essa prática, de acordo com as Bases Doutrinárias, trazidas pelos Espíritos, advindo da misericórdia de Jesus, por meio de Kardec e Chico? Estaríamos adentrando no mesmo caminho, na “esquina de pedra”, que desvirtuou o Cristianismo, quando o “Formalismo Religioso” foi instituído, a partir do Concílio de Constantinopla?



Esse ponto ainda é fruto do orgulho humano, pois o Espírita quer sempre adequar os princípios Espíritas às próprias percepções. O Espiritismo é simplicidade, fraternidade, amor e união. Basta lembrarmos de como Jesus se portava e como Chico Xavier exemplificou: servindo e trabalhando gratuitamente para o povo.

A existência de congressos e eventos pagos é fruto também de interesses pessoais mesquinhos, utilizando a própria Doutrina de Jesus como ferramenta de ganhos materiais e promoção. Kardec explica dizendo que:

Disse também Jesus: Não façais que vos paguem as vossas preces; não façais como os escribas, que ‘a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas’, isto é, abocanham as fortunas. A prece é ato de caridade, é um arroubo do coração; fazer pagar aquela que se dirige a Deus por outrem é transformar-se em intermediário assalariado; a prece, então, fica sendo uma fórmula, cujo comprimento se proporciona à soma que custe. (Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. XXVI – Preces Pagas).

Sabemos que existem verdadeiros “profissionais” da oratória, palestrantes que vivem e sobrevivem com os ganhos materiais provenientes da Doutrina (vivem da religião). Cobram pelas palestras, viagens e estadias nas cidades visitadas, e que, com a justificativa de arcar com os custos da viagem, se extraviam dos ensinamentos de Jesus. Kardec mostra que as viagens realizadas com o intuito da divulgação espírita devem ser pagas com o dinheiro do próprio bolso. Paulo de Tarso foi um grande combatente das práticas estranhas e do elitismo, inclusive como deveríamos nos portar perante o ministério espiritual. Estamos trabalhando para Jesus e não para os nossos interesses pessoais. Analisemos tal assunto, tomando como base o seguinte trecho para chegarmos à conclusão de que precisamos dar nosso testemunho de humildade e abnegação:

Apenas apresentava uma condição, qual a de **prosseguir no seu ofício**, de maneira a não ser **pesado aos seus confrades** de Antioquia. [...] **Durante largas horas do dia**, consertava tapetes ou se entretinha **no trabalho de tecelagem**. Destarte, ganhava o necessário para viver, tornando-



se **um modelo** no seio da nova igreja. [...] Mas diariamente, à noite, se reuniam, na casa singela onde funcionava a célula do ‘Caminho’, grandes **grupos** de pedreiros, de soldados paupérrimos, de lavradores **pobres**, ansiosos todos pela **mensagem** de um mundo melhor. (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. IV, p. 314 e 315, 14ª edição, GRIFOS NOSSOS).

Em outro trecho, o apóstolo Paulo novamente reitera sobre como realizava o seu ministério por Jesus:

Barnabé e eu empreendemos longa excursão a serviço do Evangelho e **vivemos**, em todo o seu transcurso, **a expensas do nosso trabalho**. Eu tecelão, ele oleiro, em atividade provisória nos lugares que passamos. [...] poderíamos voltar agora às mesmas regiões e visitar outras, pedindo recursos para a igreja de Jerusalém. Provaríamos nosso desinteresse pessoal, **vivendo à custa de nosso esforço** [...]. (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. V, p. 391 e 392, 14ª edição – GRIFOS NOSSOS).

Os responsáveis pelos eventos e congressos se justificam dizendo que é necessário cobrar para arcar com os custos que os eventos geram. Mas e os que não tem condição de arcar com os valores cobrados? E os realmente necessitados dos ensinamentos do alto? Em qualquer evento doutrinário Espírita todos devem ficar à vontade, sem distinção. Alguns dizem que não cobram dos mais pobres, quando esses comprovem baixa renda, mas, somente pela cobrança da entrada, há uma separação, ou uma segregação, em que mesmo que se ofereça a entrada aos mais pobres, há uma distinção entre os que podem pagar e os que não podem. Somente o fato de se analisar os casos, separadamente, já traz um embaraço muito grande para aquele que não tem condições de arcar com os custos. Já houve eventos em que se separou aqueles que pagaram dos que não pagaram (os que pagaram ficavam no ar-condicionado e os que não pagaram ficaram sem). Chico Xavier já havia alertado que o Espiritismo é para todos e para o povo. O apóstolo do amor convivia com as massas e estava sempre



atento às necessidades de todos. Por isso é que Paulo nos orienta: “O dinheiro quando não bem aproveitado [...] sempre dissolve os laços e as responsabilidades mais santas. (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. IV, p. 351, 14ª edição).

Se o Evangelho é para todos, como explicar tal discrepância com relação à simplicidade do Cristianismo? Vejamos novamente a vivência de Paulo de Tarso:

Tinha enorme satisfação sempre que via **a tenda pobre repleta de irmãos que o procuravam, tomados de simpatia**. As encomendas não faltavam. **Havia sempre trabalho suficiente para não se tornar pesado a ninguém**. (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. IV, p. 316, 14ª edição, GRIFOS NOSSOS).

Vemos que, nesses congressos e eventos pagos, há um comércio muito grande na venda de pacotes exclusivos (hospedagem em hotéis, venda de livros do palestrante e até mesmo a obrigatoriedade de se adquirir os livros apresentados no evento). Ou seja, esses eventos são a representação moderna dos vendilhões do templo. Os ensinamentos do Senhor são ministrados no meio de uma “feira espiritual”. Há ganhos e aferições pessoais em toda parte. Com relação à vivência cristã, Paulo de Tarso diz que: “Será grande talismã, na existência, o sabermos viver com os nossos próprios recursos, sem exorbitar do necessário ao nosso ENRIQUECIMENTO ESPIRITUAL.” (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. IV, p. 346, 14ª edição).

Todo esse comércio é realizado com a promoção pessoal dos palestrantes, formando uma verdadeira idolatria. Não mais buscamos as lições e as ideias superiores, mas sim busca-se seguir a pessoa em si. cremos que nessas situações devemos lembrar a energia que Jesus utilizava para mostrar a impropriedade de tais atitudes: “Eles vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus, entrando no templo, começou por expulsar dali os que vendiam e compravam...” (MARCOS, 11:15 a 18 — MATEUS, 21:12 e 13)

Tal assunto é aprofundado pela análise da seguinte mensagem:

Meus irmãos, não queirais pôr a fé da glória de nosso Senhor Jesus Cristo em **acepção de pessoas**. Porque se entrar no vosso **congresso** algum varão que tenha



anel de ouro com vestido precioso, e entrar também um pobre com vestido humilde, e se atenderdes ao que vem vestido magnificamente e lhe disserdes: tu senta-te aqui neste lugar que te compete; e disserdes ao pobre: deixa-te estar para ali em pé, ou senta-te aqui abaixo do estrado de meus pés. [...] Ouvi, meus diletíssimos irmãos, porventura não escolheu Deus aos que eram pobres neste mundo, para serem ricos na fé e herdeiros do reino, que o mesmo Deus prometeu aos que o amam? E vós, pelo contrário, **desonrais o pobre**. [...] Se vós contudo cumpris a lei real, conforme as escrituras: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem. Mas **se vós fazeis acepção de pessoas, cometeis nisso um pecado**, sendo condenados pela lei como transgressores. (Epístola de TIAGO, 2:1 a 13, GRIFOS NOSSOS).

É importante que a tônica das reuniões doutrinárias sejam aquelas realizadas de forma simples, sem pretensões de grandiosidade, numa casa espírita, em que todos possam participar do banquete do Evangelho. Se, mesmo assim, houver necessidade de se realizar um evento de grandes proporções, que possa ser sempre gratuito, com os próprios organizadores responsáveis dividindo os custos.

Concluimos esse ponto com a missiva muito clara de Kardec: “Jesus expulsou do templo os mercadores; **condenou assim o tráfico das coisas santas sob qualquer forma que ele seja**. Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no reino dos Céus; não tem, pois, o homem, o direito de lhes estipular **preço**.” ([Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. XXVI – Mercadores expulsos do templo](#), GRIFOS NOSSOS).

B. O ELITISMO E O PERSONALISMO NA DIMENSÃO ESPÍRITA

Tendo ultrapassado o tempo da fé cega, a Doutrina Espírita enseja-nos a possibilidade de estabelecermos uma análise crítica, em torno dos mais variados temas, na discussão de princípios doutrinários, principalmente quando o tema diz respeito à finalidade básica do Espiritismo, cuja proposta é a revivescência do Cristianismo Primitivo.

Uma das polêmicas atuais, corporificando tendências do passado, diz respeito ao Elitismo no meio Espírita, e mais especificamente ao



Personalismo, atitudes que comprometem as manifestações da prática Espírita, o que nos despertam para a necessidade de um posicionamento fraterno, mas firme e claro, nos auxiliando a compreender essa grave questão doutrinária, no sentido de afastar um perigo que pretende tirar o brilho de uma Doutrina, cuja grandeza está, justamente, em sua simplicidade.

Essa ELITIZAÇÃO do MOVIMENTO, com a separação por “Castas”, hierarquias e classes divulgando o estudo orientado somente para as ELITES intelectuais. A vivência dos verdadeiros apóstolos de Cristo sempre nos remonta à simplicidade e à convivência com o povo. Chico Xavier foi a mais bela representação desse aspecto e recomendou que não se dividisse o Espiritismo em castas ao se criar, por exemplo, grupos de estudos separados por área do saber (aliança de médicos, de juristas, engenheiros) ou por posições sociais. Muito menos que o Evangelho fosse ministrado somente para uma “elite intelectual”, deixando os menos favorecidos de fora. O apóstolo Paulo expressa essa simplicidade com a seguinte passagem descrita por Emmanuel:

A existência, para o ex-rabino, não podia ser mais tranquila nem mais bela. Era-lhe **o dia** cheio das notas harmoniosas do **trabalho digno e construtivo**; à noite, **recolhia-se à igreja em companhia dos irmãos**, entregando-se prazenteiro às lides sublimes do Evangelho. (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. IV, p. 316, 14ª edição, GRIFOS NOSSOS).

Não estaríamos retornando às tradições farisaicas com suas reuniões restritas à ELITE intelectual? Não estaríamos retornando ao formalismo religioso, em que somente aquele que é considerado “doutor da lei” ou “sacerdote” tem direito a ensinar? Existe hierarquia religiosa no Espiritismo? Sabemos que a única hierarquia existente (nos dois planos) é a hierarquia moral. Jesus ensinou nas praças públicas, nos barcos e nas montanhas, destacando a simplicidade e a necessidade do Evangelho para todos.

Essa prática, ensinada por Jesus, não é muito diferente dos Congressos em que o palestrante é um POPSTAR e tudo se torna um grande ESPETÁCULO ou SHOW? Que do seu PÚLPITO, normalmente



elevado fisicamente, acima dos ouvintes, despeja sobre eles as lições, numa hipnose coletiva, fazendo com que os ensinamentos simples e puros de Jesus contrastem com um exterior florido, com gestos pré-definidos, mas com o interior prejudicado pela falta de sentimentos cristãos? “A boca fala do que está cheio o coração” e, por isso, uma palestra proferida mecanicamente (ou com interesses escusos e vibrações inferiores) não atinge o coração dos que participam. O Evangelho deve ser vivido na sua simplicidade e pureza.

Da mesma forma devemos sempre lembrar de como é negativo exteriorizarmos o orgulho fazendo distinções entre os praticantes da Doutrina, como se existisse alguém melhor ou mais importante. Missionários tivemos apenas dois: Kardec e Chico. O restante de nós somos apenas servidores imperfeitos com a necessidade de refletir, entender e praticar os ensinamentos dos Espíritos Superiores. Não existe papado, bispos ou representantes do Espiritismo. Não existe líder de centro espírita e nem de grupos regionais. Somos apenas seguidores do Mestre em condição de aprendizes e iguais no sentido de necessidade evolutiva. Nesse sentido, é necessário, para concluir o assunto sobre Elitismo, analisar atentamente uma entrevista de Chico Xavier realizada por Jarbas Leone Varanda quando perguntou-se sobre a administração espírita:

— Então, caro Chico, o problema não é de direção ou, melhor diríamos, de administração espírita?

— Não, o problema não é de direção ou administração em si, pois, precisamos administrar até a nós mesmos, mas a maneira como a conduzem, isto é, a falta de maior aproximação com irmãos socialmente menos favorecidos, que equivale à ausência de amor, presente no excesso de rigorismo, de suposta pureza doutrinária, de formalismo por parte daqueles que são responsáveis pelas nossas instituições; é a preocupação excessiva com a parte material das instituições, com a manutenção, por exemplo, de sócios contribuintes ao invés de sócios ou companheiros ligados pelos laços do trabalho, da responsabilidade, da fraternidade legítima; é a preocupação com o patrimônio material ao invés do espiritual e doutrinário; é a preocupação de inverter o processo de maior difusão do Espiritismo fazendo-o



partir de cima para baixo, da elite intelectualizada para as massas, exigindo-se dos companheiros em dificuldades materiais ou espirituais uma elevação ou um crescimento, sem apoio dos que foram chamados pela Doutrina Espírita a fim de ampará-los na formação gradativa. (Encontros no tempo – Chico Xavier / Espíritos Diversos – cap. 13)

Considerada uma prática totalmente estranha e afastada da finalidade básica do Espiritismo, cuja proposta é a revivescência do Cristianismo Primitivo, o elitismo encontra-se contornando o movimento espírita, em diversas manifestações, devendo ser observado um aspecto de destaque, dentro dessa questão, pois que na base dos problemas relacionados à elitização, encontra-se a imagem do personalismo que é sinônimo de vaidade, que, por sua vez, é uma consequência do orgulho e do egoísmo, consideradas, de acordo com o Evangelho Segundo o Espiritismo, duas chagas da humanidade.

Mas, apesar do avanço do elitismo, não existe a possibilidade do corpo doutrinário ser alterado, pois os Espíritos Superiores apresentaram a Doutrina Espírita com o selo da universalidade e, sobretudo, com o caráter impessoal, ou seja, trata-se de uma Doutrina que, além de estar assentada em bases sólidas e naturais, é de origem divina e encontra-se sob a responsabilidade do Espírito da Verdade, representando, portanto, o pensamento do Cristo, e, por isso mesmo, em termos de conteúdo doutrinário, é inalterável em seus fundamentos, detendo, portanto, a prerrogativa de ser nosso órgão orientador.

Esse aspecto valoriza o caráter impessoal da Doutrina, o que, na prática, deveria impedir o aparecimento de práticas estranhas e de pretensos líderes, mesmo que dotados de cultura enciclopédica, com evidências injustificáveis ou endossando atitudes em desacordo com as bases doutrinárias. Entretanto, na prática Espírita, existe a possibilidade, como nos apresenta na atualidade o cenário dos eventos espíritas, sejam eles pagos ou não, do elitismo se manifestar, através de uma das práticas mais detestáveis para a cultura do verdadeiro Cristianismo, ou seja, a evidência pessoal ou o personalismo.

E isso tem relação com a expressão prática do Espiritismo, no contexto do movimento espírita, que se caracteriza por um conjunto de



atividades que objetivam corporificar, em termos de trabalho e vivência, os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, através, basicamente, dos Centros Espíritas. Assim, o movimento espírita pode refletir ou não a Doutrina Espírita, em função da forma que o Espírita imprima ao movimento. Nesse caso, no tocante ao personalismo, a responsabilidade do Espírita fica evidenciada na necessidade de preservação das bases doutrinárias, no sentido de fugir a qualquer tentativa de elitização do movimento.

Nasce dessa consideração, a necessidade imperiosa de se construir uma consciência de que a Doutrina dos Espíritos é a grande fonte de informações a todos os Espíritas, exigindo o estudo e difusão das obras básicas para conhecimento e discernimento do que seja, realmente, uma prática espírita. Com essa atitude relativa ao conhecimento das bases doutrinárias, vivenciada no estudo e na prática espírita, poderemos colocar um dique às manifestações do personalismo, que nos afasta do sentimento sagrado de religiosidade cristã.

O personalismo no meio espírita fica caracterizado na importância exagerada da personalidade de líderes e/ou representantes “ilustres” do movimento, os quais costumam se valer, seja da autoridade ou prestígio, para ressaltar, nas vestes do orgulho e do egoísmo, a necessidade do proselitismo para atender a interesses pessoais, seja no campo da vaidade pessoal ou mesmo no campo financeiro, surgindo daí os grandes e luxuosos eventos, totalmente descaracterizados das práticas genuinamente espíritas.

Já nos primórdios da codificação do Espiritismo, Allan Kardec fazendo referência aos perigos do egoísmo nas manifestações sociais e, talvez, ao observar a possibilidade de infiltração do personalismo no movimento espírita, registra o pensamento dos Espíritos, em O Livro dos Espíritos, ao tratar da perfeição moral, sobre a necessidade de o Espiritismo ser bem compreendido, conforme texto registrado abaixo:

“Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo



menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo” (Allan Kardec, O Livro dos Espíritos)

Nesse contexto, passamos a compreender o sentido da valorização e direcionamento da feição religiosa do Espiritismo, notadamente nas terras do Cruzeiro do Sul através da tarefa mediúmica de Francisco Cândido Xavier, porque a única força capaz de vencer a supervalorização da personalidade é o Evangelho de Jesus, plenamente incorporado na mente e no coração dos homens.

Infelizmente, o personalismo nas lides espíritas vem se tornando, cada vez mais, uma realidade dentro da Doutrina, com dirigentes, oradores e médiuns procurando os ilusórios holofotes da fama, na ilusória pretensão que o Espiritismo, pouco a pouco, se afaste de sua simplicidade original.

Passemos, então, a analisar o conceito de Elitismo para compreendermos suas principais e nocivas manifestações, e, para tanto, iremos consultar as páginas do opúsculo “**Jesus, Kardec e o Elitismo**”, de autoria do confrade Jarbas Varanda, em que ele faz, de maneira simples, mas profunda, uma apreciação, basicamente, nos termos seguintes:

Podemos identificar o elitismo, como sendo o “modo de ser” que consubstancia ideia, ações ou atitudes daqueles que no grupo social atingiram um nível mais refinado de cultura, de conhecimento, e que se colocam, consciente ou inconscientemente, como ditadores de padrões de comportamento, com base numa certa liderança exercida. Daí, poderemos caracterizar o Elitismo no meio Espírita como sendo aquela tendência para as “práticas formalistas”, de verdadeiras castas intelectuais, ditando padrões exteriores de comportamento aos Espíritas e suas práticas, e, notadamente, distanciando-se do povo. Uma atitude totalmente contrária à proposta original do Espiritismo, cujas bases estão estabelecidas em sua finalidade central que é a revivescência do Cristianismo Primitivo (**Trechos extraídos do opúsculo, elaborado pelo Jarbas Varanda, intitulado Jesus, Kardec e o Elitismo**).



De forma sutil, o personalismo se caracteriza como uma atitude elitista e contrária à finalidade do Espiritismo, cujas raízes absorvem a seiva da caridade e do ensino gratuito, aliás, uma característica dos valorosos apóstolos da fé Cristã, seja nos tempos apostólicos do Cristianismo nascente, seja no Cristianismo redivivo, através dos exemplos admiráveis de Paulo de Tarso, Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo e, notadamente, de Chico Xavier.

A semente do personalismo semeia no coração e na mente de dirigentes, oradores e médiuns espíritas uma suposta condição de superioridade, ou relevância, que não existe na Doutrina Espírita, hoje convocada a restaurar os ensinamentos de Jesus no clima da humildade, da simplicidade e da solidariedade. A única superioridade legítima é a moral, entretanto, quem possui essa superioridade é adivinhado e não necessita buscar reconhecimento ou visibilidade. A existência do pensamento elitista, nas vestes do personalismo, de exclusão dos mais simples e pobres, na organização de eventos pagos, por exemplo, a pretexto de uma administração eficaz, nada mais realiza do que comprometer a tarefa do Cristo, confundindo os cristãos redivivos, levando Emmanuel a nos advertir, na base de uma sentença inolvidável, e lavrada a caracteres de luz.

Um fato significativo e contrário à finalidade do Espiritismo, e que vem avançando no movimento Espírita, é o aparecimento, ainda sutil, dos “profissionais” da oratória espírita, exemplo evidente da existência do personalismo no seio Espírita. Para diminuir a influência do personalismo, engastado nas teias do orgulho e da vaidade, e como proposta para evitar seu avanço na seara Espírita, o ideal seria a realização de pequenos encontros. Encontros realizados à luz da simplicidade, através do trabalho voluntário e sem a preocupação com o proselitismo, pois é notório que os pequenos encontros permitem uma aproximação fraterna entre os companheiros de ideal, afastam o fantasma do personalismo, possibilitando a participação de confrades de todos os níveis sociais e a redução substancial das despesas, que, se existem, deveriam ser suportadas pelo próprio grupo espírita, responsável.

Outro fato lamentável, e que será objeto de um item específico, é a criação de entidades espíritas classistas, verdadeiras castas de pretensos intelectuais espíritas, que assumem suposta superioridade em função de seu conhecimento acadêmico, como é o caso das associações de médicos espíritas, de magistrados, de “doutores”, enfim, que se colocam como



“mordomos infiéis” de um conhecimento que deveria, antes de tudo, ser distribuído ao povo de forma simples e despreziosa. Essas associações revelam de forma clara a face formalista daqueles que não conseguiram aceitar o Espiritismo nas vestes da simplicidade. **Estas castas não conseguem fomentar os diálogos fraternos com o povo, a exemplo de Jesus que procurava os elementos mais simples da sociedade para compartilhar as verdades eternas**, através de uma generosidade extraordinária e que alimentava os mais humildes de coração, vertidos ao solo do sofrimento e das lutas diárias, mas portadores das riquezas do Espírito imortal.

Mesmo porque, o personalismo, como fator de discriminação e pretensa cultura e moralidade social, afasta, compulsoriamente, os deserdados da sorte do mundo dos ambientes mais refinados do academicismo, o que vale por uma expulsão daqueles que, por sua simplicidade e humildade, poderiam enriquecer o ambiente da cultura do mundo com os valores eternos do Espírito. O ideal é que todos os Espíritas, dos mais simples aos chamados intelectuais, trocassem experiências através de círculos de estudo, na assistência fraterna ou nas reuniões públicas, de forma fraterna.

O perigo que ronda o espiritismo, e conseqüentemente, podendo afetar a proposta de retorno às bases cristãs, é, justamente, o personalismo, manifestação da vaidade humana e com raízes na cultura materialista, do imediatismo, que poderá forjar um aparato formalista, transitório, característica das religiões sociais. Essas manifestações são perigosas para o movimento Espírita da atualidade, porque a mente humana gravita, há séculos, em torno de patrimônios efêmeros, como a exposição exagerada da personalidade, a cultura da vaidade, o fascínio do ouro ou a ambição pelo poder, o que facilita a adesão de confrades imprudentes a essa corrente de pensamentos nocivos à prática Espírita. Encontramos, no pensamento de Herculano Pires, o sinal de alerta consubstanciado no seguinte pensamento:

Um dos fatos marcantes do nosso tempo, do mundo contemporâneo, é que o poder das Religiões formalistas, humanas, não é mais religioso, mas simplesmente econômico, político e social. (Herculano Pires, Agonia das Religiões).



A bem da verdade, acreditamos que não poderíamos deixar de lembrar as considerações de Emmanuel a respeito daqueles espíritas que se incorporam ao Evangelho Salvador, por espírito de contenda, pois, no dizer do evangelista, estes “são dos maiores e dos mais sutis adversários do Reino de Deus”, e que se vestem, também, com a capa do personalismo. Vejamos, então, o pensamento do evangelista e que se encontra nas páginas do livro Pão Nosso:

*Não estão eles à procura de claridade divina para o coração. Apenas disputam louvor e destaque no terreno das considerações passageiras. Analisando as letras sagradas, não atraem recursos necessários à própria iluminação e, sim, **os meios de se evidenciar no personalismo inferior**. Combatem os semelhantes que lhes não adotam a cartilha particular, atiram-se contra os serviços que lhes não guardam o controle direto, não colaboram senão do vértice para a base, não enxergam vantagens senão nas tarefas de que eles mesmos se incumbem. Estimam as longas discussões a propósito da colocação de uma vírgula e perdem dias imensos para descobrir as contradições aparentes dos escritores consagrados ao ideal de Jesus. Jamais dispõem de tempo para os serviços da humildade cristã, interessados que se acham na evidência pessoal. Encontram sempre grande estranheza na conjugação dos verbos ajudar, perdoar e servir. Fixam-se, invariavelmente, na zona imperfeita da humanidade e trazem azorragues nas mãos pelo mau gosto de vergastar. Contendem acerca de todas as particularidades da edificação evangélica e, quando surgem perspectivas de acordo construtivo, criam novos motivos de perturbação. (Emmanuel, Pão Nosso, psicografado por Chico Xavier).*

Acreditamos que a análise dos principais pontos sobre o personalismo na dimensão Espírita esteja longe de encontrar um ponto final, haja vista, as ramificações de que se encontra portador, como é o caso da forma como muitas instituições Espíritas vêm sendo administradas, da vaidade pessoal de médiuns, da postura de oradores Espíritas, da necessidade de



autoevangelização, da publicação indiscriminada de obras mediúnicas, dos eventos espíritas pagos, ou mesmo, o problema do proselitismo.

Finalizando os apontamentos doutrinários a respeito do elitismo e do personalismo na dimensão Espírita, lembraríamos que Emmanuel é intransigente a esse respeito e se coloca frontalmente contra aqueles que preferem as atitudes elitistas, como bem expressou seu pensamento, na mensagem intitulada “Em que perseveras”:

A atitude dos cristãos, na atualidade, porém, é muito diferente. Raríssimos perseveram na doutrina dos apóstolos, na comunhão com o Evangelho, no espírito de fraternidade, nos serviços da fé viva. A maioria prefere os chamados “pontos de vista”, comunga com o personalismo destruidor, fortalece a raiz do egoísmo e raciocina sem iluminação espiritual. [...] Antes de aplaudir os mais afoitos, procuremos saber se estamos com a volubilidade dos homens ou com a imutabilidade do Cristo. (Emmanuel, Livro: Vinha de Luz, psicografia de Chico Xavier).

Diante do fantasma do personalismo que pode se transformar em fator de desunião na prática espírita, deixamos registrado uma mensagem fraterna aos companheiros de ideal. Considerando que a união de propósitos na seara espírita, pela edificação do corpo doutrinário e pelo ideal de servir desinteressadamente, representa um apelo constante da espiritualidade superior, o Espiritismo enseja-nos a oportunidade de completamos uns aos outros pelas nossas diferenças, pois se diferimos nos acessórios, concordamos sempre no essencial. Por isso mesmo, como ponto final em nossas considerações, destacamos, como fator de unidade, a prática da caridade entre os irmãos na fé Espírita, no sentido de elevar os pontos de vista, pois que devemos, em última análise, eliminar as arestas do nosso personalismo, na real compreensão de que todos somos simples obreiros, na busca e na conquista da verdade, sob o pálio da luz Cristã.



C. INSTITUIÇÕES ESPÍRITAS CLASSISTAS



É lamentável a criação de instituições espíritas classistas, isto é, associações espíritas de médicos, odontólogos, militares, psicólogos, magistrados, que promovem a separação elitista dos espíritas, em compartimentos estanques, isolados uns dos outros, verdadeiras castas, esquecendo que tal como o Cristianismo, o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar.

Esta é uma das práticas elitistas que nos lembra uma pretensa superioridade de uns em relação aos outros, portas adentro do Movimento, criando obstáculos à difusão do Espiritismo, onde os mais simples são substituídos pelos “doutores”, o que ensejou a afirmativa de Chico Xavier, no livro *Encontros no Tempo*: “Se não nos precavermos, daqui a pouco, teremos apenas pessoas laureadas por títulos acadêmicos e confrades de posição social mais elevada falando e explicando o Evangelho do Cristo, em nossas Casas Espíritas”.

Devemos lembrar que a nossa Doutrina não é avessa ao progresso, muito pelo contrário, ela está sempre aberta às inovações, desde que as mesmas guardem fidelidade à proposta básica ou à finalidade do Espiritismo que é a revivescência das tradições simples do Cristianismo Primitivo. Devemos recordar, também, que Chico Xavier, a exemplo de Jesus, nunca se distanciou do povo, realizando peregrinações, encontros fraternos, cultos ao Evangelho, em ambientes simples e, muitas vezes, à luz da natureza.

Bezerra de Menezes, na mensagem unificação psicografada por Chico Xavier, nos lembra que no movimento espírita não deveria existir organizações que lembrem castas, discriminações, evidências individuais, ou seja, a própria espiritualidade se coloca contrária a essas organizações classistas.



É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios. Nada que lembre castas, discriminações, evidências individuais injustificáveis, privilégios, imunidades, prioridades. (Bezerra de Menezes, Mensagem Unificação).

Em entrevista ao Triângulo Espírita, Chico Xavier repele toda tentativa de oficialização do movimento espírita, o que nos leva a entender que no caso dessas organizações, trata-se de uma prática elitista que implica na supervalorização de determinadas classes, e no afastamento de pessoas com mais conhecimento dos mais simples e humildes. A doutrina espírita deve refletir o cristianismo primitivo que sempre se caracterizou por uma proposta socialista, não no sentido político, mas no sentido da distribuição das bênçãos espirituais a todos, sem distinção de classes. Vejamos, então, o pensamento de Chico Xavier.



Chico Xavier realizando o Culto do Evangelho junto aos mais simples



Que não temos o direito de deturpar a mensagem dos Espíritos como aconteceu com o Cristianismo, criando uma “classe de privilegiados”, pretensos representantes de Deus na Terra, pois a Doutrina Espírita não é obra de encarnados, mas dos Espíritos, com o objetivo de restaurar os ensinamentos de Jesus. Que a Religião Espírita não pode admitir em seu seio qualquer tentativa de Igrejismo, de subordinação a quem quer que seja, ou alguma coisa que lembre Castas, Chefias, Privilégios e Formalismos, próprios de Religiões organizadas, e onde o Elitismo passa a ser a tônica, buscando, isto sim, os Espíritas-Cristãos a corporificar em seu movimento a aspirada “Assembleia do Cristo” enunciada por Paulo de Tarso (Chico Xavier, Entrevista concedida ao Jarbas Leone Varanda, Encontros No Tempo).

Por esse motivo, devemos encontrar nos agrupamentos espíritas, ombreado lado a lado, os que alcançaram os mais altos graus de conhecimentos humanos, com aqueles outros, verdadeiros caboclos, homens simples do povo, falando a “língua dos anjos”, isto é, fazendo as mais lindas exposições evangélicas sem qualquer conhecimento de gramática. Aqueles que possuem maior soma de conhecimento deveriam auxiliar aos mais simples, seja através das reuniões de estudo doutrinário, nas reuniões públicas, mas, também, vestindo a capa da humildade e participando das tarefas da sopa fraterna, do passe renovador ou das peregrinações aos mais necessitados.

Portanto, a criação de castas na forma de organizações classistas é uma proposta infeliz que elitiza o movimento espírita, mas, principalmente, afasta os intelectuais da oportunidade de maior aproximação com os simples e humildes, fonte de ensinamentos para a vida imortal.

D. AS TERAPÊUTICAS ESPÍRITAS E OS MODISMOS MEDIÚNICOS

Não é novidade para o Movimento Espírita que diversas Casas Espíritas vêm incorporando, aos poucos, a partir da aceitação dos próprios companheiros de ideal, práticas de fundo ritualístico que estão se distanciando da terapêutica espírita, cuja raízes encontram-se nas tradições do cristianismo nascente, como o passe, a água fluidificada e a prece,



além das sessões de desobsessão, materializações com fins terapêuticos, receituário homeopáticos e vibrações à distância.

O que deve ser observado com critério doutrinário é que as terapêuticas espíritas objetivam, prioritariamente, a iluminação das Almas, apesar de, também, auxiliarem na recuperação do equilíbrio físico. Esse critério, aliado à finalidade básica do Espiritismo, deve nortear os dirigentes espíritas na seleção e aplicação de práticas mediúnicas.

Portanto, tendo em vista que o objetivo principal da Religião Espírita é a iluminação da Alma, as práticas mediúnicas consideradas espíritas não podem e não devem estar envolvidas por qualquer atitude mística ou ritualística, como o uso de vestimentas especiais, roupas brancas, encenações, altares, oratórios, velas, incensos, fumo, água benta, novenas, talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhos, cartomancia, quiromancia, tarôs, promessas e despachos, pontos e cruzeiros, termos exóticos para designação de seres e coisas, por não se coadunarem com a pureza e a simplicidade, apanágios do Cristianismo primitivo, que o Espiritismo revive.



Inesquecível médium Antuza. Notável exemplo de terapêutica espírita com a utilização, apenas, do passe, da prece e da água fluidificada.



Por esse motivo constitui prática estranha ao Espiritismo os chamados modismos mediúnicos tais como a cromoterapia, apometria, cristaloterapia, projeziologia, práticas yogas, parapsicológicas, regressão de memória, prática estas mais indicadas ao campo da Ciência, devendo ser restritas ao campo da psicanálise, da psicologia ou das correntes consideradas espiritualistas, mas nunca uma prática espírita, aplicada como atividade doutrinária no Centro Espírita.

Recordando Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns, item 51, quando afirmou que “o homem deve utilizar o Espiritismo para o seu adiantamento moral, porque isto é o essencial”. Entretanto, apesar dos esclarecimentos doutrinários, observamos no movimento espírita diversos companheiros de ideal permitindo a utilização das práticas estranhas ao Espiritismo, como a cromoterapia, Reiki, johrei, cristais, celebrações ecumênicas, rituais de casamentos, e outras já citadas acima, nas atividades doutrinárias da Casa Espírita. Então, surge um questionamento inevitável, porque muitos Espíritas estão promovendo a utilização de práticas estranhas? Vamos buscar nas palavras do Codificador, mais especificamente em O Livro dos Médiuns, item 176, a resposta para tal questionamento:

Haverá para isso algumas fórmulas de prece mais eficazes do que outras? Somente a superstição pode emprestar virtudes quaisquer a certas palavras e somente Espíritos ignorantes, ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança.

Consideramos assim, como no caso da Prece, que muitos Espíritas incapazes de compreender a finalidade dos processos puramente espirituais, acabam admitindo, por tendências instintivas ou influências espirituais, determinadas práticas que contribuem para aumentar sua confiança na atuação das forças espirituais. Entretanto, além de introduzir uma condição mística ou ritualística nas práticas espíritas, não percebem a ineficácia dessas práticas na iluminação da Alma. Essa situação é profundamente comprometedora aos objetivos da Doutrina dos Espíritos, que procura



resgatar as tarefas de iluminação da Alma, “a grande esquecida em todos os tempos da humanidade”, conforme assevera Emmanuel no livro O Consolador:

As reuniões doutrinárias devem observar o máximo de simplicidade, como as assembleias humildes e sinceras do Cristianismo primitivo, abstendo-se de qualquer expressão que apele mais para os sentidos materiais do que para a alma profunda, a grande esquecida de todos os tempos da Humanidade. (Emmanuel, O Consolador Pg. 373).

Ao lado dessas considerações, vamos dar destaque a uma passagem, narrada no livro Paulo e Estevão, ditado pelo Espírito de Emmanuel e psicografado por Chico Xavier, onde o grande educador ressalta que, antes de tudo, antes, até mesmo, do restabelecimento físico, o homem tem “sede” do Cristo, “fome” de sentimento genuinamente cristão, e que, por isso mesmo, a maior necessidade do ser humano continua sendo sua identificação com o Evangelho de Jesus.

A estas portas têm batido homens esfarrapados, que foram políticos importantes; mulheres leprosas, que foram quase rainhas! Em contacto com a história de tantos castelos desmoronados, no jogo das vaidades mundanas, agora reconheço que as almas necessitam do Cristo, acima de tudo. (Emmanuel, Paulo e Estevão).

Portanto, colorir as práticas espíritas com o que é acessório, na vestimenta de práticas exteriores sem qualquer significado para a Alma, é aprisionar a mente humana a simbolismos de toda natureza, e desvalorizar processos espirituais que constituem a essência das manifestações mediúnicas.

Entretanto, muitos poderiam afirmar que estas práticas são utilizadas tendo em vista o sentimento de compaixão pelas dores humanas que precisam de auxílio. E não contestamos, então que os defensores de tais práticas a utilizem em locais que adotam práticas espiritualistas, mas não nos Centros Espíritas. Utilizar práticas ritualísticas como atividade da Casa Espírita é desacreditar o potencial das práticas terapêuticas divinas, na simplicidade do passe, da prece ou da água fluidificada.



Fazendo uma rápida retrospectiva do Cristianismo e a influência da cultura humana, envolvida na dependência quase absoluta a práticas exteriores, perceberemos, claramente, o perigo a que está exposto o movimento espírita, no momento em que mentes escravizadas ao sentido ritualístico da Religião, estão envolvendo o Espiritismo nas teias de práticas estranhas que não representam o sentido religioso da Doutrina dos Espíritos. Nessa imagem comparativa, podemos identificar a tentativa de inclusão sutil de práticas estranhas ao corpo doutrinário, projetando a vinculação de práticas ritualísticas ao Espiritismo.



Jesus e a Samaritana

“É chegado o tempo em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade. Deus é espírito, e em espírito e verdade é que devem adorar os que o adoram” - Jesus

Recordemos, então, que Jesus havia fundado a religião do Calvário para libertar as almas do jugo da matéria e pregar o único dogma de redenção, o Amor. Por influência de dogmas e práticas ritualísticas, o pensamento profundo desapareceu. Só ficaram os símbolos materiais.

As preocupações de natureza material e os dogmas desviaram o Cristianismo da sua verdadeira rota e submergiram o pensamento de Jesus numa torrente de superstições. Entretanto, por esforço do mundo espiritual, através do Consolador Prometido, o reinado da letra acaba, e o do espírito começa. A verdadeira revelação é inaugurada no mundo pela virtude do invisível. As formas materiais e transitórias da religião passam,



mas a vida religiosa, a crença pura é, em sua essência, indestrutível. Agora, com o moderno espiritismo, o que Jesus quer é um culto simples e puro, todo de sentimento e desprovido de aparatos exteriores, consistindo na relação direta, sem intermediário, da consciência humana com Deus.

Nos ambientes simples dos primeiros centros religiosos dos cristãos primitivos, percebemos a verdadeira finalidade do Cristianismo revivescido pelo Espiritismo:

Vivia-se ali num **ambiente de simplicidade pura**, sem qualquer preocupação com as disposições rigoristas do judaísmo. Havia riqueza, porque não faltava trabalho. **Todos amavam as obrigações diuturnas**, aguardando **o repouso da noite nas reuniões da igreja**, qual uma bênção de Deus. Os israelitas, distantes do foco das exigências farisaicas, cooperavam com os gentios, sentindo-se todos unidos por soberanos laços fraternais. [...] A solidariedade estabelecera-se com fundamentos divinos. As dores e os júbilos de um pertenciam a todos. A união de pensamentos em torno de um só objetivo dava ensejo a formosas manifestações de espiritualidade. A fraternidade reinante justificava essa concessão do Céu. **Nos dias de repouso, a pequena comunidade organizava estudos evangélicos no campo. A interpretação dos ensinamentos de Jesus era levada a efeito em algum recanto ameno e solitário da Natureza**, quase sempre às margens do Orontes. (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. IV, p. 316 e 317, 14ª edição, GRIFOS NOSSOS).

Paulo considerou muito sabiamente, com relação à manutenção de um templo cristão, que “precisamos instalar aqui elementos de serviço que habilitem a casa a viver de recursos próprios.” (Paulo e Estevão – Emmanuel / Chico Xavier – Segunda Parte – Cap. V, p. 390, 14ª edição). Isso garantiria que os próprios trabalhadores da Casa do Caminho, segundo suas facilidades de serviço, poderiam gerar a renda necessária à manutenção das atividades. Isso vai de encontro com Kardec quando diz que:



Desde que a Sociedade existe, **jamais um ouvinte pagou um cêntimo; que não se lhe impõe qualquer obrigação pecuniária**, sob qualquer forma e a qualquer título que seja, **nem como assinatura da revista espírita, nem como compra de livros; que nenhum dos nossos médiuns é remunerado**, pois todos, sem exceção, **dão seu concurso por puro devotamento à causa; que os membros titulares e associados são os únicos a participar nas despesas materiais**, mas que **os membros correspondentes e honorários não suportam nenhum encargo**, limitando-se a sociedade a prover as despesas correntes, restritas quanto possível, e **não capitalizando; que o espiritismo é uma coisa puramente moral, que não pode, assim como as coisas santas, ser objeto de uma exploração que sempre repudiamos verbalmente e por escrito; que, assim, só uma insigne malevolência é capaz de emprestar semelhantes ideias à sociedade.** (Revista Espírita – Jornal de estudos psicológicos – 1863 > Julho > Caráter filosófico da Sociedade Espírita de Paris – GRIFOS NOSSOS).

Isso mostra que, além da casa espírita ser um templo que guarda simplicidade (guarda as finalidades de uma escola e um hospital), também deve se abster dos interesses financeiros, do proselitismo de arrastamento, do profissionalismo religioso (venda de rifas em qualquer momento e pedir dinheiro para os frequentadores durante os trabalhos) e da hierarquização. Deve ser um ambiente simples, fraterno, de igualdade, em que todos são peças importantes, todos trabalham, trocam experiências e vivenciam o Evangelho diariamente, com alegria e disposição.

Nunca é demais lembrar que o ambiente de um centro espírita não coaduna com a realização de cursos e a divisão em salas de aula (turma de 1º ano, 2º ano, etc.) com o formalismo que existe na educação. Todos somos aprendizes e todos podemos começar tendo a oportunidade de realizar qualquer trabalho numa casa espírita (sopa fraterna, passes, peregrinação, evangelização e estudos) com exceção das reuniões mediúnicas, que requerem a preparação do colaborador com os estudos mediúnicos para que se tenha condições de exercer a mediunidade com segurança.

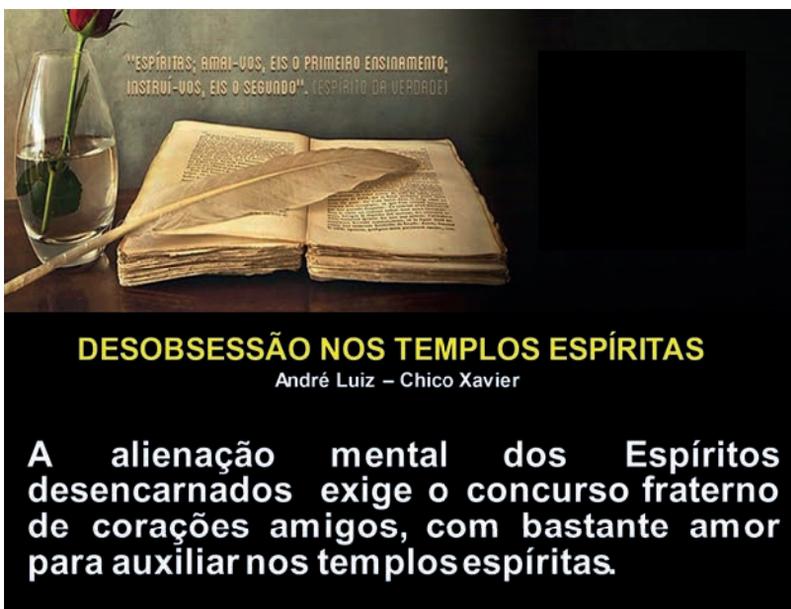


É importante também salientar a impropriedade da existência de livrarias espíritas no interior dos centros espíritas, com o intuito de geração de renda ou lucro com a venda de livros. O ideal é o centro espírita possuir uma biblioteca que possa disponibilizar a codificação para todos.

Os próprios colaboradores devem arcar com as despesas de modo espontâneo, sem a necessidade de se cobrar mensalidades ou realizar pedidos que possam envergonhar um colaborador que às vezes não tem condição de ajudar. Principalmente pedir para um colaborador na frente de outros, ou pedir para pessoas que não sejam colaboradoras da casa.

Por último, precisamos lembrar sobre a questão da manutenção de dogmas e rituais, práticas estranhas à finalidade do Espiritismo e provenientes de nossos próprios resquícios de hábitos cristalizados de outras vivências religiosas que são a prática do Reiki, cromoterapia, uso de roupas brancas, uniformes, tratamento em macas, culto a imagens e tantos outros comportamentos que remontam ao culto e tradições exteriores.

E. MODISMOS MEDIÚNICOS: DESOBSESSÃO POR CORRENTE MAGNÉTICA





Outro modismo mediúnico que, infelizmente, vem se infiltrando nas Casas Espíritas, é a chamada “desobsessão por corrente magnética”. O uso de energia para afastar obsessores, sem a necessária transformação moral, não é prática adequada à libertação real dos envolvidos nos dramas obsessivos. **Além disso, a prática mediúnica da desobsessão por corrente magnética reveste-se de fundo ritualístico, sendo aberta ao público, o que expõe as chagas do comunicante à curiosidade dos participantes.**

Primeiramente, devemos lembrar as observações que o próprio Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, faz a respeito da utilização do magnetismo sem a necessária eliminação da causa, ou seja, sem a necessária renovação íntima do obsessor:

Para que teria servido o magnetismo, se a causa tivesse subsistido? Primeiramente, teria sido preciso destruir a causa, antes de atacar os efeitos, ou, pelo menos, agir sobre ambos simultaneamente. (Allan Kardec, Revista Espírita, Janeiro 1865).

Mas, é no livro A Gênese, no capítulo destinado ao estudo das obsessões, que Allan Kardec deixa claro a necessidade da transformação moral do Espírito infeliz, a ser realizada por meio de instruções habilmente ministradas, para que a cura seja eficaz. Evidentemente que a cura envolve, também, a renovação do Espírito encarnado, tendo em vista que a cura das obsessões, quase sempre, acontece a longo prazo, e dependem, também, da renovação íntima do paciente.

*Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, **por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral.** Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. (Allan Kardec, A Gênese, Cap. XVI item 46).*



Para assegurar a libertação, é necessário fazer nascer o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de instruções habilmente dirigidas em evocações particulares

Kardec, A Gênese 1868

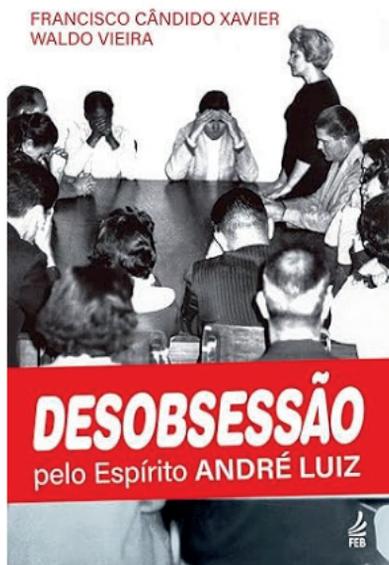
Portanto, a proposta de Allan Kardec é clara e objetiva, no sentido do esclarecimento do espírito infeliz através de instruções habilmente ministradas, em caráter individual e com o objetivo de educá-lo moralmente. Esse processo que tem como base o princípio da caridade para com as dores de irmãos doentes e infelizes, encontra-se plenamente desenvolvido, como método seguro de trabalho cristão, no livro *Desobsessão*, psicografado por Chico Xavier.

A proposta da corrente magnética parte de uma premissa falsa, ou seja, a de que o Espiritismo exista para atender, na prática desobsessiva, a um grande número de pessoas, sendo necessário, segundo seu autor Gilson de Mendonça Henrique, expresso no livro *As Correntes Mento-Eletromagnéticas na Desobsessão Coletiva*, desenvolver e aplicar métodos voltados para as multidões. No mesmo livro de Gilson de Mendonça, encontramos a informação de que Allan Kardec abordou a questão da corrente magnética, mas deixa de esclarecer que o significado do termo dado pelo codificador é completamente diverso do sentido dado pelo livro. Kardec, ao falar de corrente magnética, alude tão-somente à ligação fluídica existente entre os componentes, encarnados e desencarnados, de um grupo mediúnico e não a um método para desobsediar multidões.



Devemos recordar, conforme mencionado anteriormente, que a Espiritualidade superior já se manifestou a respeito do assunto, quando foi publicado o livro “Desobsessão”, psicografado por Chico Xavier e ditado pelo Espírito de André Luiz. Além de contribuir para eliminar da prática mediúnica qualquer sentido supersticioso ou práticas ritualísticas, equivale por um curso rápido no campo da mediunidade.

No livro Testemunhos de Chico Xavier, a autora Suely Caldas Schubert registra o interesse da Espiritualidade na publicação do livro Desobsessão com o documentário fotográfico, tendo em vista vários objetivos: a necessidade de registrar a simplicidade do ambiente, o processo natural de entendimento entre os encarnados e desencarnados, sem apelos a qualquer prática ritualística, assim como a necessidade de realizar as reuniões de desobsessão em caráter particular, afastadas da curiosidade do público, em respeito às dores morais dos comunicantes. Expor em público essas chagas morais é extremamente descaridoso.



Devido à importância do tema, e tendo em vista que o livro “Desobsessão” apresenta a forma mais adequada, o roteiro seguro para a tarefa de esclarecimento aos espíritos infelizes, iremos reproduzir as observações de Chico Xavier e da autora, conforme se apresentam no último capítulo do livro Testemunhos de Chico Xavier.



Primeiramente, devemos observar que a carta, datada de 04 de Agosto de 1964, contém o parecer de André Luiz e a opinião de Chico e Waldo, todos favoráveis a que o livro *Desobsessão* só seja publicado com as fotografias ilustrativas dos capítulos. As conclusões de André Luiz, de que partilham os médiuns, estão assim apresentadas na carta datilografada:

Será preferível para nós, os servidores da Doutrina Espírita, na hora atual, que o livro fique mais caro do ponto de vista financeiro e pouco acessível à bolsa pública, no momento que passa, porquanto precisamos de um trabalho que auxilie a desobsessão, sem os prejuízos do misticismo, como sejam rituais, defumações, figurações cabalísticas, ídolos diversos e fórmulas outras do magismo, respeitáveis naqueles que os aceitam de intenção pura, mas incompatíveis com os princípios libertadores da Doutrina Espírita, e tão-só com as ilustrações pelas fotos conseguirá o livro “Desobsessão” apresentar ao povo uma ideia indeformável das tarefas de desobsessão, partindo do ponto de vista científico popular, sem as interferências negativas do sincretismo religioso. Mais vale deixarmos, nesse assunto, um livro sem qualquer lucro financeiro, mas que defina perante o futuro a nossa posição de espíritas conscientes, do que não sofrermos prejuízos materiais e relegarmos aos nossos continuadores uma definição que, coletivamente, seremos obrigados a fazer, agora ou mais tarde, salientando-se que os Bons Espíritos, na atualidade, estão nos proporcionando os recursos e os meios para que semelhante definição seja feita, consoante os deveres que abraçamos e dos quais prestaremos os esclarecimentos precisos no Plano Espiritual.

Pelas razões expostas, tomamos a liberdade de rogar para que as fotos sejam mantidas no volume ou, então, insistimos para que o livro “Desobsessão” espere melhores tempos, até que o plano traçado por nossos amigos espirituais possa ser exatamente cumprido.



Um livro diferente, diz Emmanuel, na introdução de Desobsessão. E realmente essa obra de André Luiz difere de todas as outras de sua coleção, mas veio em decorrência delas, numa harmoniosa sequência de temas relacionados:

Sentindo de perto semelhante necessidade, o nosso amigo André Luiz organizou este livro diferente de quantos lhe constituem a coleção de estudos dos temas da alma, no intuito de arregimentar novos grupos de seareiros do bem que se proponham reajustar os que se veem arredados da realidade fora do campo físico.

Nada mais oportuno e mais justo, de vez que, se a ignorância reclama devotamento de professores na escola e a psicopatologia espera pela abnegação dos médicos que usam a palavra equilibrante nos gabinetes de análise psicológica, a alienação mental dos Espíritos desencarnados exige o concurso fraterno de corações amigos, com bastante entendimento e bastante amor para auxiliar nos templos espíritas, atualmente dedicados à recuperação do Cristianismo, em sua feição clara e simples. (Emmanuel, Prefácio do Livro Desobsessão).

O assunto tratado na carta é o livro “**Desobsessão**”, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira, e mais especificamente a questão das fotos que o ilustram. Quando a espiritualidade sugere que o livro contenha um registro fotográfico, está lançando um olhar para o futuro, no sentido de deixar registrado o transcurso da reunião mediúnicamente através de imagens fotográficas, o que impede falsas interpretações sobre o método de esclarecimento dos desencarnados infelizes. Quando afirma que o recinto da reunião é simples, sem enfeites, sem imagens, sem flores, sem a necessidade de móveis caros ou especiais, mostra isto claramente através das fotos.

Quando deixa implícito que as pessoas que participam não são iniciadas, e sim pessoas iguais às outras, não estão com vestes ou adornos especiais, não se portam de modo estranho, não têm atitudes místicas, não praticam rituais, não há mistério algum, prova isto através das fotos, sem a menor dúvida.



Quando explica aos médiuns que as comunicações de Espíritos necessitados devem ser disciplinadas e que no momento das comunicações o médium deve manter-se equilibrado, sem se levantar, ou deixar-se cair no chão, sem gritar e sem provocar distúrbios, mostra tudo isto pelas ilustrações.

Orientando os médiuns, dirigentes e participantes de sessões mediúnicas, ensina que a reunião de prática da mediunidade se faz num recinto preservado de olhares curiosos e se reveste de seriedade e respeito, realizada longe dos olhos do público, não porque nela se pratiquem ritos ou porque haja mistério, mas por respeito aos Espíritos que se comunicam, que são seres humanos como nós, que vêm contar as suas dores e os seus dramas, buscar ajuda e consolo. E expor em público essas chagas morais é extremamente descaridoso e inoportuno, além de prejudicar o rendimento dos trabalhos.

Infelizmente, constatamos que a mediunidade é ainda catalisadora de credices e superstições, o escoadouro preferido para o componente mágico, sobrenatural, que o ser humano gosta de cultivar. Mesmo nos meios spiritistas as diferenças de entendimento, quanto à mediunidade, são visíveis e nítidas. A Codificação Kardequiana prossegue desconhecida da maioria.

E, no bojo de todas essas dificuldades, a obra mediúnica de Chico Xavier desponta com incrível atualidade, falando a linguagem do povo, ou difundindo o conhecimento científico e especializado como apoio e continuidade dos ensinamentos básicos da Codificação. O livro “Desobsessão” contém o resumo fotográfico dos próprios trabalhos realizados por Chico Xavier. No futuro, quando os anos rolarem, não se levantarão suposições distorcidas de como teriam sido realizadas as sessões mediúnicas de Chico Xavier, pois as fotografias contarão a história mostrando os detalhes e esclarecendo dúvidas.

André Luiz, uma vez mais, se adianta e faz do conjunto de sua obra a mais notável profilaxia contra o absurdo das práticas estranhas. Chico e Waldo estão, portanto, argumentando com Wantuil, porque sentem que é imprescindível deixar bem claros e evidentes os princípios doutrinários que norteiam os trabalhos mediúnicos. A preservação doutrinária sempre foi uma preocupação constante de Chico Xavier e dos seus Instrutores Espirituais.

Chico respeita a crença daqueles que ainda sentem necessidade de apoiar os seus atos religiosos com práticas diversas, símbolos e fórmulas,



mas na coerência de suas atitudes em nossa seara espírita sabe que o momento exige uma definição mais precisa e mais objetiva e que não deixe margem a quaisquer outras interpretações.

O livro “Desobsessão” é atualíssimo e precioso roteiro para os Centros Espíritas. Abrange não apenas os trabalhos desobsessivos, mas, também, as reuniões mediúnicas em geral, que têm em suas páginas, as elucidações de que precisam para se organizarem e conduzirem. Além disso, reforça a ideia de que o atendimento aos sofredores desencarnados deve ser individual e na base do esclarecimento fraterno. Na introdução, André Luiz, após reportar-se aos múltiplos males espirituais que afetam o homem, explica:

Imaginamos a organização deste livro, dedicado a todos os companheiros que se interessam pelo socorro aos obsidiados — livro que se caracteriza por absoluta simplicidade na exposição dos assuntos indispensáveis à constituição e sustentação dos grupos espíritas devotados à obra libertadora e curativa da desobsessão. Livro que possa servir aos recintos consagrados a esse mister, estejam eles nos derradeiros recantos das zonas rurais ou nos edifícios das grandes cidades, cartilha de trabalho em que as imagens auxiliem o entendimento da explicação escrita, a fim de que os obreiros da Doutrina Espírita atendam à desobsessão, consoante os princípios concatenados por Allan Kardec. (André Luiz, Introdução do livro Desobsessão).

Lembraríamos, também, que essa prática mediúnica, a **teoria da desobsessão por corrente magnética, tem a velada presunção de combater a ideia do codificador, a respeito do esclarecimento aos espíritos infelizes, o que poderia abrir um precedente perigoso para a tese de que Kardec estaria superado.**

Nesse sentido, **devemos reforçar o entendimento de que a proposta de Kardec não está superada, por seu pressuposto básico de reforçar a prática do diálogo fraterno, assim como fazia Jesus, ser destituído de aparatos ritualísticos,** e, tendo em vista, que a maior antena psíquica de todos os tempos, à exceção, evidentemente, de Nosso Senhor Jesus, que foi o médium Chico Xavier, não somente adotou a



prática, segundo o pensamento de Allan Kardec, como deixou o livro Desobsessão como um roteiro seguro e o método mais adequado à prática do intercâmbio mediúnico, no esclarecimento e consolo aos espíritos infelizes.

Capítulo VI

OPÚSCULO

JESUS, KARDEC E O ELITISMO





OPÚSCULO

JESUS, KARDEC E O ELITISMO

Autor: Jarbas Leone Varanda



Jarbas e confrades na Campanha do Quilo (Culto Assistencial Aurialdo Júlio de Almeida – Coleta)

JESUS, KARDEC E O ELITISMO

Tendo consciência da importância do tema a ser estudado, para esclarecimento da família Espírita Brasileira, o fato de que o Jarbas é o primeiro e único Espírita a realizar um estudo aprofundado sobre o Elitismo, acredito que temos a obrigação de deixar à posteridade este estudo, apesar deste opúsculo já estar disponível no livro “**Tributo a Chico Xavier**”, de autoria do próprio Jarbas, editado, publicado e distribuído pela Editora TV A Caminho da Luz.



1. Considerações Preliminares. Do Conceito e suas manifestações.

Uma primeira pergunta se nos impõe: que devemos entender por “**Elitismo**”? E como consequência lógica: estaria presente no Espiritismo do ponto de vista ideológico ou prático? Antes de mais nada, busquemos o seu sentido cultural e sociológico, a fim de que possamos entendê-lo na sua manifestação concreta no movimento espírita. O termo vem do Francês “Elite”, que significa “escolhido”, “eleito”, derivando daí a expressão “elitismo”, ou seja, **a condição ou “modo de ser” que consubstanciam ideias, ações ou atitudes daqueles que no Grupo social atingiram um nível mais refinado de cultura, de conhecimento, e que se colocam, consciente ou inconscientemente, como chefes e ditadores de padrões de comportamento, com base numa certa liderança exercida.**

Existem, todavia, dois tipos de elites: as Elites fechadas e as elites que chamaríamos de Abertas ou participantes. As primeiras se fundam em pretensos privilégios de classe, não admitindo a penetração de elementos de outras classes, sendo, assim, Herméticas ou desligadas do Povo, da massa. As segundas, são as que se concebem em função do Povo, da massa, por isso mesmo, ditas abertas, vivendo como elementos Catalisadores do Progresso das sociedades em geral impondo-se apenas pela sua autoridade espiritual, moral.

2. Do Elitismo na Área Religiosa



Do ponto-de-vista religioso, as primeiras estão ligadas às Religiões Formalistas, Igrejistas ou “Organizadas”, de subordinação hierárquica, de controladores e sumos pontífices. As segundas estão ligadas aos Padrões



Liberais do Cristianismo Primitivo, hoje revivido pelo Espiritismo em sua feição evangélica. As primeiras estariam ligadas àquilo que Humberto Rhoden denominou de “princípio Sacerdotal-Ritual, pelo qual as criaturas humanas somente poderiam conseguir a sua salvação (ou evolução) através da Intermediação de coisas (Bíblia) ou pessoas (sacerdócio organizado) com suas exigências ritualísticas. As segundas estariam vinculadas ao princípio “Profético Espiritual”, pelo qual as criaturas humanas se salvam (ou promovem a sua salvação) por si mesmas (autoaperfeiçoamento), sem intermediação de coisas ou seres humanos, através da mudança de comportamento moral e da prática das boas obras.

3- Do Elitismo na Dimensão Espírita

Feitas essas considerações, cabe-nos indagar: depois de tantos séculos de domínio das “Religiões formalistas” ou “organizadas”, em que o Elitismo foi a sua tônica, carreando todos os males inerentes para a Humanidade, estaria o Espiritismo sujeito aos mesmos enganos lamentáveis, ele que pretende ser o Cristianismo Redivivo em suas feições teórica e prática, que é a mais perfeita manifestação do princípio profético-espiritual na atualidade?

É claro que, como IDEAL nunca, na feliz expressão de Richard Simonetti, na sua obra “Para viver a grande mensagem”, mas como a concretização desse ideal está sujeito à ação de seus adeptos, claro se torna a sua possibilidade, embora sejam poucas as probabilidades, e isto em razão das nossas experiências vinculadas aos padrões vividos pelos sacerdotes políticos de todos os tempos, após a oficialização do Cristianismo por Constantino.

Daí, podermos caracterizar o Elitismo no meio Espírita como sendo aquela tendência para as “práticas formalistas”, para a organização Igrejista, para a institucionalização de comandos, de verdadeiras castas intelectuais, hierárquicas e burocráticas, ditando normas rígidas e padrões exteriores de comportamento dos Espíritas e suas práticas, distanciando-se do povo, e esquecendo os ensinamentos e as práticas de JESUS.

Daí o presente trabalho que objetiva dimensionar o Elitismo no movimento Espírita e procurar diagnosticar as suas Causas possíveis, apontando as soluções terapêuticas para erradicá-lo de nosso meio, seja como Tendências perniciosas, seja como realidade concreta decorrente ambas de nossas experiências junto ao sacerdócio organizado em passadas existências!...



4- Do Elitismo e suas formas



Jarbas, junto à médium Antuza.

Dessa forma, mister se torna precisar as formas ou instrumentos de que se vale a prática elitista para combatê-la em seus redutos, ainda como meras possibilidades. É assim que apontaríamos as seguintes formas instrumentárias:

A - Da Institucionalização ou Oficialização do Movimento Espírita

O que poderíamos entender por “institucionalização” ou “oficialização” do Espiritismo?

Para nós isto se dá quando os dirigentes de órgãos unificadores, ou mesmo Instituições isoladamente consideradas, se colocam como verdadeiros “chefes” ou “intermediários indispensáveis ou insubstituíveis” ao progresso de seus filiados, através de chefias, privilégios ou formalismos próprios das Religiões Formalistas e Organizadas hierarquicamente.

Mas, embora sejam poucas as probabilidades, está o movimento sujeito a esse perigo, através da Adoção de certas formas de conduta por parte de alguns dirigentes, muitas vezes sutis e que aos poucos vão penetrando o movimento doutrinário como ervas daninhas para se implantar definitivamente com reais malefícios. Se não, vejamos:

Em primeiro lugar surge o problema da possibilidade de formação de verdadeiras castas, não no sentido tradicional do termo, mas de existência



de categorias de representantes de entidades espíritas com características de comando religioso, assumindo, assim, a condição de verdadeiros intermediários entre Deus e a criatura humana. Na verdade, podem surgir, aqui e ali, companheiros nossos se transformando em “Chefes”, mantendo-se na direção das organizações individuais ou coletivas a qualquer custo e por qualquer preço, como se fossem “Eleitos”, “escolhidos”, pelos Espíritos para exercer uma falsa liderança, assumindo, assim, a condição de “missionários” com discriminações em torno de suas atitudes para com os outros confrades e instituições.

Em segundo lugar, existe a possibilidade de formação do “Espírito de Cúpula” nas Organizações Federativas, avocando a infalibilidade em torno de suas decisões, seja através das chamadas Normas básicas ou Resoluções, impostas de cima para baixo, sem ouvir as bases que são os Centros Espíritas, exigindo dos companheiros em dificuldades materiais ou espirituais uma elevação ou crescimento, sem apoio dos que foram justamente chamados a ampará-los fraternalmente.

Em terceiro lugar, é a possibilidade do aparecimento de discriminações por parte de Entidades Espíritas (Centros ou Instituições outras), principalmente organizações federativas, no sentido de estabelecer distinções, com base em pretensa pureza doutrinária, relativamente às formas de administração e de realização prática da Doutrina Espírita, portas a dentro de nosso movimento, ou mesmo em relação a crenças afins (cujos integrantes estão se esforçando para levar adiante o seu ideal espiritualista) agindo, assim, como se fossem “seres superiores” ou donos da verdade! Tais “discriminações” significam que somente tais organizações ou os que as dirigem são os **verdadeiros intérpretes** do pensamento dos Espíritos e que se as demais instituições não andarem pelos seus padrões formais de ideias e ações, não podem ser considerados como fazendo parte integrante da grande família Espírita que um dia há de formar toda a humanidade. Significa, enfim, que somente aquelas entidades estão certas e as demais erradas em suas ideias e práticas espiritistas, baseados em pretensa pureza doutrinária.

Em quarto lugar, é a possibilidade de doação de Cursos, em seus diversos aspectos, como condição básica para o trabalho e a prática doutrinária (seja no campo da divulgação, seja no campo mediúnico), estabelecendo GRAUS de aprendizado, esquecendo-se de que todos somos aprendizes na Escola Evangélica dos ensinamentos de Jesus à luz do



Espiritismo, e que se tornam desnecessárias quaisquer Formalismos Oficializados para o processo do aprendizado referido.

B- A Burocratização e o Formalismo



São também duas formas de Elitismo que podem se manifestar em nossas organizações (Centros e Instituições outras), principalmente na área dos órgãos unificadores e a serviço daqueles que estão na direção e em detrimento da Natureza simples e Informal do Espiritismo que revive o Cristianismo em sua pureza e simplicidade.

Por burocracia entendemos todos como sendo o “poder exercido pelas complexas organizações administrativas modernas, através da classe que está na direção e que se torna uma forma de emperramento dos trabalhos na administração pública ou privada, pela excessiva centralização e indébita ingerência ou interferência desses elementos na atuação dos indivíduos e sociedades vinculadas à máquina administrativa, com Exigências descabidas, desnecessárias e sem importância, tornando-se a direção cada vez mais alta e distanciada do povo.

Na área Espírita, a burocratização estaria presente na ação daquelas entidades, através de dirigentes com tendências à Chefia Autocrática, exigindo a observância de regras estatutárias, esquecendo-se de que o Estatuto de uma associação espírita existe apenas para dar satisfação à Lei humana e que, o que interessa realmente, é o **trabalho**, a tarefa a ser feita com vistas à mais perfeita realização do Espiritismo em sua feição evangélica. Seria ainda a adoção, por parte de certos dirigentes espíritas, em seus estatutos, da exigência de condições materiais, formais como por exemplo o pagamento de mensalidades ou anuidades para que os sócios ou membros do Grupo possam exercer o direito de voto, quando as únicas



condições seriam de ordem espiritual, ou sejam a qualidade de espírita e sua participação na vida do Grupo, através da colaboração de qualquer natureza.

Também poderia estar presente na ação daqueles dirigentes de Organizações Federativas com tendências autocráticas, agora com interferências ou ingerências descabidas em nossas instituições adesas, através de exigências formais de filiação e subordinação às suas resoluções hierárquicas, esquecendo-se do verdadeiro significado do Movimento de Unificação dos Espíritas (e não do Espiritismo que se apresenta já unificado em suas bases doutrinárias); a colaboração real a ajuda despersonalizada às instituições adesas, o apoio e incentivo à realização das tarefas spiritistas nas respectivas instituições ou Centros de difusão da Doutrina Espírita, bem como a realização de trabalhos de equipe como forma de compreensão e aproximação da família espírita brasileira, aceitos espontaneamente em assembleias fraternas, onde a tônica seja a Liberdade de participação de seus membros e a União em torno da ideia Espírita!

Com a criação dessas entidades federativas, sem a verdadeira compreensão de suas reais finalidades, corre-se o risco da Institucionalização burocrática, Igrejista do Espiritismo, repetindo os erros das Religiões tradicionais, com as exigências formais de Filiação obrigatória das Instituições Espíritas em seus órgãos, com a observância da hierarquia, através de resoluções locais, estaduais e nacionais, em detrimento do espírito de Liberdade de ação e da legítima fraternidade de seus membros, sob a alegação de que, estando aumentando o número de adeptos da Doutrina Espírita, há necessidade da unificação, com vistas à defesa de seus princípios doutrinários, substituindo, assim, o fraternal e autêntico calor das relações humanas, pelo papel dos representantes, esquecendo-se de que o Espiritismo não é obra de encarnados e sim dos Espíritos.



ALLAN KARDEC. — Fôrto na photographia de R. Lottin.



E pensamos assim por que não podemos admitir a introdução de modificações em nossas práticas espíritas que retirem a liberdade do Espírita de trabalhar, de opinar, porque é livre para fazer o que quer e dizer o que pensa, não aceitando palavras definitivas em nenhum assunto, mas procurando observar o ensino dos nossos benfeitores Espirituais quando nos lembram que a Doutrina Espírita é o nosso maior órgão orientador! ...

Vale lembrar a palavra de Erik Fromm: “Nisso consiste precisamente a tragédia de todas as religiões; violam e pervertem o princípio de Liberdade logo que se transformam em organizações dirigidas por uma Burocracia religiosa. A máquina religiosa e os homens que a representam tornam-se substitutos da família, da tribo, do estado e não se cultua mais a Deus, mas ao grupo que fala em nome... (Psicanálise e Religião).

E o Formalismo, ou seja, a adoção de práticas ou fórmulas consideradas indispensáveis à manifestação da substância doutrinária de uma filosofia de vida?

Ainda aqui, e apesar de serem menores as probabilidades de sua ação perniciosa, o perigo pode surgir, sob formas sutis de manifestações.

Seria a introdução em nossas reuniões de estudo, de difusão ou mesmo mediúnicas, de certas práticas formais sem as quais não teríamos a sua realização, práticas essas “recomendadas” por seres encarnados ou órgãos federativos, sob a alegação de defenderem a pureza doutrinária.

De escantilhão, lembraríamos a área de Evangelização da criança, que as probabilidades de sua manifestação seriam maiores, quando os orientadores de infância procuram se apegar aos processos pedagógicos sofisticados, às técnicas e recursos didáticos, mas sem qualquer vibração de Carinho, de Amor, de Compreensão, de Ajuda, de Esclarecimento espiritual e moral para com as crianças!...

Poderia parecer que estejamos nos posicionando contrariamente à adoção das técnicas e recursos pedagógicos em nossas aulas de evangelização da criança ou mesmo em qualquer setor de estudo e difusão da Doutrina. Nada disso. O que queremos dizer é que se deve buscar o aperfeiçoamento de nossos meios de comunicação de ideias, sem dar aos métodos e recursos o papel principal, pois o que predominantemente se deve objetivar é atingir o Coração das criaturas humanas com os recursos do sentimento.



C- Do Autoritarismo no comportamento dos Dirigentes Espíritas

Sem dúvida alguma, a atitude autoritária, em matéria de religião, é uma das formas de que se pode revestir o Elitismo no meio Espírita, a exemplo do que aconteceu nas religiões tradicionais, pois leva o homem a abdicar de sua razão, de sua liberdade e amor para ser guiado pelo “Chefe”, em nome de uma Falsa Liderança.

Essa atitude autoritária, de mandonismo pode ocorrer em nossa seara quando os dirigentes, com tendências inatas pelo Desejo de Poder, com exagerada supervalorização de si mesmos (orgulho) e de suas realizações, e incapacidade de dialogar democraticamente com o povo e, ainda, na maioria das vezes, com visível obsessão, utilizam o conceito de missão para se considerarem “Designados” pelo Alto, com autoridade para decidir sobre qualquer assunto tornando-se “ditadores” nas instituições que dirigem, ditando normas rigoristas e padrões exteriores de comportamento dos seus liderados.

Nesse caso, os ideais que estão na base de suas Instituições, passam a ser fins em si mesmos e não meios para a felicidade pessoal, tornando-se os seus dirigentes manipuladores dos seus semelhantes que aceitam as “orientações” pelo fato da liderança formal. Daí o rigorismo e a imposição de ideias, diretrizes por parte desses dirigentes, esquecendo-se de os verdadeiros missionários, a exemplo de nosso querido Chico Xavier, não se arvoram em chefes, ficando apenas no terreno das “orientações espirituais” (como médium que é) ou das sugestões de trabalho ou estímulo aos confrades que o procuram, impondo-se exclusivamente pela sua condição moral, espiritual.

Na verdade, é a substituição da crença no valor do estudo, do diálogo e das decisões em assembleias fraternas, em que a participação democrática deve ser a tônica, a partir das bases, pela decisão dos representantes sem conhecimento e vivência dos problemas; é a substituição do critério de valorização em razão do trabalho que está sendo realizado pelos aptos espiritualmente a exercê-lo pelo respeito ao indivíduo em razão do lugar que ocupa na sociedade, sem indagar de sua capacidade e condições espirituais, esquecendo-se de como trabalhavam os apóstolos nas assembleias e comunidades cristãs dos primeiros tempos do Cristianismo.



CONCLUSÕES PARCIAIS

5 - A Terapêutica ou as Formas de Combate ao Elitismo no Meio Espírita

Mas, como toda crítica construtiva não pode existir sem uma solução preventiva e terapêutica satisfatórias, temos que responder à questão: como evitar que o Espiritismo seja deturpado, como o foi o Cristianismo primitivo, pelos sacerdotes políticos de todos os tempos?

Parece-nos que a única solução satisfatória é o Estudo detalhado desses perigos e a aplicação de antídotos de esclarecimento fraterno e corajoso, da educação em todos os níveis e, sobretudo da atitude de Amor e Tolerância no combate às hipocrisias e violências doutrinárias, exemplificando o trabalho, a fidelidade à Doutrina Espírita, considerando-a como o único órgão orientador!

Com base nessa assertiva, poderíamos apenas recordar alguns aspectos para a meditação e o estudo daqueles que se preocupam com a matéria.



Dessa forma:

A- É necessário que nos conscientizemos de que, se o Cristianismo primitivo trazia ao homem a grande mensagem do Cristo, isto é, Liberdade e Amor, Educação, Paz e será preponderante pelas modificações que trará às ideias, às opiniões, aos caracteres, aos costumes e às relações sociais, conforme nos diz Kardec em A Gênese. E maior será essa influência pela circunstância de não ser imposta.



B- Que o Espiritismo é Libertação Espiritual e um gigantesco esforço para a Educação do Mundo. Não é o único esforço e muito menos o que está melhor organizado, mas é, pelas suas características, o mais apto para secundar o movimento de regeneração social, por isso é seu contemporâneo.

C- Que o Espiritismo veio para as massas e com ela dialogar, a exemplo de Jesus, cuja maior paixão era o Povo, “convivendo com ele, sentindo-lhe as dores e servindo-o sem interesses secundários, conforme o amai-vos uns aos outros, a senda maior de nossa emancipação” (mensagem “Paixão de Jesus”, de E. Quadros, em “O Espírito de Verdade”, obra psicografada por Chico Xavier e Waldo Vieira).

D- Que devemos levar a Doutrina Espírita junto à toda comunidade, através do respeito a todas as criaturas, apreço às autoridades, devotamento ao bem comum e instrução do povo, em todas as direções sobre as verdades do Espírito, imutáveis, eternas (Bezerra de Menezes, em Unificação - Serviço Urgente mas não apressado). Nesse sentido, ressaltaria muito bem Salvador Gentile, em Anuário Espírita de 1.977: “Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que detenhamos, não hesitemos em nos confundir na multidão para aprender a viver, com ela, a grande mensagem!”

E- Que devemos amar a todos os companheiros, principalmente os mais humildes social e intelectualmente, falando com eles e deles nos aproximando com real espírito de Compreensão e Fraternidade, sem nos colocarmos em pretensas posições de superioridade, privilégios e personalismos deprimentes.

F- Que os mais sábios sejam apoio e amparo aos menos esclarecidos ou em dificuldades materiais ou espirituais, sem exigências de elevação e crescimento.

G- Que o Espiritismo evangélico é respeitar e auxiliar, amparar e elevar sempre. Chico Xavier em entrevista ao Triângulo Espírita, repelindo toda tentativa de oficialização do movimento espírita, a exemplo do que fizeram as autoridades eclesiásticas, conforme nos ensina Emmanuel em “A Caminho da Luz”:

“As autoridades eclesiásticas compreendem que é preciso fanatizar o povo, impondo-lhes suas ideias e concepções e, longe de educar a alma das massas, na sublime lição do Nazareno, entram em acordo com a preferência pelas solenidades exteriores, pelo culto fácil do mundo externo, tão ao gosto dos antigos romanos pouco inclinados às indagações transcendentess”.



H- Que não temos o direito de deturpar a mensagem dos Espíritos como aconteceu com o Cristianismo, criando uma “classe de privilegiados”, pretensos representantes de Deus na Terra, pois a Doutrina Espírita não é obra de encarnados, mas dos Espíritos, com o objetivo de restaurar os ensinamentos de Jesus!

I- Que a Religião Espírita não pode admitir em seu seio qualquer tentativa de Igrejismo, de subordinação a quem quer que seja, ou alguma coisa que lembre Castas, Chefias, Privilégios ou Prioridades e Formalismos, como nos lembra Bezerra de Menezes em sua mensagem citada acima, próprios de Religiões organizadas ou formalistas, e onde o Elitismo passa a ser a tônica, buscando, isto sim, os Espíritas-Cristãos a corporificar em seu movimento a aspirada “Assembleia do Cristo” enunciada por Paulo de Tarso. É por isso que encontramos nos agrupamentos espíritistas, ombreado lado a lado, os que alcançaram até os mais altos graus de conhecimentos humanos, com aqueles outros, verdadeiros caboclos, homens simples do povo, falando a “língua dos anjos”, isto é, fazendo as mais lindas exposições evangélicas sem qualquer conhecimento de gramática e demonstrando que o IDE E PREGAI não é privilégio e que aqueles que possuem maior soma de conhecimento têm a obrigação de ajudar aos mais ignorantes, aos marginalizados da Cultura Acadêmica¹. Aliás, somente nesse sentido poderíamos admitir no seio da Doutrina Espírita uma espécie de Elite Participante. Aquela aristocracia intelecto-moral de que falava Allan Kardec e de que deve estar ligada à promoção do Povo como elemento catalisador, sem qualquer sentido elitista, de classe hermética ou privilegiada, com “espírito de cúpula”, conforme nos diz Chico Xavier, interpretando o pensamento dos Espíritos, em sua entrevista dada ao Triângulo Espírita e reproduzida no Livro Encontros no Tempo.

¹ Jarbas nos faz refletir nesse trecho que a “maior soma de conhecimento acadêmico” não necessariamente significa maior elevação espiritual, prova disso são estas pessoas simples, porém elevadas espiritualmente, mesmo distantes da educação acadêmica formal na vida atual, mas com elevada bagagem espiritual são exemplos vivos de evolução moral, e que, por isso, devem ser observados de perto por aqueles considerados como “maiores” academicamente. E que, por isso, o perigo do Elitismo reside em separar a convivência da suposta elite com o povo mais simples, dessa forma o Espiritismo perdendo oportunidades de esclarecimentos provenientes desse intercâmbio social e espiritual, em que o acadêmico ensina conhecimentos gerais aos simples e estes, em contrapartida, quando possuídos de moral ilibada, servem de exemplo e ensinamentos recíprocos. O que prevalece, acima de tudo, é o respeito fraternal entre os que seguem as Leis Divinas e o mandamento maior de Jesus: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.



Conclusões Finais

6- O Elitismo e a Doutrina de Jesus

Com essas considerações precedentes, acreditamos ter contribuído de alguma forma, para o estudo da matéria enfocada com vistas à adoção de formas instrumentais de combate ao elitismo no Movimento Espírita, embora saibamos serem poucas as probabilidades de sua manifestação em nossa seara. Parece-nos, todavia, que não existe maior Antídoto para evitar qualquer tentativa elitista em nosso movimento religioso do que recordar o Mestre Jesus, pois a Liberdade e o Amor são a essência de seus ensinamentos.

Na verdade, o que Cristo, a todo custo tenta despertar, reviver e garantir é a Liberdade do coração humano, contra as ameaças e a falsa doutrina dos seus pretensos líderes religiosos. E por isso mesmo, Ele denuncia os fariseus, os sacerdotes políticos quanto às suas hipocrisias, seu orgulho, sua autossuficiência, sua falsidade, tanto nas relações com Deus como no tratamento do próximo, chamando-os de “arca de víboras”!

Sua mensagem ataca as atitudes de fechamento e de insensibilidade que caracterizam os líderes de seu tempo, e demonstra com os seus ensinamentos e práticas que a Boa Nova se opõe a toda rigidez, a todo fechamento ao próximo, a toda atitude mesquinha que leva a afogar o essencial no mar do acessório. É assim que, frente às divisões entre Bons e Maus, que são frutos do egoísmo, Ele se mostra Livre, declarando que os critérios da divisão são interiores e não dados por preconceitos. “Não é o que entra pela boca que mancha o homem, mas o que sai de seu coração”. Por isso, come com os pecadores, atende aos pagãos, dialoga com as prostitutas, os publicanos etc., dizendo claramente aos fariseus: “as meretrizes e os publicanos vos precederão no Reino de Deus”.

Diante a observância rígida da lei do Sábado, Jesus declara que o Sábado é feito para o homem e não o homem para o Sábado (Mc. 2.27). Ele cura no Sábado (Lucas, 6:6-10), manda carregar a cama do paralítico curado (João: 5,8,10).

Com relação ao Jejum, à esmola, à oração, Jesus sugere critérios interiores para determinar o valor das atitudes evangélicas. Critica as orações quando feitas para se exibir, as esmolos quando não partem da verdadeira caridade, o Jejum que não diz respeito ao aspecto espiritual.

Ante o Culto e o Templo, Jesus coloca em questão todo o sistema montado pelos saduceus, relativamente à crença na presença de Javé no



lugar considerado sagrado, e autoridade dos sacerdotes que oferecem sacrifícios, mas desprezam os mandamentos divinos, oprimindo o povo simples e pobre e dele se distanciando com ideias e atos preconceituosos: “Eu quero misericórdia e não sacrifício”. No diálogo com a Samaritana, sobre o lugar de se adorar a Deus (Jerusalém ou Garazim) Jesus proclama a “adoração interior”. “Em verdade vos digo que Deus é Espírito e somente em Espírito pode ser adorado no templo do coração”!

Sobre o culto que era todo exterior, Jesus denuncia: “Hipócritas, bem profetizou de vós o Profeta Isaías; “este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim. Em vão se prestam cultos, ensinando doutrinas que são preceitos humanos.” (Mateus: 15,8,10)

Perante a distinção entre santo e pecador, Jesus vai dar preferência ao pecador, em clara demonstração que não existe um estatuto para se diferenciar as pessoas nessas duas categorias, antepondo o publicano ao Fariseu (Lucas, 18:9-14), louvando a fé da mulher sírio-fenícia (Mateus: 15,21,28) e na parábola do filho pródigo justifica este em lugar do irmão que se considera justo, recordando o ensino do Profeta Ezequiel: “Deus não quer a morte do ímpio, mas que ele se converta e viva!”

Conclamou-nos Jesus à busca do Reino de Deus, dizendo: “buscai o Reino de Deus e sua Justiça e o resto vos será dado por acréscimo”, afirmando, todavia, que ele não vem com aparências externas mas que se encontra dentro de nós, no templo do coração e que para alcançá-lo há necessidade de nascer de novo (reencarnação) acompanhada de seu fruto: a prática das boas obras, consubstanciada na observância do Amor, presente nas Bem-aventuranças! ...

O Espírito Pascal, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, teve oportunidade de asseverar: Cristo nunca se esquivava; aqueles que o procuravam, fossem quem fossem, não eram repudiados. A mulher adúltera, o criminoso, eram socorridos por ele, que jamais temeu prejudicar a sua própria reputação.

Jesus coloca no centro de sua mensagem o Amor como condição da evolução da criatura humana, nada adiantando as práticas exteriores: “Este é o meu mandamento, que vos amei uns aos outros como eu vos tenho amado. Nisto conhecereis que sois meus discípulos (João: 15:12). E assenta a Lei Áurea no princípio da paternidade Universal que proclama o Deus único, transcendente e imanente, e todas as criaturas como seus filhos e, conseqüentemente, como sendo todos irmãos, e revelando, ainda,



a sua visão cósmica ao afirmar que “Na casa do Pai há muitas moradas”. (Pluralidade dos Mundos Habitados).

Finalmente, o Cristo que é modelo de Perfeição na Terra, exemplificou todos os seus ensinamentos evangélicos com total abnegação: “missionário do Amor, amou até dar o sangue e a própria vida” (Fenelon, em sua mensagem “O Ódio”, constante de O Evangelho segundo o Espiritismo).

Em síntese, os ensinamentos de Jesus evidenciam a sua nenhuma vinculação a práticas exteriores; a nenhum ritualismo, a nenhuma organização autocrática, enfim, a qualquer forma de violência em termos de imposição de ideias, de atitudes ou condenação, pelo contrário, somente pregou a Liberdade do coração humano, o Amor e o Perdão.

Ainda assim, sua mensagem reflete a sua vida, onde procura “Abrir-se” ao próximo combatendo incessantemente qualquer atitude que pudesse implicar em afastamento do Povo, em qualquer violência espiritual.

Aliás, já dizia Herculano Pires, em “O Espírito e o Tempo”: Sua palavra mansa e generosa, reunia todos os infelizes e todos os pecadores. Escolheu os ambientes mais pobres e mais desataviados para viver a intensidade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário feito dos arcópagos, dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza. Suas pregações nas praças públicas, verificam-se a propósito dos seres mais desprotegidos e desclassificados, como a demonstrar que a sua palavra vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade e na mesma estrada luminosa do Amor. Combateu pacificamente todas as violências oficiais do Judaísmo, renovando a Lei Antiga, com a Doutrina do Esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou as mais claras visões da vida imortal, ensinando às criaturas humanas que existe algo superior às pátrias, às bandeiras, ao sangue e às leis.”

Em síntese, além de ensinar e garantir a liberdade do coração humano contra toda e qualquer violência espiritual e de sua nenhuma vinculação a quaisquer práticas elitistas, a lei Áurea do Amor como condição de evolução, ensinaria igualmente como o Cristão deve proceder em relação aos outros e à toda humanidade proclamando: “o que entre vós é maior seja como o menor; e aquele que manda, seja como o que serve (Lucas, 22-26). Em outras palavras, “se alguém quer ser o primeiro, será o último de todos, o servo de todos” (Marcos, 9:35). Jesus ensinou que



não veio para ser servido, mas para servir: “Se eu pois, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (João, 13:14)

Nós não poderíamos encerrar este opúsculo sem deixar de registrar a grande recomendação de Jesus aos seus discípulos: **“Os meus discípulos serão conhecidos por muito se amarem”**.

Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.
João (13:34,35)

Capítulo VII

PINGA-FOGO

EM RELAÇÃO À DOCTRINA DOS ESPÍRITOS





PINGA-FOGO

DÚVIDAS E PERGUNTAS FREQUENTES EM RELAÇÃO À DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

Má interpretação e falta de estudo sistemático da doutrina dos Espíritos ocasionam ideias, ações e práticas, totalmente estranhas ao espiritismo. Neste capítulo, à luz dos conhecimentos Espíritos e de um estudo sistemático dos princípios doutrinários, como, por exemplo, “**As Leis Morais**”, encontradas na Parte III de “**O Livro dos Espíritos**”, consideradas como a maior síntese espiritual a respeito das obrigações e do comportamento do Ser Humano, perante a sua própria consciência, ou em sentido filosófico, perante a Divindade, pretendemos elucidar e esclarecer pontos da doutrina que, por vezes, podem gerar polêmicas ou interpretações inadequadas, que acabam por conduzir a práticas estranhas, nos centros espíritas ou na divulgação de seus princípios.

Nos valem da expressão que consta do livro “**Bases do Espiritismo**”, de autoria de Jarbas Varanda, advogado, escritor, jornalista e orador de reconhecidos méritos pela cultura e simplicidade da sua palavra sempre oportuna, afirmando, assim, que: “*Sem dúvida alguma, as questões relativas às leis morais constituem o ponto alto de “**O Livro dos Espíritos**”, pois aí estão esboçadas e disciplinadas as teses centrais do pensamento humano como roteiro de luz, diretrizes evangélicas a recordarem Jesus e seus ensinamentos, como a única solução para os angustiantes problemas humanos, colocando, assim, o fato ético na sua base*” (Jarbas Varanda, **Bases do Espiritismo – 2º Volume**).

Através de perguntas e respostas, iniciamos nosso diálogo fraterno com o objetivo único de falar a linguagem dos Espíritos Superiores, sob inspiração das leis divinas e à luz de princípios doutrinários básicos, como a Codificação Kardequiana e da bibliografia extraordinária de Chico Xavier, a nos conduzir ao aprimoramento moral, através de práticas cristãs.

Para responder aos questionamentos, será preciso fazer uma análise de alguns pensamentos presentes em “**O Livro dos Espíritos**”, além de apresentar um conceito básico sobre o móvel das ações humanas. Allan Kardec afirma, sobre o Espiritismo, que “sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso” (**Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, Conclusões, item VI**). Segundo a falange de Espíritos



superiores, que ditaram e inspiraram a gigantesca obra da Revelação Espírita: O Espiritismo “foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional” (**O Livro dos Espíritos, Prolegômenos**).

Pergunta 1

O Espiritismo condena a prática de se alimentar de seres vivos?

Não, o Espiritismo não condena ou proíbe nada, mas nos adverte sobre usos e costumes, do ponto de vista moral, encontradas **nas leis morais, com a supremacia dos valores éticos**. Baseado nas premissas anteriores, podemos afirmar que a Doutrina Espírita é um corpo doutrinário, com claros objetivos evolucionistas, através da reencarnação, e baseado na auto evolução consciente do ser imortal, **com os elementos do livre arbítrio e da Lei de Causa e Efeito**, não possuindo qualquer expressão prescritiva individual, ou seja, o Espiritismo nos deixa livres em nossas decisões, mas adverte-nos, segundo os ditames da própria consciência, de que **colheremos o que houvermos semeado, ou como nos afirma Nosso Senhor Jesus ”a cada um segundo nossas obras”**. Portanto, a Doutrina Espírita é uma doutrina eminentemente liberal, que procura conciliar liberdade com responsabilidade

Em “**O Livro dos Espíritos**”, lançado em Paris no ano de 1857, Allan Kardec, sob ditado e ordem dos Espíritos Superiores, e como expressão da verdade, encontramos nas respostas às perguntas 728a e 734, em síntese, o entendimento sobre a questão: **O Espiritismo condena a prática de se alimentar de seres vivos?**

Pergunta 728 a) - *O instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos por desígnios providenciais?*

“As criaturas são instrumentos de que Deus se serve para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição esta que obedece a um duplo fim: **manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição**. Esse invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante. A parte essencial é o princípio inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa.



Pergunta 734 - A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à lei da Natureza?

“Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização.”

Emmanuel ainda amplia nosso entendimento sobre o assunto ao expor a questão no livro “O Consolador”:

129 – É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?

A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes conseqüências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos. Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento de tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores.

Pergunta 2

Se a reencarnação é programada, por que Deus permite a evolução da ciência a ponto do ser humano interferir no DNA antes do nascimento e podermos escolher as características físicas do ser?

O progresso da Ciência é uma questão natural e necessária, pois os arquitetos do “Mundo Maior” superior, ao “escutarem” os lamentos de dor, ou as necessidades básicas do Ser Humano, como a questão do transporte ou da iluminação, de muitos irmãos domiciliados no mundo físico, preparam reencarnações de Espíritos mais esclarecidos, com a permissão de Nosso Senhor Jesus, que serão responsáveis pela implantação de várias invenções, de medidas saneadoras, na saúde pública, na codificação de vacinas, como a da paralisia infantil, anestésicos ou dos antibióticos, como a penicilina (grupo de antibióticos utilizados para tratar uma grande variedade de infecções bacterianas). A descoberta deste antibiótico,



atribuída a **Alexander Fleming**, a partir de setembro de 1928, colocara a Ciência médica em movimento para criar uma das drogas mais usadas na história médica. “O Mundo” implorou a luz, e graças ao trabalho dos Srs. Thomas A. Edison e Nikola Tesla, o mundo iluminou-se. Enfim, que ninguém menospreze o progresso da Ciência, por medo ou preconceito, pois o Plano Espiritual encontra-se atento às necessidades do Espírito humano.

A pergunta 36, do livro “O Consolador”, ditada pelo Espírito Emmanuel e psicografada pelo médium mineiro Chico Xavier, traz a resposta exata a respeito da manipulação genética, pois, a pergunta envolve questões éticas muito sérias, que precisamos considerar.

36. Pode a genética estatuir medidas que melhorem o homem?

Se essa Ciência investigar os fatores espirituais, aderindo aos elevados princípios que objetivam a iluminação das almas humanas, então, poderá criar um vasto serviço de melhoramento e regeneração do homem espiritual no mundo, de outro modo, poderá ser uma notável mentora da **eugenia**, (crenças e práticas cujo objetivo é criar seres humanos “ideais” através do controle genético da população), uma grande escultora das formas celulares, mas estará sempre fria para o espírito humano, podendo transformar-se em marionete abominável nas mãos impiedosas dos políticos racistas.

Pergunta 3

Por que a maioria dos indivíduos necessitam idolatrar imagens por se sentirem seguros ou mais próximos de Deus?

Por considerar a importância da Fé nas manifestações sagradas das Criaturas Humanas, nos valemos do pensamento de Emmanuel, que consta da resposta à pergunta 214 do livro “**O Consolador**”: “Criaturas há que, para manter sua energia espiritual sempre ativa, precisam concentrar a atenção em algum objeto tangível, visando aos estados sugestivos indispensáveis às suas realizações, **como esses crente que não prescindem de imagens e símbolos materiais para admitir a eficácia de suas preces**”. Emmanuel se refere àquelas pessoas dotadas de faculdades mediúnicas, mas que, ainda, não possuem o entendimento Espírita. Ou seja, como as cartomantes, que precisam da bola de cristal ou do jogo de cartas, vamos dizer, necessárias ao desembaraço das faculdades subconscientes, agora, caso a médium tivesse o entendimento Espírita, ela não usaria esses



expedientes, por reconhecer como desnecessários, já que os Espíritos são os protagonistas principais, nesse processo de intercâmbio espiritual, pois eles são atraídos pelo pensamento, e, também, pelo sentimento.

Por que seria prática estranha o culto às imagens que tanto necessitamos para nos dirigir ao eterno?

A resposta a esse questionamento, encontramos na pergunta 373 do Livro “**O Consolador**”, em que Emmanuel, através da psicografia do médium mineiro Chico Xavier, afirma que “as reuniões doutrinárias devem observar o máximo de simplicidade, como as assembleias humildes e sinceras do Cristianismo primitivo, abstendo-se de qualquer expressão que apele mais para os sentidos materiais que **para a alma profunda**, a grande esquecida de todos os tempos da Humanidade”. Logo, é uma prática estranha o culto às imagens, nas manifestações da prática Espírita, pois, essa atitude desloca o eixo de nossas preocupações, fazendo-nos esquecer o trabalho de renovação da nossa alma.

Ampliando, esse entendimento, podemos afirmar que o Espiritismo não admite o culto a imagens, mas, também, a altares, velas, incensos, água benta, novenas, talismãs, amuletos, cartomancia e despachos, pois tais práticas ritualísticas se afastam da fé raciocinada e não se harmonizam com a simplicidade do Cristianismo primitivo.



Jarbas Varanda, junto à médium Antuza, foram protagonistas de uma das belas páginas do Espiritismo em Uberaba, por referência às manifestações simples do Cristianismo Primitivo, mas, também, por representar o modo de ser da Religião Espírita, ou seja, a forma como devemos conduzir uma Casa Espírita, para que o “crente” se preocupe com os interesses espirituais.



Os santos são reconhecidos pelo espiritismo?

Para responder a esse questionamento, devemos considerar o que Emmanuel responde à pergunta 297, no Livro “**O Consolador**”: “Tudo o que ligardes na Terra, será ligado no Céu, se os sacerdotes, tantas vezes, não se mostram dignos de falar no mundo em nome de Deus?” Faz-se indispensável observar que **as palavras do Cristo foram dirigidas aos apóstolos. Os méritos dos apóstolos de modo algum poderiam ser automaticamente transferidos aos sacerdotes degenerados pelos interesses políticos e financeiros de determinados grupos terrestres**, uma vez que mais desviou o sentido sagrado da lição do Cristo.

Observada a lição anterior, já podemos responder se **os santos são reconhecidos pelo espiritismo**, também, através, de Emmanuel, com a resposta à pergunta 84 no livro “**O Consolador**”: “**A canonização é um processo muito arrojado das ambições humanas, para ser considerado perante a verdade espiritual**. Conhecemos inquisidores, verdugos de povos e traidores do bem, conduzidos ao altar e ao falso julgamento da política humana. A prece dos devotos invocando o seu socorro muitas vezes sem se lembrarem da paternidade de Deus, ecoa-lhes no coração perturbado como vozes de acusação terrível e dolorosa, porquanto reavivam ainda mais a nudez de suas feridas”. Essa a razão, porque o Espiritismo não reconhece a existência dos chamados Santos da Igreja Católica, apesar de respeitar, profundamente, a vida e as maravilhosas lições de humildade e renúncia dos mártires do Cristianismo Primitivo, ou por todos os que se notabilizaram por suas existências iluminadas de amor e verdade.

Receber homenagens ou ser reverenciado pelo serviço cristão é prática estranha à doutrina dos espíritos?

Apesar de caracterizar-se como uma convenção humana, se o Espírita guarda a consciência tranquila no dever cumprido, não se caracteriza como uma prática estranha, visto que o reconhecimento da Comunidade ao serviço cristão é uma forma de visualização da atividade Espírita, seja no campo mediúcnico ou da assistência fraterna, como fatores de progresso social.

Pergunta 4

Fazer promessas e cumprir não seria uma forma de sacrifício para alcançar uma benção que a prece não alcançou?

Fazer promessas pode ser um meio fácil de tentar obter o que se quer, mas



para merecer e conseguir aquilo que se almeja é necessário ter a alma o mais limpa possível, conforme recomenda Jesus: “*Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la*”. (**O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo X, Mateus, 5:23 e 24.**)

Pergunta 5

Atividades culturais, filmes, livros, peças de teatro com fins lucrativos ou para pagamento de despesas a profissionais, seria prática estranha ao Espiritismo?

A respeito de atividades que envolvam profissionais de diversas áreas, como a arte espírita, por exemplo, o ideal é o seu incentivo, mas sem qualquer ideia de lucro, pois, afinal, é do interesse dos verdadeiros Espíritas, apenas, administrar interesses evangélicos. Evidentemente que apesar da execução de peças teatrais, de temática espírita, com atores profissionais não significar profissionalismo religioso, esses eventos deveriam ser realizados em espaços culturais adequados à exibição profissional, não sendo pertinente sua realização em recintos das Casas Espíritas. A não ser que os atores façam essas apresentações gratuitamente, nesse caso, poderia haver a sua exibição em espaços espíritas, o que permitiria a participação de todos, sem distinção de classes sociais, evitando a elitização no movimento espírita.

Pergunta 6

Em velório, as velas, flores e paramentos, constituem prática estranha à Doutrina Espírita? Existe velório Espírita?

O velório deve ser um momento consagrado a prece e vibrações, àquele que se encontra em processo de desligamento do corpo físico. Considerando, portanto, a importância desse momento para o desencarnante, a atitude de respeito e os pensamentos elevados é fundamental, para que o ambiente esteja iluminado de muita paz, favorecendo, assim, o trabalho dos Espíritos que foram designados para essa tarefa. Quanto a existência de velório Espírita, não encontramos na literatura Espírita qualquer referência à sua existência, apenas a menção da espiritualidade superior de que deveríamos buscar a prece e, se possível, uma música suave, abstendo-se de qualquer expressão material, como velas, flores e paramentos, que não tenha qualquer significado para a alma imortal.



Pergunta 7

Benção espírita em casamento no civil é prática espírita conveniente?

A alegria dos noivos da família, nesse momento tão importante para o futuro dos noivos, merece algumas palavras de encorajamento e bom animo. Devemos recordar que o próprio **Senhor**, nas Bodas de Caná, **amplia a alegria** de todos os presentes, ao transformar água em vinho. Entretanto, deve ficar claro que, assim como Nosso Senhor realizou sua atividade no clima da fé e da naturalidade, o orador Espírita, quando chamado a falar, que ele possa preservar a fé Espírita, além de manter a disposição de **ampliar a alegria** dos noivos, mas, sem qualquer intenção de se transformar em um Pastor ou Sacerdote, com objetivo claro de autopromover-se, caindo nas malhas do personalismo.

Pergunta 8

Como separar as atividades profissionais das atividades doutrinárias? É errado ganhar dinheiro quando se é profissional da área e tem relação com o Espiritismo? E a venda de livros, é correto cobrar pelos livros?

Chico Xavier, assim como o Apóstolo Paulo, ilustrou bem a ideia de separar o profissional do Espiritual. O Apóstolo Paulo realizou seus trabalhos de tecelão para que tivesse condições financeiras para se movimentar entre as cidades e não se tornar um fardo para ninguém. Somente à noite que ele ia para os trabalhos espirituais doar seu tempo e dedicação gratuitamente. Chico Xavier teve o seu trabalho profissional, principalmente como Escriturário na Fazenda Modelo. Somente depois do horário de trabalho ele atendia as pessoas, psicografava e participava das atividades nos centros espíritas. Dormia praticamente 2 ou 3 horas por noite e só depois de aposentar que se dedicou integralmente à causa Espírita sem nunca cobrar por nada. Os direitos de todos os seus livros psicografados foram doados, pois ele dizia não pertencer a ele e, sim, aos Espíritos.

No entanto, alguns casos, no sentido de atuação profissional, merecem ser destacados:

Médico Espírita que possua alguma mediunidade: o médico deveria conseguir separar o atendimento proveniente dos seus conhecimentos profissionais, do atendimento que teria a intervenção ou auxílio espiritual. Como, muitas vezes, é difícil detectar essa linha de atuação que pode ser tênue, o correto seria que o médico separasse o atendimento profissional, do



atendimento espiritual, nunca cobrando pelo atendimento espiritual. O ideal mesmo seria, ao se detectar que um atendimento necessitasse de um apoio espiritual, que o médico pode oferecer, a partir daí ele não cobrasse de forma nenhuma. Para dar apoio a essa afirmação basta lembrarmos da atuação do médico Bezerra de Menezes, em que ele fazia inúmeros atendimentos gratuitos, principalmente quando não tinham condição de pagar.

Artistas e diretores Espíritas: em se tratando de espetáculos ou filmes espíritas, deve-se sempre utilizar o bom senso. Se a apresentação espírita é de um centro espírita, não há motivo nenhum para que se cobre por tal apresentação por ser uma atividade doutrinária. Se a apresentação ou filme for de fora de uma casa espírita deve-se analisar os casos pessoalmente. Se os diretores e atores não forem espíritas, eles não têm compromisso com a causa doutrinária e, portanto, seria mais um trabalho profissional que eles executam. Se forem espíritas, então a causa é mais importante que o ganho material e, o ideal seria que não se cobrasse por sua participação ou que o seu cachê fosse revertido para instituições beneficentes. O ator ou diretor poderia querer separar o seu trabalho profissional que merecesse um ganho material do trabalho espiritual, que envolvesse a sua inspiração e a divulgação da doutrina. Mas como separar isso totalmente? O mais difícil é que as pessoas querem misturar o material e o espiritual e, por vezes, acabam não dando de graça o que de graça receberam.

Trabalhadores Espíritas de editoras Espíritas: o trabalho em uma editora Espírita envolve prioritariamente a divulgação ou difusão doutrinária, e, portanto, deveria ser praticada com todo desinteresse e amor pela causa Espírita. Seria nos mesmos moldes da diretoria e dos trabalhadores de uma instituição Espírita, em que ninguém recebe um salário só porque está trabalhando numa casa espírita. O ideal, portanto, seria os trabalhadores abdicarem de qualquer possível ganho material para que pudessem trabalhar tranquilamente de consciência limpa. Quando se tem esse desejo de acertar, a própria espiritualidade encontra meios de ajudar para que a pessoa encontre outro meio de subsistência que não seja algo que envolva a Doutrina Espírita diretamente. Lembrando que Chico Xavier recomendava que um médium de psicografia não fosse responsável por uma editora para não configurar conflito de interesses, já que o próprio médium iria psicografar, vender seu próprio livro e gerir os recursos financeiros, o que não é possível. Da mesma forma que a



Espiritualidade superior não recomenda que um médium de psicografia ou de psicofonia dirija algum trabalho na casa espírita, pois são funções diferentes que exigem estruturas espirituais diferentes.

Sobre a venda de livros: Kardec, assim como Chico Xavier, necessitaram vender os seus livros porque como eles não podiam ter editoras, eles dependiam de uma editora que publicassem suas obras e do trabalho profissional de várias pessoas. E as editoras, espíritas ou não, necessitam de algum valor nos livros para que possam custear a publicação e se manterem funcionando. Portanto, imprimir os livros têm um custo, mas isso não quer dizer que se deva ter o lucro no livro, se a editora for espírita. O valor do livro deve ser cobrado somente para que a editora consiga arcar com as despesas. E isso é muito diferente de um Evento Espírita que não pode ser cobrado de forma nenhuma. Isso porque o livro envolve recursos, empresas e pessoas que, não necessariamente sejam Espíritas, e que atuam nas diversas etapas. Já um Evento Espírita só envolve os trabalhadores espíritas de uma Casa Espírita e, portanto, sendo exclusivamente Doutrinário, não deve ser cobrado, já que Jesus nunca cobrou para que alguém escutasse a Boa Nova. Outro ponto importante a ser lembrado é que o livro necessitava dessa divulgação e de várias publicações para que se espalhasse no mundo, já que estava sendo codificada. O Evento Espírita pode ser gratuito, basta que os trabalhadores da própria casa dividam os custos. Ou seja, se é possível não cobrar, ainda mais com todas as tecnologias que existem hoje, por que cobrar? Por isso é que defendemos a ideia, com relação aos livros, que pelo menos os livros digitais sejam distribuídos gratuitamente para que todos possam ter acesso às obras. Concluindo, o livro foi e é uma necessidade para o edifício doutrinário, ao passo que Eventos Espíritas e Congressos não são essenciais à Doutrina. O essencial, além dos livros, é o acolhimento das pessoas numa Casa Espírita e os trabalhos que se efetuam dentro dela, envolvendo, de preferência, poucas pessoas, num círculo familiar em que o povo possa participar de forma natural e se sentindo à vontade. É recomendável a leitura da Revista Espírita, dezembro de 1961, sobre a Organização do Espiritismo.

Pergunta 9

A utilização da nomenclatura “Doutor” pode ser considerada Elitismo?

Depende da intenção da resposta. Quando é utilizada com o intuito de



destacar as conquistas acadêmicas ou para exaltar algum título profissional (Doutor, mestre, etc...), possuindo ou não a titulação de doutorado ou mestrado, pode ser considerada uma forma de elitismo, por concitar uma separação ou segregação, em relação aos próximos. Quando é por atitude de respeito ou carinho, não há problema algum, já que o próprio Chico Xavier, em entrevista, já havia abordado tal questão, dizendo que sempre chamava vários amigos de Doutor, por consideração e apreço, muitas vezes por conta da elevada bagagem cultural e de conhecimento. Devemos lembrar que, por respeito e amor, chamados Jesus de “Senhor Jesus” ou “Mestre Jesus” e isso indica a veneração, sem idolatria, pelo ser, por sua importância em nossas vidas.

Pergunta 10

O que se deve pensar sobre a existência de cursos (com ou sem conquista de diploma) de Espiritismo, nas Casas Espíritas, para inclusive, como condição para aceitar novos trabalhadores?

A existência de cursos ou módulos que se assemelham ao progresso acadêmico só causa segregação e é uma forma de Elitismo. O Centro Espírita deve ser simples e fornecer sempre os meios para que alguém possa aprender e fazer parte da equipe dos trabalhadores. Qualquer trabalho deve e pode ser feito por aqueles que possuem interesse e boa vontade (passes, assistência fraterna, evangelho, evangelização), com exceção de trabalhos mediúnicos (desobsessão, psicografia) em que se necessita de estudos aprofundados sobre o tema, sem a existência de determinados pré-requisitos, somente as sugestões que a própria Doutrina indica (estudo dos livros: Livro dos Médiuns, Desobsessão e Nos Domínios da Mediunidade) já que o maior órgão orientador da Doutrina Espírita é o próprio Espiritismo com Jesus, Kardec e Chico.

A existência de cursos que se assemelham aos acadêmicos se torna um profissionalismo religioso, já que o Espiritismo não possui dogmas, rituais e nem formalismos, que mais afastam do que auxiliam. Ninguém pode ser considerado “professor” em Doutrina Espírita, já que somos todos aprendizes.

Precisamos sempre lembrar que: *“O apostolado de Allan Kardec é a restauração do Cristianismo simples e claro, em que Jesus procura o povo e o povo encontra Jesus.” (Emmanuel, Estude e Viva, Lição 12 – Mensagem de companheiro).*

Capítulo VIII

CONSIDERAÇÕES FINAIS





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos numa época difícil, em que o Espiritismo vem sendo atacado e com sucessivas tentativas de deturpação pelos próprios prosélitos. Kardec já havia avisado que os maiores inimigos da Doutrina estariam no próprio seio. Estamos revivendo a tentativa de modificação dos princípios, da mesma forma que ocorreu quando o Cristianismo simples e puro foi moldado aos interesses de Roma no Concílio de Constantinopla. Como sabemos, a Doutrina é de Jesus, e sendo divina, é sempre causa de ataque dos seres das trevas (encarnados e desencarnados). O Evangelho Segundo o Espiritismo nos diz que as grandes ideias são sempre atacadas e combatidas, seja por ignorância ou por interesses pessoais.

Os ataques vão sendo ministrados por várias frentes: na questão do elitismo (segregação), do profissionalismo religioso (fazer da religião uma profissão e um motivo de ganhos materiais), nas práticas estranhas ao Espiritismo (Reiki, rituais, dogmas, imagens, cromoterapia, etc.), nas adulterações dos livros e no autointitulado “espiritismo progressista”, no qual Kardec é acusado de racista.

Atualmente, apesar das advertências dos Espíritos e do próprio Allan Kardec, quanto

aos períodos históricos e as tendências do movimento, **os espíritas insistem em introduzir práticas estranhas ao corpo doutrinário do Espiritismo**. Muitos Espíritas, não conseguindo se adaptar ao Espiritismo, vão, aos poucos, adaptando a doutrina às suas conveniências, fantasias, aos seus limites morais, **e trazendo, para os centros espíritas, práticas ritualísticas com suas preferências místicas**, e isso, com influências sobre as mentes mais fracas, os exaltados ou aqueles que, segundo Kardec, se convenceram quanto aos fenômenos mas não apreendem o seu alcance moral ou espiritual.

Para as nossas considerações finais, precisamos fazer uma distinção entre Doutrina Espírita e Movimento Espírita, ou seja, o Espiritismo manifestando-se em duas dimensões, a dimensão teórica que diz respeito à Doutrina, consubstanciando os postulados fundamentais do Espiritismo, e a dimensão prática representada por um conjunto de atividades presentes nas tarefas dos Centros Espíritas, nos congressos, confraternizações e reuniões, em geral, dos companheiros de ideal espírita.

Pode acontecer, muitas vezes, que o movimento espírita não espelhe a Doutrina Espírita, representando, nesse caso, uma questão de



responsabilidade e discernimento por parte daqueles que se propõem a difundir os postulados Espíritas. Então, o movimento espírita pode refletir ou não a Doutrina Espírita, em termos de vivência prática, em função da forma que o Espírita imprima ao Movimento.

Para que o movimento espírita possa refletir a Doutrina, ele deve estar baseado nos postulados fundamentais do espiritismo e ser expressão de sua finalidade básica, caracterizado pela revivescência do Cristianismo Primitivo e, portanto, se apresentar na feição que recorde as tradições simples, vivenciadas por Jesus e seus discípulos. Na verdade, com o avanço da Doutrina, essa apresentação do Espiritismo encontrará muitos obstáculos à sua implantação, em função da dificuldade de muitos companheiros não conseguirem aceitar a simplicidade que caracteriza o Cristianismo Primitivo, e, portanto, a feição evangélica da Doutrina que lhe revive os ensinamentos.

Uma vez compreendida a diferença entre Doutrina e Movimento Espírita, podemos comentar a atitude de diversos Espíritas ao declararem que deixaram de ser Espírita e apresentarem seus argumentos. Em seu discurso, eles alegam diversas razões relacionadas ao **movimento espírita** criticando atitudes e pensamentos de determinados espíritas, chegando mesmo a afirmar que o movimento espírita fracassou.

Ou seja, a ojeriza que muitos espíritas sentem pelo espiritismo tem por base as manifestações do movimento espírita, as atitudes de determinados confrades que, por falta de estudo, vaidade ou personalismo, se deixam envolver nas teias das ideias pessoais. Falam, inclusive, da atitude de determinados médiuns, reconhecidos nacionalmente, que usam da mediunidade para se promoverem, comparando-os a verdadeiros atores, a representarem sua tola vaidade. Concordamos que este é um assunto grave, que deveria servir de meditação e oportunidade de mudança de atitude, por parte desses oradores, que acabam comprometendo a credibilidade do movimento espírita.

Entretanto, devemos perceber que, o que eles visualizaram, e que acabou afastando-os do Espiritismo, **foi uma realidade vivida pelo movimento espírita, e que, nos casos analisados por ele, não é expressão da Doutrina Espírita, já que existe uma enorme diferença entre movimento e doutrina espírita.** É claro que na teoria, o movimento deveria ser expressão fiel da Doutrina, mas a presença humana pode, em muitos casos, descaracterizar os princípios fundamentais em sua expressão



prática, mas que, em momento algum, compromete a integridade do corpo doutrinário.

Por exemplo, um dos pontos que os desagradaram foi a constatação de que os Espíritas não pensam, não raciocinam, e estão aceitando muitas ideias que chegam através dos livros espíritas ou de expositores, como ideias prontas e acabadas, sendo muitas vezes repetidas sem qualquer reflexão a respeito. Nesse ponto, devemos considerar dois aspectos, uma crítica acertada para o movimento espírita, e uma falta de conhecimento dos princípios básicos da Doutrina. Por um lado, a crítica tem seu valor porque, realmente, no movimento espírita, de um modo geral, os Espíritas não utilizam o critério preconizado por Kardec, de meditar com profundidade e passar tudo pelo crivo da razão, seja individualmente ou em grupo. Aliás, o que se constata é que nas casas espíritas, os grupos de estudo das obras básicas são muito reduzidos.

Outro aspecto a ser considerado nessa questão é o endeusamento dos oradores e médiuns espíritas, que impede as pessoas de terem raciocínio próprio, abstendo-se de dialogar em torno das ideias e de questionar pontos doutrinários. Trata-se, em verdade, de um alerta fraterno aos Espíritas, para que não venha a acontecer, novamente, o que aconteceu com o Cristianismo, conforme afirmativa do Espírito de Verdade, em O Evangelho Segundo o Espiritismo: **“No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram”**

Por outro lado, a crítica é infundada perante uma Doutrina, que estabelece, em seus fundamentos básicos, a razão como um dos critérios do processo de conhecimento. Aliás, esse critério encontra-se inserido na codificação através da expressão: **“fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade”**. Devemos lembrar que a Doutrina somente foi aceita como postulado científico e filosófico porque o Codificador conseguiu materializar princípios metafísicos através do laboratório mediúnico, colocando a fé subordinada a princípios racionais, decretando, por isso mesmo, o fim das ideias dogmáticas.

Em linhas gerais, o descontentamento é com o Movimento Espírita e não com a Doutrina, que representa, na atualidade, a maior fonte de informações espirituais ao ser humano. Esse fato é decorrente da liberdade que a própria doutrina espírita oferece aos seus adeptos,



em termos de vivência prática de seus princípios, sendo de lamentar que os Espíritas se esqueçam de guardar fidelidade aos seus princípios fundamentais.

Portanto, o movimento espírita, em diversos pontos, realmente não está espelhando a Doutrina Espírita, como, por exemplo, na introdução de práticas estranhas ao espiritismo, como a utilização de trajes especiais, a cromoterapia, a técnica dos cristais e a cobrança para participação em eventos, práticas contrárias às tradições simples do cristianismo primitivo. Mas daí chegar-se à conclusão de que o movimento fracassou, existe uma grande distância.

O que os Espíritas deveriam fazer é percorrer o país anotando o imenso trabalho daqueles que estão, de forma humilde e anônima, em trabalho nos órgãos de unificação, estudando e permutando experiências, para a unificação dos Grupos Espíritas em torno dos princípios básicos da Doutrina; enxergar a beleza das práticas espíritas que refletem a simplicidade original do Cristianismo, como as visitas aos doentes, o trabalho da sopa fraterna ou as peregrinações aos lares carentes; conhecer o trabalho mediúnico nas reuniões da desobsessão ou nos serviços de passes, além das inúmeras obras de assistência, corporificadas por almas simples e laboriosas, cujo objetivo principal é vivenciar os preceitos do Cristo, e aprender para melhorar.

Nesse sentido, o estudo das obras básicas da Codificação Kardequiana e da obra de Chico Xavier, de forma constante e meditada, é fundamental para o esclarecimento e afastamento de práticas estranhas que venham a perturbar a marcha da Revelação Espírita.

Acreditamos que na mensagem Unificação, com alguns trechos transcritos abaixo, esteja condensado as principais orientações, não somente para o serviço de unificação, mas, também, um alerta fraterno a todos os Espíritas para o estudo da obra de Kardec, “a fim de que a nossa fé não faça hipnose, pela qual o domínio da sombra se estabelece sobre as mentes mais fracas, acorrentando-as a séculos de ilusão e sofrimento”, conforme nos diz Bezerra de Menezes.



UNIFICAÇÃO

Mensagem recebida por Chico Xavier, em 20-4-1963, Uberaba, MG

O serviço de Unificação em nossas fileiras é urgente, mas não apressado. Uma afirmativa parece destruir a outra. Mas não é assim. É urgente porque define o objetivo a que devemos todos visar; mas não apressado, porquanto não nos compete violentar consciência alguma.

Mantenhamos o propósito de irmanar, aproximar, confraternizar e compreender, e, **se possível, estabeleçamos em cada lugar, onde o nome do Espiritismo apareça por legenda de luz, um grupo de estudo, ainda que reduzido, da Obra Kardequiana, à luz do Cristo de Deus.**

A Doutrina Espírita possui os seus aspectos essenciais em configuração tríptica. Que ninguém seja cerceado em seus anseios de construção e produção. Quem se afeiçoe à ciência que a cultive em sua dignidade, quem se devote à filosofia que lhe engrandeça os postulados e quem se consagre à religião que lhe divinize as aspirações, mas que a base kardequiana permaneça em tudo e todos, para que não venhamos a perder o equilíbrio sobre os alicerces e que se nos levanta a organização.

Allan Kardec, nos estudos, nas cogitações, nas atividades, nas obras, a fim de que a nossa fé não faça hipnose, pela qual o domínio da sombra se estabelece sobre as mentes mais fracas, acorrentando-as a séculos de ilusão e sofrimento. Libertação da palavra divina é desentranhar o ensinamento do Cristo de todos os cárceres a que foi algemado e, na atualidade, sem querer qualquer privilégio para nós, apenas o Espiritismo retém bastante força moral para se não prender a interesses subalternos e efetuar a recuperação da luz que se derrama do verbo cristalino do Mestre, dessedentando e orientando as almas.

É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios. Respeito a todas as criaturas, apreço a todas as autoridades, devotamento ao bem comum e instrução do povo, em todas as direções, sobre as Verdades do espírito, imutáveis, eternas. Nada que lembre castas, discriminações, evidências individuais injustificáveis, privilégios, imunidades, prioridades.

Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec para todos.

Bezerra de Menezes



Tratamos de assuntos atuais, temas polêmicos e questões sensíveis, mas que são importantes para que todos possam conhecer a Doutrina libertadora. As atitudes atuais dos supostos “representantes” da doutrina e dos formadores de opinião ajudam a trazer desinformação e somente atrasam a difusão do Consolador Prometido por Jesus que é o Espiritismo. Precisamos estudar, aprofundar e realmente estabelecer com harmonia, desinteresse e amor aos ensinamentos do Cristo, a verdadeira base, que já nos foi trazida, fazendo a nossa parte, mesmo que seja uma gota d’água que o beija-flor da fábula leva para apagar o incêndio que se alastra. Ao final da “última hora”, Jesus vem vindo com seus missionários de amor, que trazem a chuva de ensinamentos e o corretivo necessário para ajustar nossa embarcação, vencer o incêndio da iniquidade, e assim, somente os verdadeiros servidores ficarão no novo planeta de regeneração.

Finalizando nossos apontamentos, lembraríamos que devemos respeitar todas as crenças, pontos de vista de quaisquer pessoas que não compreendem os postulados fundamentais do Espiritismo ou que adotam práticas que não encontram respaldo na finalidade da Terceira Revelação, mas isso não significa que devemos aprová-los, adotá-los, divulgá-los ou recomendá-los. Não, isso não! Temos obrigações intransferíveis para com a Doutrina Espírita. É absolutamente necessário que defendamos os princípios doutrinários com simplicidade e dedicação, sem intolerância, sem radicalismos, sem concessões indesejáveis, sem contemporizações, a pretexto de não criarmos problemas para o movimento. Esses fatos nos demonstram, sempre, a necessidade da vigilância com relação à preservação da pureza dos preceitos básicos da Doutrina Espírita.



Referências Bibliográficas

- KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 1. ed. Rio de Janeiro, CELD, 2000.
- KARDEC, Allan. **A Gênese**. 1. ed. Rio de Janeiro, CELD, 2003.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**.
- KARDEC, Allan. **Revista Espírita**.
- PIRES, Herculano. **Agonia das Religiões**.
- PIRES, Herculano. **O Espírito e o Tempo**.
- VARANDA, Jarbas Leone. **Bases do Espiritismo**.
- VIEIRA, Waldo. André Luiz. **Conduta Espírita**.
- XAVIER, Chico. Bezerra de Menezes. **Mensagem Unificação**.
- XAVIER, Chico. Emmanuel. **A Caminho da Luz**.
- XAVIER, Chico. Emmanuel. **Coletânea do Além**.
- XAVIER, Chico. Emmanuel. **Estude e Viva**.
- XAVIER, Chico. Emmanuel. **Livro da Esperança**.
- XAVIER, Chico. Emmanuel. **Luz no Caminho**.
- XAVIER, Chico. Emmanuel. **O Consolador**.
- XAVIER, Chico. Emmanuel. **Paulo e Estevão**.
- XAVIER, Chico. Emmanuel. **Vinha de Luz**.
- XAVIER, Chico. Espíritos Diversos. **Encontros no Tempo**.
- XAVIER, Chico. Espíritos Diversos. **Ideal Espírita**.
- XAVIER, Chico. Irmão X. **Estante da Vida**.
- XAVIER, Chico; VIEIRA, Waldo. André Luiz. **Desobsessão**.



INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

Departamento de Comunicação
Difusão Doutrinária

2ª Revisão – Agosto/2024

Autores Intelectuais

Jarbas Leone Varanda
Lenice S. Varanda
Leonel S. Varanda
Roberto Salgado G. Filho

Capa e Revisão

Guilherme Leone A. Pereira

UM LIVRO DIFERENTE

O presente trabalho, com relação aos estudos sobre as Práticas Estranhas ao Espiritismo, iniciou-se em meados de 2017, quando se criou um grupo, nas redes sociais, de “Amigos do Chico” em que se reuniram pessoas que conviveram com dedicação real pelo codificador, o maior seguidor de Cristo e a maior antena mediúnic, chamado, na última encarnação, de Francisco Cândido Xavier.

Depois da criação de tal grupo, estabeleceu-se a necessidade de criar um livro em que se estudasse e demonstrasse a existência das Práticas Estranhas e os males que têm causado ao movimento e ao entendimento real da Doutrina Espírita, que é dos Espíritos Superiores, presidido pelo Espírito da Verdade e, em última instância, trazido por Jesus.

Com o intuito de fidelidade e defesa Doutrinária, na sua pureza simples e cristalina, todos concordaram em dar andamento a esse projeto, cada um trazendo sua contribuição para que, mais tarde, lançássemos um livro com a compilação de todos os artigos. À medida que o tempo passou, outros projetos cruciais surgiram, como o combate às Adulterações das Obras de Chico Xavier, o esclarecimento com relação aos ataques contra Jesus pelos adversários da Doutrina chamados “Espíritas Progressistas”, o combate ao Elitismo e Eventos Pagos, a comprovação por fatos e psicografias da realidade inequívoca de Kardec ser Chico Xavier, dentre outros temas relevantes e, por isso, não se deu continuidade ao projeto do livro inicial.

A nós, a família Varanda, como herdeiros do pensamento do nosso inestimável Jarbas Leone Varanda, coube a continuidade de sua batalha espiritual na defesa da pureza Doutrinária, e do projeto, principalmente no combate às Práticas Estranhas à Doutrina dos Espíritos. Assim, surgiu esta obra, inicialmente como um livreto doutrinário da coleção, mas após várias contribuições, tornou-se um livro, com um alcance muito maior. É claro que nossa contribuição foi ínfima, sempre destacando que somos só instrumentos, porque o livro em si foi organizado pelos benfeitores amigos. Só nos resta a alegria e a gratidão!

*Família Varanda (Lenice, Leonel, Guilherme e Roberto)
Uberaba, inverno de 2024.*

Realização:

